

**AUDIÊNCIA PÚBLICA**

**CASO ARNALDO CARDOSO ROCHA, IURI XAVIER PEREIRA,  
ALEX DE PAULA XAVIER PEREIRA, GELSON REICHER, ANA  
MARIA NACINOVIC CORRÊA, MARCOS NONATO DA FONSECA,  
FRANCISCO EMANUEL PENTEADO E FRANCISCO SIKO  
OKAMA**

**COMISSÃO DA VERDADE**

**PRESIDENTE**

**DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT**

**24/02/14**

**COMISSÃO DA VERDADE**  
**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.**

**24/02/14**

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, 108ª Audiência Pública. 24 de fevereiro de 2014, Auditório Teotônio Vilela.

Está instalada a 108ª Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 24 de fevereiro, no Auditório Teotônio Vilela para oitiva de depoimentos sobre os casos de assassinatos de Alex de Paula Xavier Pereira, Gelson Reicher, Iuri Xavier Pereira, Ana Nacinovic Correa, Marcos Nonato da Fonseca, Arnaldo Cardoso Rocha, Francisco Emmanuel Penteado e Francisco Seiko Okama.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as audiências abertas ao público.

A composição da mesa e a formação da mesa. Representando a Comissão Nacional da Verdade, Dr. José Carlos Dias; Iara Xavier Pereira, militante da Ação Libertadora Nacional e irmã de Alex e Iuri.

Queria já convidar pra constituir a mesa o Francisco Carlos de Andrade, ex-preso político; Pedro Luiz Lemos Cunha, perito criminal da Comissão Nacional da Verdade e o Mauro Yared, perito criminal da Comissão Nacional da Verdade. Então queria pedir... Bom dia. Os dois peritos também, por favor, já compusessem. Senta aí ao lado, doutor; e os dois peritos ao lado da Iara, por favor.

Então vou passar a palavra para o Dr. José Carlos Dias em nome da Comissão Nacional da Verdade fazer a instalação da sessão.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Deputado Adriano Diogo, com muita honra participo desta audiência pública, que é uma audiência realizada pela Comissão Nacional da Verdade com a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva. É uma honra participar em conjunto com a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, que vem realizando indiscutivelmente um trabalho extraordinário, deputado.

Eu testemunho isso acompanhando o trabalho que é feito em todas as comissões pelo Brasil afora. Indiscutivelmente, talvez seja a Comissão Estadual do Estado de São Paulo Rubens Paiva aquela que mais trabalho vem desenvolvendo em prol das investigações.

A contribuição que esta Comissão dará, sem dúvida, para o nosso relatório final, para o relatório final que nós apresentaremos em dezembro à nação brasileira, e à nação brasileira só não, a todo mundo, porque eu acho que será um momento em que nós poderemos dizer às gerações de hoje, aos jovens, o que aconteceu no passado. É nossa obrigação, não é, deputado? É realmente resgatar a história, recontar a história para que no futuro não se repita. Para que nós possamos dizer realmente “tortura nunca mais!”, “Ditadura nunca mais!”, “opressão nunca mais!”; para que nós... Só podemos pensar num país em direção à democracia quando nós realmente pudermos ter a garantia de que todas as liberdades estão garantidas.

Deputado, devolvo à V. Exa. a palavra para conduzir os trabalhos.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Iara Xavier Pereira.**

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Bom dia. Cumprimento aqui o Deputado Adriano e o Dr. José Carlos; agradecendo aqui a presença de todos, à Petit, a Nivaldo... Ivan, meu companheiro de tantas jornadas em busca dos nossos companheiros; companheira Darci... E agradecendo aqui especialmente a presença do Chico, companheiro da ALN que tanto sofreu naquele DOI-CODI. E a gente sabe o quanto é muito doloroso lembrar isso e todas as vezes que nós precisamos da colaboração deles, sempre atenciosamente nos atenderam e eu agradeço. Agradeço aqui a presença da Lúcia Petit familiar que teve os três irmãos assassinados na Guerrilha do Araguaia, também companheira na nossa jornada na Comissão de Familiares. Laura, desculpa.

É muito difícil resgatar a história porque eu conheci e convivi com os oito. Já se passaram mais de 40 anos e continuam presentes e continua pra nós a aflição. Se nós temos os corpos, Laura, nós não encerramos o nosso luto. Continuamos em busca de nos aproximarmos da verdade. Antigamente, quando a gente era mais jovem, a gente tinha um pouco a crença, Dr. José Carlos, de que nós íamos conseguir saber a verdade. Hoje, depois desses 40 anos caminhando, eu sei que nós nunca vamos ter o conhecimento pleno da verdade, das circunstâncias da morte dos nossos companheiros,

familiares e amigos. Mas nós somos persistentes. Como diz o ditado um pouco ufanista: o brasileiro não desiste nunca. Nós, familiares, não desistimos nunca. Mantemos sempre acesa a chama de que nós vamos conseguir recuperar, ainda que seja um pouquinho da parcela da história, para que a sociedade brasileira conheça o que passou.

Alex era meu irmão do meio e Gelson foi meu companheiro na Ação Libertadora Nacional. Ambos foram assassinados aos 22 anos. Gelson prestes a fazer 23. E hoje quando a gente pensa assim: “nossa, 22 anos!”... E a intensidade de vida que eles tiveram muito grande.

Alex era carioca, filho de pais comunistas. Gelson era paulista, judeu de família judia que migrou da Polônia, que sofreu os horrores do nazismo. Duas personalidades, duas trajetórias que talvez, numa época comum, nunca talvez tivessem se encontrado. Gelson, menino precoce. Passou para a faculdade de Medicina cedo. Alex não gostava muito dos estudos, era muito irreverente, era extremamente carismático, um típico carioca mesmo. Gostava muito da... Tinha uma alegria de viver muito grande. E aos 15 anos, está fazendo agora 50 anos do Golpe Militar, nossa casa foi cercada. Mas antes de eles chegarem minha mãe e meu pai retiraram a gente de casa temendo a prisão. Eles foram para a clandestinidade e nós, os três filhos, o Iuri era o mais velho, eu era caçula, tinha 12 anos, fomos espalhados na casa de amigos e assim vivemos um ano até que em abril de 1965, considerando seguro, meus pais voltaram pra casa e a família se reuniu. A partir daí houve um engajamento do Alex no Partido Comunista.

Alex sempre foi uma pessoa muito combativa, o senso de justiça sempre esteve muito forte na nossa casa, assim como na casa de Gelson. E Alex teve sua militância no Pedro II, tradicional colégio do Rio. Lá ele criou, junto com os amigos, um centro anarquista onde ele discutia política, religião, fazia atividades. Eles participavam de montanhismo... Mas ele entra na dissidência do PCB, do qual surge o Agrupamento Comunista, que vai originar a Ação Libertadora Nacional muito cedo.

Em 1968 Alex é destacado por Carlos Marighella para ir fazer treinamento em Cuba. E ele retorna e prontamente assume as tarefas até ser assassinado em 20 de janeiro de 1972.

Gelson, como eu disse, era filho de Berel e Blima e era um menino extremamente inteligente por todos que conheceram e conviveram. Sua irmã, Felícia, relata que desde pequena o pai contava muitas histórias das perseguições nazistas, que era um jeito da família não esquecer os horrores daquela época. E seu pai sempre... Depois da morte de Gelson, se sentiu um pouco culpado, como todo pai, né? De que ele

poderia ter influenciado as decisões de Gelson. Ele entra na ALN junto com outros colegas da faculdade de Medicina: Antônio Carlos Nogueira Cabral, Lídia Guerlenda, Reinaldo Morano... E ele era muito dedicado. Ele gostava muito de escrever poesia e peça. Imediatamente ele assume com o Iuri a criação dos jornais "Primeiro de Maio" e "Ação", da imprensa clandestina da ALN.

Eu vou me permitir aqui ler um breve relato da Lídia, que foi companheira dele na faculdade de Medicina e depois na ALN, que resgata um pouco do que era o Gelson: “um jovem inteligentíssimo, muito culto, perspicaz, bem humorado, que impressionava a todos que o conheceram. Escrevia poesia, texto, música, com a facilidade que caracteriza os gênios. Estudou o curso científico no colégio Alexandre Gusmão, no bairro Ipiranga, onde seus pais tinham, inclusive, uma loja. Paralelamente, fez curso de direção teatral no Sesc e criou e dirigiu um grupo de teatro no colégio Alexandre Gusmão. Na Faculdade de Medicina da USP foi autor, ator e diretor do grupo de teatro de medicina do Caoc, o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Participou das Bandeiras Científicas, que eram as precursoras do Projeto Rondon, realizado pelo Caoc. Foi o representante dos alunos junto à congregação dos professores na citada faculdade.

No início de sua militância recebeu de Joaquim Câmara Ferreira a tarefa de viajar ao exterior para fazer contato com os militantes exilados. Nessa viagem fez treinamento para manuseio de armas, entre elas as metralhadoras. Teve participação destacada nas ações da ALN desde o seu ingresso até a sua morte. Foi coordenador de um dos grupos da Ação, que atuava em São Paulo.

Gelson e Alex foram cobrir um ponto. Iara e eu ficamos esperando e tomando um guaraná da Antártica. Já faz 40 anos e aquele guaraná não termina nunca”.

Eles saíram e nós realmente íamos almoçar e ficamos aguardando eles. Então é uma imagem que a gente tem deles indo.

A versão da morte oficial de Gelson e Alex era de que eles avançaram um sinal e casualmente tinha uma patrulha do DOI passando, e eles quase atropelaram uma senhora e a patrulha então foi verificar quem era aquele tresloucado. E aí eles reagiram, foi morto um cabo, que estava voluntariamente, foi fazer trabalho no DOI-CODI e os dois foram então mortos ali, na troca de tiroteio. Esse acaso nós sempre contestamos, porque nós sabíamos que ele tinha saído para ir cobrir um ponto, um encontro com outro militante que já no dia anterior não tinha comparecido.

Em 1992, com a abertura dos arquivos, nós achamos a prova de que realmente não foi um acaso fortuito. O depoente declara que tem um ponto com Alex de Paula

Xavier Pereira no dia 19, na Rua Grécia, com alternativa para o dia seguinte, às 11 horas, na Rua Jandira, número 500. Alex tem os cabelos curtos, assim, assim, assim, tipo físico. E no dia 19 informa que se ele furar o ponto "vai cobrir uma referência", quer dizer, um ponto seguinte, às 11 horas, na Rua Jandira, 500, que foi pra onde eles se dirigiram no dia.

As evidências de que Alex e Gelson não morreram naquele local, foram levados a algum local antes de ir para o IML, foram: não teve perícia local, você imagina, morreram três pessoas na rua, inclusive o cabo do DOI-CODI e não teve perícia; saiu ferido um tenente, só identificado pelo codinome Leão; durante 48 horas nós ficamos sem saber o que tinha ocorrido porque não foi noticiado nada, só no dia 22 noticiam o tiroteio e morte; Alex e Gelson chegam ao IML despídos, vestidos apenas de cueca. Isso é descrito, registrado pelo médico conhecido por todos nós familiares, Isaac Abramovitch. Quer dizer, como eles estariam, onde estavam as roupas deles?

Com o caso de Alex e Gelson, Dr. José Carlos e Deputado Adriano, nós temos o caso de ocultação de cadáver, porque no laudo foi datilografado com o nome João Maria de Freitas, nome verdadeiro: Alex de Paula, escrito à mão; Gelson Reicher com o nome falso: Emiliano Sessa. E eles argumentam que eram os documentos que eles estavam portando. Portanto, eles não tinham como identificá-los e aí teriam sido sepultados com esse nome falso.

Nos arquivos do STM, na apelação 40577, há os autos de apreensão e exibição onde o capitão então da época, Pedro Ivo Moézia de Lima, chefe da seção administrativa do DOI, exhibe às autoridades um certificado militar número 64385, em nome de Gelson Reicher. Declaração de rendimento em nome de Gelson Reicher, carteira de identidade número tal em nome de Gelson Reicher, a carteira do centro acadêmico, que estava com ele, em nome de Gelson Reicher; e depois vem uma série de documentos com o nome falso, inclusive o de Emiliano, Ernesto. Então cai por terra de que eles não sabiam quem era ele, porque ele estava com documento legal, com número facilmente comprovável. De todos aqueles documentos, qual era o falso, qual era o verdadeiro.

Tem também o auto de exibição de arma. Apenas foi apreendido um revólver calibre 32. Panfletos, que estavam no carro, chapas, placas de carro... O Alex só estava com documentos falsos, já vivia na clandestinidade há muito tempo. Então essas provas, Dr. José Carlos Dias, são de que eles ocultaram por alguma razão, não foi gratuito.

Aqui cabe ressaltar que o médico, Dr. Isaac Abramovitch, era professor do Gelson na faculdade de Medicina, era vizinho da família; conhecia Gelson tanto da faculdade, além de que era israelita, judeus, e disse depois ao pai do Gelson que ele não reconheceu o Gelson, ele não teve um princípio humanitário sequer de avisar os familiares do Gelson. Deixou ele ser sepultado como indigente, com nome falso, no Cemitério Dom Bosco de Perus.

Nós temos declarante da certidão de óbito Francisco Brandino dos Santos Filho, que vai e declara que aquele é João Maria de Freitas e Emiliano Sessa, ocorrendo na falsidade ideológica. Ele é um servidor público, um funcionário público, policial militar.

Para complicar ainda um pouco mais e mostrar como era a máquina, Dr. José Carlos e Dr. Adriano, passados alguns meses, o juiz auditor Nelson da Silva Guimarães Machado, que está vivo, foi convocado e não vai comparecer, reside no Rio; ele encaminha um ofício para o delegado do DOPS, Dr. Alcides, solicitando que sejam encaminhadas certidões de óbito de Alex e de Gelson para que seja extinta a punibilidade.

Esse delegado, eu não sei qual é o termo jurídico, comete mais, no meu entender, um crime. “Encaminho ao senhor”, excelentíssimo juiz, “a certidão de óbito de João Maria de Freitas e de Emiliano Sessa”, que eram as identidades falsas de Alex de Paula e de Gelson Reicher com a qual eles portavam e aí foram sepultados. E o juiz, pasme, ainda que seja um juiz auditor, recebe essas certidões e extingue a punibilidade com base num documento falso, pra mim é falso; e sequer determina que sejam retificados os óbitos, ao menos isso; “olha, vocês cometeram um equívoco, agora retifica”. Não. E assim e mais outros casos, como de Flávio Molina, Frederico Mayr e tantos outros, este mesmo juiz e o outro, porque eram dois; José Paulo Paiva, que já faleceu, recebem as certidões extinguem e não determinam nada. Então nós vemos que a operação que eles tinham era do DOI, operação, busca, captura, morte; passava pela conveniência no IML; passava, pra mim, pela conveniência do cartório, do 20º Cartório aqui do Jardim América, onde mais de 90% dos atestados de óbito, sejam falsos, sejam os verdadeiros, foram lavrados; passavam pela conveniência dos médicos legistas, adulterando os laudos de necropsia, aos declarantes de óbito, e chegavam na justiça, na máquina perfeita e montada para esconder os crimes.

Esse é o caso então de ocultação de cadáver que eu acho que mereceria um estudo aprofundado por parte da Comissão Nacional da Verdade para esclarecimento de como era o *modus operandi* dos órgãos de repressão.

No caso do Gelson, a família, depois que saiu a notícia, o médico legista possibilitou, aí nós não sabemos ao certo, talvez a irmã dele, Felícia, pudesse esclarecer, doutor; ele é retirado do cemitério, à tarde vai estar aqui o administrador, e sepultado então no Cemitério Israelita. O prazo, quando esses dados, eu não tenho, mas o Gelson é retirado em seguida. Alex nós levamos vários anos, até que uma tia minha chega nesse cemitério, consegue identificar, com a ajuda desse administrador, e nós promovemos então a retificação do atestado de óbito. Em 1980 levamos os restos mortais, que são identificados como de Alex, mas que até hoje, desde 1996, nós tentamos exames de DNA e não tem sido possível a extração para que a gente possa ter realmente a certeza de que se trata de Alex.

Concluindo, nós vamos ter as falas dos peritos explicando os ferimentos, do que tem, da possibilidade de que aquela versão oficial ou não, se eles foram capturados ou não. Nós somos uma família muito persistente, eu acho, como todas. Nós exumamos esses restos mortais, tanto Iuri quanto Alex, depois fizemos com a Ana, com a família e Marcos Nonato e foi feito estudo pelo Luis Fondebrider, antropólogo forense da equipe argentina; pelo Dr. Nelson Massini. Tudo isso ainda com vista a instruir o processo da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos.

Gelson levou pelo menos 10 tiros, isso relatado pelo próprio Isaac Abramovitch; Alex, sete. Os agentes envolvidos na morte de Alex, que nós conseguimos algumas pistas com os documentos... Para todos os nomes que eu vou citar aqui existe um documento. O comandante do DOI-CODI então, em janeiro de 1972, Carlos Alberto Brilhante Ustra, o tenente Leão, ferido durante a captura onde é morto o cabo Silas Bispo Fech; Pedro Ivo Moézia de Lima, capitão à disposição do DOI-CODI do Exército, chefe da seção administrativa; Dulcídio Wanderley Boschilia, primeiro sargento, à disposição do DOI-CODI do Segundo Exército; Renato D'Andréa, delegado da polícia em janeiro de 1972, adido ao DOI-CODI. A turma de busca e apreensão B3C1, integrante do DOI-CODI, que é quem faz as apreensões... Eu gostaria aqui, Dr. José Carlos e Dr. Adriano, que seja intimado pra saber as turmas, os nomes. Não constam os nomes. Jair Romeu, que era do IML de São Paulo; Antônio Valentim, médico legista, Isaac Abramovitch, médico legista, Abeylard de Queiroz Orsini, médico legista. São os três médicos envolvidos no laudo falso. Arnaldo Siqueira, diretor do IML; Nelson da Silva Machado Guimarães, juiz auditor da Segunda Auditoria. Dr. José Paulo Paiva, juiz auditor da Primeira Auditoria, que receberam as certidões emitidas com nomes falsos foram coniventes com a ocultação de cadáver, já que não

determinaram a retificação dos atestados de óbito. Alcides Cintra Bueno, delegado titular, que encaminhou as certidões falsas ao juiz e Francisco Brandino dos Santos Filho, declarante das certidões falsas de Alex e Gelson.

O Estado reconheceu a responsabilidade sobre as mortes de Alex e Gelson no âmbito da Lei 9140, mas não esclareceu as circunstâncias. Nós, familiares, hoje, ainda queremos essas circunstâncias. Nós, enquanto familiares de Alex, temos uma posição a respeito da Memória, Verdade e Justiça. Há 40 anos do seu assassinato nós requeremos junto à CNV uma investigação para que sejam esclarecidas as circunstâncias da sua morte, bem como a identificação dos autores para que se efetive o direito à verdade, dada a natureza política dos fatos, dos crimes perpetrados pelos agentes do Estado, nós firmamos alguns princípios: os atos praticados por Alex e seus companheiros foram atos legítimos de rebelião contra um regime ditatorial ilegítimo. A busca da verdade sobre o assassinato de Alex, quando hoje vige um Estado de direito democrático não implica em esquecimento dos crimes do Estado ditatorial de ontem. Essa iniciativa está inserida no contexto da luta pelo direito à memória de que todos e todas que lutaram contra a ditadura militar e, no caso específico de Alex, na luta pela memória enquanto opositor político que ousou levantar em armas contra a tirania.

Reconhecemos os avanços da anistia política, mas ela não é suficiente. Reconhecemos os avanços da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos, mas declaramos que é necessário identificar os responsáveis e ao menos garantir o direito pleno à verdade que esperamos que possa ser garantido pela Comissão Nacional da Verdade.

Informamos que buscamos na justiça, baseados nos princípios dos direitos humanos, perante os órgãos do Poder Judiciário nacional e do Sistema Internacional dos Direitos Humanos, como já ocorreu no caso Gomes Lund versus Brasil, caso Araguaia, que condenou o Estado brasileiro.

Os familiares de Alex sofreram anos sem saber o paradeiro de seu corpo. A família tem o direito ao resgate da verdade, das circunstâncias reais de como ocorreram os fatos, de como ele morreu e a identificação dos agentes do Estado responsáveis. Lutamos igualmente pelo resgate de todos e todas que não se calaram, não se omitiram e ousaram se levantar contra a ditadura militar, especialmente aqueles que combateram a ditadura visando realizar uma utopia de uma nova sociedade democrática socialista.

A ilusão de que o esquecimento é suficiente para eliminar do cenário histórico determinados períodos sempre foi desmascarada, pois a história não pode ser sepultada

como indigente e sobre o nome falso. Assim como os mortos enterrados no Cemitério de Dom Bosco, Perus, um dia ela ressurgiu em sua plenitude.

Presente e futuro são resultados de ações passadas, ignoradas deliberadamente não levam ao seu desaparecimento. Restabelecer a verdade histórica é um compromisso com o presente e com as gerações futuras. Nesse sentido, desmascarar versões falsas e reconhecer os desmandos e crueldades cometidos em nome da segurança de um Estado ditatorial, cumpre um papel histórico essencial para a construção e consolidação de um Estado democrático igualitário confiante no futuro e que não teme assumir os erros do passado.

Os familiares de Alex acreditam que o caso da sua prisão, tortura e assassinato, ocultação de cadáver, é um caso de grave violação dos direitos humanos. Esperamos da Comissão Nacional da Verdade a sua devida cabal e integral apuração, apontando as circunstâncias, instituições e os agentes responsáveis. Contudo, os familiares de Alex cobram do Estado brasileiro não apenas o esclarecimento da perseguição política, tortura, assassinato e ocultação que foram ditos, mas... E não apenas o estabelecimento do seus direitos à memória e verdade, mas declaramos e atuamos no sentido de que se faça justiça.

Alex de Paula Xavier Pereira, presente agora e sempre. Gelson Reicher, presente agora e sempre. Agradeço e desculpa ser estendido. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – A Dra. Maria Rita Kehl, *inaudível* no acompanhamento dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade. Eu passo a palavra ao Pedro Luiz Lemos Cunha... Não, perdão: ao Francisco Carlos de Andrade, ex-presos político.

Então, perdão, a Iara vai fazer a apresentação dos três: do Iuri, da Ana Maria e do Marcos Nonato também? Então ela vai fazer em seguida... Depois é que nós vamos passar a palavra para os peritos e para as testemunhas.

Bom, então agora ela vai fazer uma retrospectiva da vida de seu irmão mais velho Iuri Xavier Pereira e de Ana Maria Nacinovic e do Marcos Nonato da Fonseca. Com a palavra, a companheira.

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Todos percebem que é muito difícil, né, mas para ter uma sequência e depois nós entrarmos na parte técnica é melhor do que interromper a fala, ainda que seja muito difícil.

Bem, Iuri era o filho mais velho. Ele morre aos 23 anos, a Aninha aos 25 e o Marcos aos 19 anos. Os três eram cariocas. Iuri, não vou relatar também, filho da família... Ele teve uma militância estudantil muito ativa. Ele foi para a escola técnica federal; ele sempre gostou muito de ler e escrever. Lá ele fundou e dirigiu vários jornais da AETI, "O Moita", "Radar", chegando ao jornal "O Micro", que chegou a ter quatro mil exemplares, isso em 1966. Foi vice-presidente da UNETI, da União Nacional dos Estudantes Técnicos e Industriais.

Com a edição do Ato 5, a família novamente, agora já de forma definitiva, passa à clandestinidade. Iuri organizou comitê secundarista do Partido Comunista; acompanha a cisão, em 1967, a organização da ALN. Ele também sai para um treinamento em Cuba e retorna. A partir de quando o Iuri retorna, ele passa a integrar ainda, junto com o comandante Toledo, Joaquim Câmara Ferreira, uma coordenação em São Paulo e após a morte, o assassinato de Câmara Ferreira, em 23 de outubro de 1970, Iuri passa a ser membro efetivo do comando nacional da ALN até sua morte, em 14 de junho de 1972.

Ele lá, como nós falamos, manteve os jornais, onde o Gelson era um participante ativo. Ele escreveu muito texto. Tinha um texto base que seria discutido pela Organização, onde ele faz uma reflexão. Vou ler só um trecho onde ele diz: “o momento que atravessa a Organização e o movimento armado é realmente crítico. Necessitam medidas enérgicas e firmes mas também cuidado nos passos a dar. Em razão da situação presente há muitas dúvidas sobre o que fazer e como fazer. O que pensa a direção? Qual a causa dos golpes sofridos?”

E ele fala que durante os anos 1968, 1969, a organização subestimava muito a teoria, valia era a ação. E ele volta a dizer que nesse momento a organização tem que voltar a fazer uma reflexão, a priorizar a teoria, entendeu? Buscar estudos... E nesse ponto, inclusive, o Marquinhos estava designado de coletar livros, não só de teoria marxista, de economia, pra fazer os cursos de formação. Quando eu me reintegro à Organização também eu fico junto com ele com essa tarefa. Ele percorria aqui em São Paulo os sebos em busca de localizar, como um garimpo mesmo, e se achava três ele vinha frustrado, porque não podia comprar os três pra não chamar atenção. Então ele pegava e comprava um romance e pegava um outro para o livreiro, imagina, São Paulo, ainda que fosse já uma grande cidade, mas quem frequentava ali podia ser marcado. E

num desses sebos, inclusive, ele encontrou várias vezes o Delfim, também percorrendo o sebo em busca de livros.

E o Iuri então diz que tem que começar a ser produzidos textos, que os militantes têm que voltar a estudar, a ter uma compreensão da política.

“Para romper o círculo vicioso em que estava, Marighella lançou a palavra de ordem da ação: esta era a que poderia romper com os velhos esquemas e criar uma nova realidade. Ele estimulava ao máximo a ação. Essa contribuição de Marighella foi decisiva. Essa posição era justa na situação daquela época. Isso porque já agora a luta criava necessidades e exigências simples como fazer a guerra.” E aí ele vai mostrando assim uma maturidade para entender política... E ele não tinha medo de criticar o que tínhamos feito no passado, porque às vezes a gente fica, naquela época, né? De “ah, como que eu vou ser visto?” Ele não só não tinha medo como ele escrevia que nós devíamos ter uma visão crítica.

E a última parte que eu quero relatar aqui: “Marighella não tinha como objetivo com nossa Organização ser a vanguarda da revolução brasileira. O que pretendia era que desencadeássemos e estendêssemos ao limite nossa capacidade de ações armadas. Tinha consciência e expôs claramente que a vanguarda de nossa revolução se estava forjando com os combatentes de todas as organizações e que tal vanguarda se cristalizaria na guerrilha rural e no exército revolucionário de libertação nacional.”

Quando o Iuri é assassinado a direção publica esse texto e publica uma homenagem, que eu vou me permitir ler: “Iuri e os companheiros que com ele caíram são exemplo do novo tipo de militante revolucionário, são homens e mulheres que resistem à repressão pelo direito de continuarem livres, cumprindo com seu dever de fazer revolução. Preferem a morte heroica à atitude de traidores, trãnsfugas, permanecendo fiéis à sua organização, aos seus companheiros, sua classe e seu povo.”

Aninha nasceu no Rio. Era uma moça que tinha muitos dons, tendência para matemática e para arte também. Estudava piano desde cedo e o professor dela incentivava que ela fosse fazer arte, privilegiar, dar mais atenção. Mas ela fez científico e estava fazendo pré-vestibular para Engenharia quando, como era normal naquela época, se casa. Não prestou vestibular, o casamento a frustrou e ela ingressa como segunda colocada na faculdade de Belas Artes, no Rio. Era uma menina muito sensível, em que pese ter um cérebro muito lógico pela matemática.

Ela se liga à organização ALN em 1970 e é deslocada para São Paulo, onde tem uma participação muito ativa. A sua mãe escreveu um breve relato pra gente, que pego

um trecho: “para a idealista que era e que sempre demonstrou no seu dia a dia, atitudes de solidariedade em relação ao próximo, caíram em campo fértil as sementes de rebelião contra o regime autoritário que dominava o país. Era a época aterrorizante do ditador Emílio Garrastazu Médici. Aquela mocinha inexperiente, mal saída dos bancos escolares e de um casamento frustrado, aos poucos se converteria na guerrilheira cujos retratos nos aeroportos, rodoviárias e outros locais públicos apontavam como subversiva e perigosa. Seguiu-se uma época de aflição e angústia para sua mãe e demais familiares, até que chegasse o momento fatal. Momento em que toda ternura daquele coraçãozinho que só aspirava à igualdade entre os homens, daqueles imensos olhos azuis que só queriam contemplar o lado bom da vida, converteu-se em trevas e escuridão.”

Marquinhos era do Rio de Janeiro, de família humilde. Seu pai era cozinheiro, sua mãe era manicure. Ele tinha que ajudar em casa cuidando os irmãos enquanto os pais trabalhavam. Ele ingressou muito jovem na Organização, com 16 anos. Sempre foi um militante disciplinado. Quando a gente é muito jovem, eu digo isso porque eu também vivi isso, a gente precisa às vezes exacerbar essa disciplina pra ser levado a sério. A gente era os mascotes. Ele é deslocado pra Belo Horizonte em 1971, onde Aldo de Sá Brito, seu companheiro, é assassinado. De lá ele vai para São Paulo. Como eu falei, ele estava fazendo a aquisição dos livros, preparando o curso de formação.

Escreveu uma última carta pra sua mãe em dezembro de 1971 onde diz: “Estou escrevendo novamente depois de um longo tempo sem mandar notícias. O povo perdeu combatentes de valor como Marighella, Câmara Ferreira, Lamarca e tantos outros. Mas apesar disso nossa luta não terminou, porque é a luta de um povo contra seus opressores. Estou me lembrando que amanhã vai fazer dois anos que estivemos juntos pela última vez. Foi na passagem do ano de 1969 para 1970. Não me arrependo do caminho que escolhi. Até uma outra vez. Seu saudoso filho.”

A versão oficial da morte de Iuri, Ana e Marcos era a de que eles estavam almoçando num restaurante; a polícia, sempre muito casualmente, passando pelo local, suspeita de um carro estacionado – essa é uma das versões – e pela placa vê que era de um carro roubado e circulando pelo local, entra no restaurante, vê eles e monta uma emboscada. Depois os colegas aqui, peritos... Colegas, não, os peritos, eu não sou perito, vão mostrar. Nós localizamos um documento onde tem um croqui dessa emboscada. E Marcos sai, Iuri, Ana e um sobrevivente, Antônio Carlos Bicalho Lana. Quando eles chegam ao Volkswagen, o Lana – isso é o relato dele – se abaixa pra abrir a porta, o Fusca só tem duas portas, e começa o tiroteio. O Lana é atingido no braço, na

perna e no pé. Diz que se joga, fica jogado ali. Pra você abrir o carro sem ser sentado você meio que se deita; quando vê que o tiroteio parou, ele levanta e sai correndo em direção a um posto de gasolina. Diz que viu Ana e Iuri correndo pra um lado, imagina, tudo é muito fugaz, e ele consegue pegar um carro e escapar. Ele é assassinado em novembro de 1973.

Nós também, nos arquivos do Superior Tribunal Militar, conseguimos resgatar os autos de exibição do que que foi apreendido. Os óbitos foram lavrados... O médico, como sempre, foi Isaac Abramovitch; o Iuri é sepultado com seu nome verdadeiro, como indigente, no Cemitério Dom Bosco de Perus. A Ana Maria e o Marcos, os familiares vieram buscar os corpos, que são entregues em caixão lacrado e o diretor Alcides autoriza e passa um, naquela época era Telex, para o diretor do DOPS do Rio, dizendo pra acompanhar e solicitando não permitir qualquer manifestação de caráter político durante os funerais. O atestado de óbito é lavrado nesse 20º Subdistrito do Jardim América, no cartório, e o declarante é o Pedro de Oliveira, Pedro Nunes de Oliveira, policial militar, tem o RG dele registrado na certidão da época. Esses dados depois desaparecem da certidão, fica só o nome sem a qualificação. Isso em todos os que eu acompanhei.

As evidências de que Iuri, Ana e Marcos são levados para outro local, antes de chegar ao IML, nós vamos ter o depoimento do Francisco Carlos de Andrade, nosso companheiro que estava preso; o Iuri tem uma ficha de identificação não do IML, mas do Destacamento de Operações de Informações – CODI, Segundo Exército, onde diz: “identificado estado cadavérico” e tem um detalhe em sinais particulares: “usa óculos, Miopia”. Isso foi uma coisa, quando nós descobrimos essa ficha, vocês podem ver na foto ali, ele está de óculos, depois ele nem sempre usa; que essa é uma informação... Qual a utilidade para uma identificação do cadáver? E segundo: a miopia, numa pessoa morta, *ininteligível* você não pode saber se é miopia, se é astigmatismo, qual é o problema... Você sabe quando é miopia quando a pessoa franze o olho, está sem óculos, para tentar enxergar. Quer dizer, como eles souberam que o Iuri... E ele era míope, era míope. Não é um defeito visível, que você possa identificar num cadáver. Podia até dizer “usa óculos”, que no dia, pelo que eu me lembre, porque eu encontrei ele um pouco antes, ele não estava com óculos. Mas vamos dizer que estava no bolso...

No campo do motivo diz da prisão, subversão e terrorismo. Foi localizada também a ficha de Ana Maria, também identificada em estado cadavérico, a mesma noção. As duas fichas são do DOI-CODI. Quer dizer, o DOI-CODI naquela época era

uma sucursal de identificação? Você recolhia os mortos na rua, levava para o DOI-CODI para identificar para depois ir de novo para o IML fazer identificação? Então isso pra nós é um indício de que eles eram capturados e levados, DOI-CODI ou depois, mais pra frente, para algum sítio clandestino e local até a sua execução.

No laudo de necropsia do Iuri ele chega vestido também só de cueca e meia. Ele chega no IML, as roupas, sapato, tudo sumiu. Ana Maria é mais grave, ela chega despida. Totalmente nua. O Marcos chega sem camisa, mas ele está de calça, está até de sapato também, e sem camisa. O laudo, como eu falei, é do Isaac Abramovitch e do Abeylard de Queiroz.

Como eu disse, tanto o Iuri quanto o Marcos, quanto a Ana, foram objeto de nova exumação. Só para entender um pouco, a exumação administrativa, aqui quem já fez de algum familiar, você sabe que o pessoal do cemitério pega os ossos lá, o cabelo... Não se preocupa em recolher tudo. Então, como essas exumações já eram secundárias, ou no caso aqui, vai ser a terceira, perdem-se muitos elementos. Mas no caso do Iuri, que vai ser detalhado depois, é encontrado o tiro de execução na nuca, ainda na cabeça, demonstrando que ainda que o tiroteio tenha ocorrido, que nós não duvidamos, ele não morreu ali e foi executado com um tiro.

Os restos de Ana estavam muito fragilizados, tinham sido já exumados, mas junto com eles foram localizados três projéteis, que à época foram à comissão especial, tinha um convênio com a polícia civil do Distrito Federal. Foram encaminhados para o perito em balística pra ver se chegava alguma coisa. Três balas ainda estavam nessa exumação. Então, no caso do Iuri, o Fondebrider afirma que foi homicídio, por causa do tiro. Se a pessoa está morta não precisa fazer um tiro que é característico de execução.

No caso do Marcos faltavam muitos elementos, ele não pôde fazer nenhuma afirmação, a não ser o legista, Dr. Nelson Massini, que diz que possivelmente tiros na posição deitada. No caso de Ana o laudo só descreve dois orifícios de entrada, com sua respectiva saída, inclusive uma frontal que sai no occipital e se acham três. O Fondebrider acha uma lesão no fêmur direito, indicativo de que pode ter sido em vida, mas ele não tinha todos os elementos pra fazer uma afirmação categórica de que ela teria levado esse tiro na perna. O perito Celso Nenevê da polícia civil do DF, analisando o laudo de Ana... Uma coisa que chama atenção é ela estar de boca entreaberta, demonstrando uma dificuldade de respirar, mas como não há maiores elementos de ferimento do que pode ter sido... Ela tem um ferimento no seio, que pela má qualidade da foto não é possível checar se é uma arma branca, que tipo de ferimento é esse.

Os agentes envolvidos na captura de Ana, Iuri e Marcos eram o então comandante do DOI-CODI, Carlos Alberto Brilhante Ustra, o senhor Pedro Lima Moézia de Lima, o Dulcídio... Vocês veem que os nomes se repetem sempre, né? Dulcídio Wanderley Boschilia, Renato D'Andréa, Jair Romeu, Isaac Abramovitch, Abeylard de Queiroz Orsini, Arnaldo Siqueira e o declarante Pedro de Oliveira. E o Estado também reconheceu quando da Lei 9140 as circunstâncias, num voto proferido pela relatora Suzana Kiniger, que diz: “Evidenciado está que Ana Maria, Iuri e Marcos Nonato foram mortos quando já se encontravam sob a guarda de agentes do Estado, sendo dever desta Comissão acolher a solicitação de seus familiares colocando seus nomes dentro da lista de vítimas do regime militar”.

Aqui nós refrisamos toda a fala da luta dos familiares pelo direito à memória, verdade e justiça, que eu não vou me repetir pra não cansar vocês. Agradeço a atenção e passo a palavra. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Então vamos agora ouvir o Francisco Carlos de Andrade, que é uma testemunha importante desses fatos, desses casos, que conviveu com os companheiros da época. Com a palavra, Francisco.

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Bom dia. Meu nome é Francisco Andrade. Fui militante da ALN durante muito tempo, de um grupo chamado GTA, em que todas essas pessoas eram participantes desse grupo. Então a gente se encontrava praticamente todo dia e às vezes mais de uma vez por dia. Então conhecia eles muito bem e o meu depoimento é uma coisa que... Eu sei que o que eu vi, não é uma coisa de relance, não é uma pessoa que eu via eventualmente, era gente que eu conhecia muito bem.

Bom, primeiro o caso do Alex e do Gelson. Eu fui preso em novembro de 1971, final de novembro de 1971, entre interrogatórios de polícia, não sei o quê, tinha uma coisa que... Eles me levaram algumas vezes no prédio do Detran na tentativa de identificar uma pessoa, que agora eu não sei quem é, porque eles achavam que essa pessoa, que era um militante também, mas não consigo me recordar, tinha uma habilitação legal, então deveria ter um prontuário no Detran com a foto dele, algum

registro de alguma coisa. Então me levaram algumas vezes nesse prédio do Detran, já era aí, pra ver esses formulários, esses prontuários.

Num desses dias, que eu não me lembrava bem, acabei de ler aqui agora também, eles são chamados, alguma comunicação de rádio; pegam-me, põem dentro daquela C14 que eles usavam e passam por aqui, alguma coisa, eu até já andei por aqui com a Iara. Eu não sei se é na Avenida Ibirapuera ou na República do Líbano, alguma coisa. Eu sei que era uma avenida porque essa viatura, esse carro do DOI-CODI chegou, porque eu estava, parou do outro lado. Parou na pista do outro lado, tinha um canteiro central com árvores e na outra pista tinha um Fusca branco, um Volkswagen branco. Quando nós nos aproximamos, a porta do motorista estava aberta, o Gelson estava no banco do motorista caído pra trás com a cabeça levantada e dava pra ver bem que ele tinha tomado um tiro na testa. Você diz que ele levou 10 tiros. Esse era bem fácil de ver. E o Alex estava no banco do carona, meio que caído em cima dele mesmo, mas com uma jaqueta preta que eu conhecia bem. O Alex eu também conhecia muito bem. Aliás eu acho até que me pediram pra identificar e aí eu falei quem era. Mas então a cena em que eles apareceram mortos foi essa aí. Numa dessas avenidas aqui perto, dentro de um Fusca branco. Estavam de roupa, você disse que eles depois aparecem... Estavam normais.

Uma coisa é como se tivesse acabado de acontecer, não sei se pode ter sido alguma montagem, alguma coisa, podem ter trazido eles de outro lugar, eu não sei. Mas a cena que eu vi foi essa aí. Estavam os dois mortos dentro desse Fusca branco. E a porta do motorista estava aberta. Aí depois também pegaram...

**O SR.** – Você ouviu os tiros?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Não, não ouvi tiro nenhum. Eu acho que aconteceu alguma coisa e eles chamaram essa viatura que eu estava e aí eles passaram lá. Aliás, eu já andei por aqui com a Iara, a gente já tentou localizar algum local, se tinha algum morador que tivesse ouvido tiroteio, alguma coisa, mas nunca conseguimos nada.

**A SRA.** – O banco do carro estava sujo de sangue? Você disse que eles foram encontrados dentro do carro...

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – O banco? Ah, não dava para... Foi uma cena muito... Uma coisa meio rápida. O Gelson estava caído assim, com a cabeça pra trás, com um tiro na testa.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Fala no microfone toda vez que você for falar. Repete seu primeiro nome, por favor. Pra efeito de gravação.

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Francisco Carlos...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Não, não, só o Francisco.

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Ah, tá. Estava caído no banco com a cabeça pra trás com um tiro na testa, devia ter mais, porque a Iara falou que foi executado com 10, e o Alex estava no banco do carona caído, meio que em cima dele mesmo com a cabeça tombada. E mortos. E segundo o comentário ali a coisa tinha acabado de acontecer. Mas existem suspeitas de que aquilo pode ter sido uma coisa encenada e montada.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Você estava na OBAN?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Estava, eu estava preso na OBAN já. Fui preso em novembro de 1971.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – E isso ocorreu quando?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Isso ocorreu em janeiro de 1972.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Você estava na OBAN ou tinha ido para um presídio já?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Não, não. Eu estava na OBAN e de vez em quando eles me levavam pra esse prédio do Detran pra tentar identificar uma carteira legal de alguém que eu nem lembro o nome. Deveria ter uma foto. Então me trouxeram aqui algumas vezes.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Tá, então você estava na OBAN, estava preso...

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Estava preso, estava aqui por algum motivo, eles receberam alguma comunicação, alguma coisa, e esse carro em que eu estava passou aqui, nós vimos essa cena e o carro voltou para a OBAN. Eu continuei lá na OBAN. Só vi esta cena. Não escutei barulho de tiros, não vi movimentação, já não tinha carros em volta, polícia em volta... Só tinha um isolamento, uma espécie de uma fita de isolamento mas sem grandes movimentações assim. Não é uma coisa que... Parecia que já tinha acontecido há algum tempo. Bom, então eu vi os dois ali.

O outro caso é do Iuri, da Ana Maria e do Marcos. No ano de 1972, eu não lembro muito bem o porquê mas houve uma desavença entre a OBAN e o DOPS. Acho que o Dr. José Carlos Dias até sabe disso; porque as pessoas que a OBAN prendia, quer dizer, a OBAN era uma coisa que não tinha autoridade funcional, administrativa, o reconhecimento do Estado de que podia prender pessoas, era uma coisa meio

clandestina do Segundo Exército. Então a legalização das prisões era feita no DOPS, que aí prestava-se depoimento, tinha um delegado, alguém que assinava. Então todo mundo que era preso pela OBAN acabava no DOPS. Nessa época, por uma desavença que eu não sei bem qual é, as pessoas ficavam na OBAN e quando tinha que legalizar no DOPS eram levadas e trazidas todo dia. Eu mesmo devo ter ido pra prestar depoimento e essas coisas umas seis, sete, oito vezes. Levavam, ia lá, tinha o delegado, tinha o escrivão, fazia as coisas, acompanhava e voltava. As pessoas não ficavam mais presas, não eram transferidas para o DOPS. Iam lá só pra prestar depoimento. Tanto que eu acabei ficando na OBAN um ano, de novembro de 1971 a novembro de 1972. E em novembro de 1972 fui direto para o Carandiru, nem passei no DOPS.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Você ficou um ano na OBAN?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Fiquei. Fiquei um ano na OBAN.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – De quando a quando?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – De novembro de 1971 a novembro de 1972. Exatamente um ano. E de lá direto para o Carandiru, para a Casa de Detenção. Porque essa coisa do DOPS já tinha feito e eles não queriam que os presos deles ficassem no DOPS.

Bom, numa dessas voltas, porque, possivelmente, deve ser do meio da tarde pra frente, porque esses depoimentos eram sempre à tarde, né? Nunca aconteciam de manhã esses depoimentos oficiais no DOPS. Na volta de um desses depoimentos, quando o carro da OBAN parou no pátio de estacionamento... Parava num pátio, você vinha andando e entrava... Que é aqui nessa antiga delegacia aqui da Rua Tutoia. Tinha um pátio lá fora e você andava uma coisa meio aberta e entrava num portão de ferro que dava acesso à delegacia. Antes desse portão de ferro, na hora que a gente estava

voltando, eu vi três corpos no chão, que era o Iuri, a Ana Maria e o Marcos. Mortos. Vestidos. Você sempre tem insistido nessa coisa que eles quando legalizam estão todos... Estavam lá. Também uma coisa como se tivesse acontecido naquele momento. Mas nesse dia, ali no pátio da OBAN estavam os três ali e eles estavam mortos. Isso eu tenho certeza, eu vi bem, eu conhecia muito bem.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Lembra o dia?**

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE –** Li agora aqui. Lembro que era metade do ano, mas não lembrava exatamente o dia não. Mas é fácil porque esses depoimentos do DOPS eles são todos datados e assinados. Então foi num daqueles dias, não tem muita dificuldade.

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA –** Eles comentaram alguma coisa com você na hora que passou pelo corpo, não falaram nada?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE –** Não, não. Nada, nada. E eu acho que nem pediram pra identificar como pediram para o Alex e o Gelson. Tipo já sabiam quem, não precisavam disso, não sei; mas não falaram nada. Me levaram direto para... Passava num portão verde de metal, de ferro, não sei, e tinham umas celas ali dentro; me levaram direto para as celas e me deixaram ali. E os três corpos estavam ali no chão. E todos vestidos.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Lá no pátio da delegacia?**

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE –** No pátio de onde funcionava a OBAN, que era essa delegacia da Rua Tutoia.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Então, mas era mais ou menos perto daquele... Já na parte de baixo da delegacia tinha um portão de ferro...

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Na parte de baixo, isso. E em cima tinha uma rampa, ali tinha um grande estacionamento, aí tinha aquela parte de baixo, tinham umas dependências ali no fundo, aí entrava pelo portão e tinham umas celas ali embaixo. É ali, perto daquela coisa ali. Perto desse portão de ferro estavam os três corpos.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – A dúvida que sempre existe, que a Iara colocou: você acha que, pelo que você viu, eles teriam sido trazidos mortos da rua em tiroteio ou tiroteio lá, aquela emboscada lá...?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Dava a impressão de que foram trazidos mortos da rua em algum carro e colocaram os corpos ali. A impressão que dava era isso, não é a de que foram mortos ali, não. Foram trazidos mortos e colocados ali.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Pela posição dos corpos, estavam em desalinho, como quem acaba de ser morto ou dava a impressão (inaudível) ...?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Não, estavam meio jogados, estavam meio jogados. Não estava tudo alinhado como colocado com jeito, não.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – E lembra bem que estavam vestidos?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Todos, todos vestidos. Normais, normais. Ana Maria, o Iuri; e eram eles, tenho certeza. Tenho certeza absoluta. Então eu não sei quanto tempo a OBAN levou pra legalizar isso ou pra levá-los.

(Pergunta inaudível)

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Não, passei do lado. Mas muito perto, muito perto. E eu os conhecia muito bem, convivia com eles, praticamente. Pois não.

**O SR. PEDRO CUNHA** – Pedro Cunha, perito da Comissão da Verdade. O senhor passou bem perto dos três.

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Muito perto.

**O SR. PEDRO CUNHA** – Chegou a verificar a presença de sangue escorrendo, alguma poça de sangue ou viu que o sangue já estava seco?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Não, estava com aquela coisa... Aquele ar cadavérico que eles chamam, aquela coisa muito branca.

**O SR. PEDRO CUNHA** – Muito branco, já?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Muito branco. O Iuri, até, que era uma pessoa meio corada, né, meio... Ele estava muito branco.

**O SR. PEDRO CUNHA** – Eu posso retornar só um pouquinho no caso do Alex, do veículo?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Ah, lógico.

**O SR. PEDRO CUNHA** – Porque o senhor chegou próximo pra reconhecer, não foi?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – É, próximo, próximo.

**O SR. PEDRO CUNHA** – E o veículo tinha perfuração, o senhor chegou a verificar se estava com vidros quebrados...?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Tinha, tinha. Estava. Eu acho que a porta tinha tiros também. Buracos.

**O SR. PEDRO CUNHA** – A porta...? Você chegou a ver outro lugar também do veículo que estava com perfuração?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Não, o vidro da frente estava quebrado. Tinha na porta e não sei se em outros locais, não. Porque eu fiquei muito impre... Eu fiquei mais olhando para os dois do que ... Mas deu pra perceber que o vidro da frente estava quebrado e a porta tinha buracos.

**O SR. PEDRO CUNHA** – E o senhor verificou se tinha ferimento na face dele, na cabeça?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Não, o Gelson estava... Porque ele estava caído no banco com a cabeça levantada e tinha um tiro na testa. O Alex estava caído sobre ele mesmo, com a cabeça meio abaixada. Não dava pra ver se tinha...

**O SR. PEDRO CUNHA** – O Alex estava onde, no veículo?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – No banco do carona, caído sobre ele mesmo. O Gelson estava caído pra trás e o Alex estava caído meio que sobre ele mesmo, pra frente.

**O SR. PEDRO CUNHA** – Obrigado.

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Nada... Bom, os casos que eu posso testemunhar são esses dois, que eu vi e... Teve um outro do Torigoe também, mas aquele já está lá na Justiça Federal, que eu fui depor lá também. É um outro militante morto no DOI-CODI. Mas se alguém tiver alguma pergunta, quiser saber algum esclarecimento, alguma coisa...

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Iara Xavier. Francisco, a única dúvida que eu estou agora aqui, até olhei como eu resumi, era a de que a minha memória, que é falha, o Fusca era vermelho. Que não era usual a gente usar, a gente usava mais o branco e o bege, que tinha mais. Mas nesse caso, o Gelson, para ir ao aparelho, a casa onde ele morava era uma Kombi. Então ele saía com a Kombi, estacionando, inclusive, em Pinheiros, e pegava um Fusca, um Volkswagen. Nós saímos, fomos encontrar o Iuri e o Lana, Antônio Carlos Bicalho Lana, onde, inclusive, teve uma conversa se iriam cobrir esse novo encontro para esse militante ou não. Porque tudo começou no dia 18,

quando a companheira que morava com esse militante não compareceu ao encontro. No dia 19 o Iuri e o Lana foram ao encontro, esse da Rua Grécia e eles ficaram em dúvida. Até o Lana dizia: “Ah, o cara da carrocinha de picolé era polícia...” Então aquela conversa da gente ali, “era? Não era?”... “Insiste numa nova tentativa ou não?”...

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Você está falando do Telmo?

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – É. E aí se decide como nós íamos voltar. O Alex diz assim: “então eu vou com você e a gente se encontra” aí a história do guaraná, em Pinheiros, que eu estava com a Lídia, né, que tinha tido o acidente, tinha perdido a mão e nós estávamos fazendo uma prótese, que ela ia sair do país. Então eu a acompanhei no local da prótese, que era aqui no centro, e de lá voltamos a Pinheiros, onde estava a Kombi, que eles deveriam nos encontrar ali onze e meia e meio-dia, eram duas alternativas. E a minha memória, na hora que se falou que o Fusca era branco, é que o carro era vermelho. Eu olhei aqui no termo de apreensão, não está. Então é uma coisa que...

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – A minha memória não é muito boa não, mas pra essa cena é uma coisa que eu jamais vou esquecer, tenho certeza.

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Branco pra bege a gente pode até trocar, mas pra vermelho não. Como, por exemplo, eu posso ver com a Lídia, mas eu quero ver o termo de apreensão. Se consta e a cor que consta. Porque aí vai ser mais um elemento. Você tem certeza de que era branco?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Sim.

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Então eu vou tentar ver, não me lembro agora de cabeça, porque eu nunca me preocupei; o do Iuri tem a apreensão do Fusca, mas do Gelson e do Alex eu não lembro, entendeu, do termo de apreensão. Mas eu vou buscar porque é um detalhe importante.

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – Tá.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Obrigado, Chico. Bom, vamos passar para os peritos então, né?

**O SR. MAURO YARED** – Bom, pessoal, bom dia. Meu nome é Mauro, eu estou como perito da Comissão da Verdade agora, junto com o Pedro, e sou perito oficial da Polícia Civil de Brasília desde 1993.

Bom, só um histórico rápido até pra entender o porquê que a gente está trabalhando com isso. Em 2011, 2012, a gente recebeu um pedido do Dr. Claudio Fonteles pra trabalhar no caso do Marighella, pra responder alguns questionamentos. E desse momento em diante a gente começou praticamente a trabalhar junto lá na Comissão da Verdade analisando uns casos. O Celso Nenevê, que é o perito que já trabalhou com a Comissão de Mortos e Desaparecidos, especial lá do Ministério da Justiça, chamou a gente também pra trabalhar com isso e lá ficamos. Desse tempo pra cá a gente tem recebido esses pedidos e um deles, que chamou muita atenção, foi o do Arnaldo, né? A gente acabou acompanhando a exumação e acompanhando alguns outros casos, não emitindo laudos, mas pra ter conhecimento de como era uma atuação... Atuação das equipes de segurança daquela época.

De certa forma a gente conseguiu já identificar algumas coisas mas nada que a gente possa ainda divulgar como... Passar oficialmente, viu, Dr. José Carlos e Dra. Maria Rita? Mas há algumas coisas que a gente já cita aqui, até para o pessoal ter conhecimento, até porque eu acho que quem militou já sabe muito bem que isso acontecia, né? A Iara já tem ideia de que isso acontecia. Então, esses dois casos, do Iuri Xavier e do Alex, Alex de Paula são assim... De certa forma confirmam algumas coisas

que a gente viu e faz com que a gente tenha muita esperança de que o trabalho nosso consiga um dos objetivos nosso, que é realmente passar a definir padrões de atuação.

Eu gostaria de começar, viu, Márcio? Se for possível, só pra gente passar um... Para que o pessoal tenha uma ideia de como é nossa metodologia. Lógico que aí eu não quero que vocês consigam ler, que realmente é muita coisa. Então eu vou passar mais ou menos por alto como a gente trabalha. A gente não produz peça anterior de nenhum cadáver. Eu digo assim: peça técnica, não; a gente utiliza peças técnicas existentes nos processos. Laudos, pareceres, informes, fotografias... Então a gente utiliza todo esses dados técnicos. A gente não procura usar depoimentos. Exatamente porque os depoimentos são muito antigos e podem trazer informações que não são precisas nesse momento pra gente. A gente gosta de, depois, ratificar um pouco com o que a gente viu.

Bom, inicialmente, o que que a gente faz? A gente tenta pegar todos esses dados da necropsia, mesmo quando a necropsia é falha, que a gente detecta que é falha. Por quê? Porque a gente precisa de ângulos de reincidência, a gente precisa de características de lesão, a gente precisa de tudo isso pra poder montar o nosso modelo tridimensional, que é um bonequinho. Pra quem já teve boneco de brinquedo, é um boneco de brinquedo só que é no computador. Então a gente procura fazer isso com todos os dados verdadeiros lançados nos laudos. Assim, verdadeiras as informações constantes nos laudos. Obviamente que no caso do Arnaldo foi muito bom porque a gente conseguiu ver na exumação. Então isso aí a gente tem certeza absoluta de que aquilo aconteceu.

Nos outros que a gente não tem uma exumação, a gente não tem essa certeza, mas a gente tem que utilizar os dados técnicos. E os dados técnicos às vezes trazem informações importantes. Bom, essa é a primeira fase. Então a gente monta o nosso modelo com as trajetórias, trajetos internos e trajetórias e procura, com as informações que a gente tem nos laudos, buscar posições que essa pessoa estaria quando foi ferida. É um trabalho que não é rápido. A Iara sabe, ela me pediu quando foi em dezembro, né? Novembro, né? Novembro. Eu falei: "Iara, eu vou preparar seus modelos mas a gente tem outras atribuições agora que tem que correr com isso". Mas já estava preparado. Então, de certa forma, até que foi fácil o trabalho.

E aí o que que acontece? Com esses modelos a gente vai buscando informações de como essa pessoa teria sido ferida. Lógico, esse conhecimento que a gente tem de morte violenta, eu trabalho em morte violenta há 20 anos; então, morte violenta, na verdade, são crimes contra pessoa. Homicídio, suicídio, acidente, explosão, todas essas

coisas. Eu já trabalhei, ou eu ou Pedro, acidente de trânsito... Então a gente tem uma base razoavelmente boa, confiável disso aí. E uma base boa de medicina legal pra poder entender o que que o médico está dizendo ali. Então, depois de montar tudo isso a gente procura os achados da necropsia. Achados importantes que às vezes passam nos olhos das pessoas que não têm conhecimento, como eu falei hoje com a Iara, hoje, assim, né, Iara? Uma coisa muito importante pra gente que é o volume de sangue nas cavidades. Por quê? Para uma pessoa que não tem conhecimento de medicina legal isso vale pouco, mas pra gente que tem, a gente sabe que nasce daí uma sobrevida. A pessoa tem uma sobrevida quando você tem um sangramento interno. Então você tem uma informação de que a pessoa não morreu na hora, não teve uma morte tão rápida assim. E esses dados todos a gente costuma confrontar.

Então, depois que a gente fixa esses modelos, a gente cria um modelo tridimensional, com tantas pessoas quanto necessárias na situação, no caso, no evento que a gente está analisando. E a gente procura buscar determinadas proposições. A partir daí a gente faz proposições que muitas vezes não constam nos laudos, tanto de local quanto laudo necroscópico. Se puder passar, Márcio, eu vou dar uma passadinha rápida do que que a gente considera.

Bom, a gente segue mais ou menos o protocolo estabelecido pela ONU, Protocolo de Istambul, obviamente não para crimes de tortura, não seguindo os termos que eles usam, mas a gradação. A gente busca a gradação de situações conclusivas. Por exemplo: uma conclusão que é muito forte a gente caracteriza como determinante. A gente tem todos os elementos para dizer que ela é uma conclusão determinante. Uma conclusão que a gente tem elementos mas não tem o mesmo nível de certeza do que a conclusão determinante, ela passa a ser indicativa. E assim sucessivamente. A gente chega na sugestiva, que a gente tem a ideia de aquilo pode ter acontecido mas a gente não tem todos os elementos pra comprovar aquilo. Até porque a gente está trabalhando com fotos de 40 anos pra trás, laudos que muitas vezes a gente tem certeza de que não contam tudo que aconteceu ali. Então a gente tem que ter muito cuidado até pra não falar uma coisa que não consta ali, tá? Então a gente procura seguir o Protocolo de Istambul nessas gradações de conclusões pra não ter problema, tá? Vamos continuar?

No caso do Iuri, o que que à época o laudo necroscópico trouxe pra gente? Na verdade ele trouxe cinco feridas contusas, produzidas por projéteis de arma de fogo que totalizavam três projéteis atingindo o corpo. Um deles na cabeça, outro na região ilíaca, e outra no braço esquerdo, que transfixou e ficou alojada no corpo. Bom, essa era a

informação que constava do laudo da necropsia da época. Bom, a conclusão dele da morte foi choque traumático. Quer dizer, na verdade ele queria dizer que foi hemorragia interna por objeto perfuro-contundente, instrumento perfuro-contundente, no caso, projétil de arma de fogo. Aí a gente foi pegar o trabalho do Fondebrider, que foi quem fez a exumação e também os pareceres do Nelson Massini. O primeiro relatório parcial que ele fez e depois o parecer final que ele fez também, que foi o que trouxe outras informações pra gente. Vamos lá, Márcio, por favor?

No que o Fondebrider fez, a exumação que ele fez, na verdade a gente tem oito feridas nos ossos. Ou nove? Nove feridas nos ossos; na verdade, todas elas bem características, bem caracterizadas, isso foi um ganho pra gente, por quê? Porque a gente pôde ter certeza de que a maior parte dessas feridas eram feridas paralisantes, incapacitantes. E o que que significa isso? Significa que, pra gente, tecnicamente, significa que ele não teria como reagir com aquelas feridas. E por que que a placa óssea pra gente é boa? Porque ela traz realmente a informação da reação vital. Ela traz quando não tem reação vital, mas ela traz também quando tem reação vital. E trazendo isso pra gente a gente sabe que foi em vida. Só que a gente tinha algumas outras informações. Na verdade, de nove feridas a gente já constata ali que tem a possibilidade de ter muito mais do que os três projéteis que atingiram e foram descritos na necropsia.

Então, comparando com o laudo necroscópico da época, a gente vê que não foram citadas quase 50% das feridas que existiam no corpo. Agora, o porquê realmente a gente não... Eu acho que é uma coisa mais investigativa para a própria Comissão do que pra gente. A gente sabe que não teve esse lançamento dessas informações e que são informações importantes na análise de um crime. Pra gente são informações que quando não são lançadas a gente imagina que foi para esconder alguma coisa.

A gente trouxe os gráficos produzidos na época. Na verdade, o que vocês estão vendo aqui, que é à esquerda de vocês, é o primeiro gráfico, feito no IML aqui de São Paulo. Então ali vocês veem claramente são três projéteis atingindo o corpo e depois os esqueletinhos já foram na exumação feita pelo antropólogo argentino. Então ali a gente consegue ver que tem uma diferença significativa e tem aí um porém, uma observação que eu queria fazer pra vocês: no braço esquerdo constam duas lesões e na perna esquerda, embaixo, eu acho que vocês conseguem ver por aí, que ele não conseguiu definir com certeza que eram por projéteis de arma de fogo, mas ele disse que muito provavelmente foi por projétil. Então isso foi muito bom pra gente porque também muda um pouco o que foi dito no parecer do Massini. Então a gente teve essa

informação de que poderia ser projétil de arma de fogo, então já muda até a contagem dos projéteis que atingiram o Iuri.

E aqui é uma parte do que a gente faz, vou pedir pra você dar um outro clique que ele vai começar a rodar...

*(Ajustes técnicos na apresentação)*

Então, o que que acontece? Por que que a gente faz isso aqui? É pra quem está ouvindo a gente ter uma ideia do que aconteceu realmente. Começa a diminuir um pouco a dificuldade de ver o que que tinha no laudo de necropsia e o que que foi achado na exumação.

*(Ajustes técnicos na apresentação)*

É, ele rodaria aí e ficaria mais fácil de ver, tá? Depois no meu computador eu posso passar pra vocês. Bom, o que que acontece? Então a gente consegue ver claramente, principalmente pra quem está numa apresentação dessa, a diferença de número de projéteis que atingiram o corpo. Eu acho que ali a gente já tem uma ideia de que não foi só aquilo que foi falado.

Aí a gente já passa para uma informação fotográfica trazida no parecer do Massini. Também a gente confirma que realmente que ele, além de algumas feridas a mais que ele tinha, não foi citado no laudo da necropsia escoriações na face e também, circundado em vermelho ali, pra gente que consegue ver isso, já está acostumado um pouco com isso, a gente consegue ver claramente que ali tem uma entrada de um projétil de uma arma de fogo. Na parte central, a fotografia central, foi citado pelo médico antropólogo argentino. Mas, o outro ali não foi citado, por quê? Porque exatamente, a Iara falou uma coisa interessante; as costelas se perdem, parte do material ósseo se quebra, então se fragmenta e essas informações são perdidas. Mas ali embaixo daquela plaquinha identificando qual era o número do laudo, ali, ele tem parte de uma perfuração aparecendo, uma segunda perfuração. Todas as duas direcionadas para o coração ou para aquela, como a gente chama, nossa bomba; bomba realmente circulatória. Então ali a gente teria uma dificuldade muito grande, com esses dois tiros aí no peito, qualquer um dos dois, a pessoa ter qualquer reação, porque a pressão seria muito... Dependendo de onde atingisse ou até se atingisse o músculo cardíaco ali, ele

não teria como contrair tão... Para jogar sangue na circulação sanguínea. Então é só pra ter uma informação do que não foi lançado, alguns dados que não foram lançados na necropsia.

Bom, aqui eu faço um quadro comparativo, só pra demonstrar que algumas coisas não foram lançadas e informações importantes não foram relatadas. Na verdade o laudo da necropsia traz 56% das informações porque a gente está considerando que uma inversão, que duas feridas na cabeça foram apenas invertidas; que na verdade pode não ter sido. Então, na nossa interpretação eles inverteram o lado esquerdo com o lado direito. Então isso foi normalizado e a gente conseguiu ver. O médico argentino fez um trabalho muito bom, conseguiu lançar isso também. E aí a gente parte para as conclusões.

Primeira conclusão a gente já até comentou aqui: com a quantidade de lesões que ele tinha, paralisantes, incapacitantes, ele não teria como reagir, como foi descrito, num tiroteio. Por quê? Porque a maior parte dos projéteis que atingiram o corpo dele atingiram regiões que ele não teria como reagir, não teria como se movimentar; os dois tiros que ele tomou na região lombar são... Esse faz parte de um estudo que a gente está fazendo lá: eles teriam realmente o poder de fazer com que a pessoa caísse, porque quem é idoso sabe, eu sei porque eu também tive parentes envolvidos nisso, que a cabeça do fêmur é uma coisa que quando a gente tem alguma alteração nela, você praticamente não consegue ficar em pé. Primeiro a dor, e segundo, o desequilíbrio que traz. E um dos projéteis atravessou o lado esquerdo e foi se alojar na cabeça do fêmur, no lado direito. O segundo atingiu só a crista ilíaca, a parte superior, então esse não teria problema, em princípio, mas, esse outro seria sim incapacitante e a pessoa não teria como se movimentar como foi dito que se movimentou ali.

Bom, daí a gente tem que a maior parte desses projéteis que atingiram o corpo são realmente paralisantes e incapacitantes. Isso já traz pra gente algumas conclusões também secundárias. Primeiro: se ele tem esse tanto de projétil que faria com que ele perdesse o equilíbrio e caísse no chão, obviamente ele tomou uma parte dos tiros no chão. Isso assim pra gente até, quando a gente consegue constatar isso é até uma coisa que naturalmente a gente já conclui. Então, uma parte desses disparos que foram feitos contra o corpo dele foram feitos quando ele já estava caído e não tinha poder de reação mais.

Ele tinha uma ferida que não foi descrita no laudo da necropsia, na parte central da região occipital, um pouco à esquerda. Esse é um tiro característico de execução. Isso

daí é observação, é casuística, é literatura que diz, não sou eu que estou dizendo. Então, a casuística diz isso, as referências que a gente tem de medicina legal dizem isso... Então são realmente tiros característicos de execução. O outro que ele tem, entrando na têmpera direita e saindo também na região occipital, também poderia ser. Mas esse a gente está desconsiderando até, assim, sendo conservador. A gente não quer incluir esse como tiro de execução. Até porque tem o outro que caracteristicamente já é. E os dois do peito, que realmente são tiros que a pessoa não teria muito o que fazer, ainda mais no calibre usado anteriormente, que era nove milímetros, 45. São calibres grandes que realmente causam lesões internas muito grandes.

Passamos para um número provável que deixaria de ser seis, como definido acho que no parecer do Massini, e três, como lançado no laudo necroscópico, para sete, podendo variar de seis, como dito no Massini, pra nove. Se as lesões que a gente tem no membro superior esquerdo e no membro inferior esquerdo não forem projéteis independentes. Se forem já passa a ser nove. Então você já tem mais informação, até pra quem for investigar no futuro isso aí.

Ali eu falo do disparo da crista ilíaca, que já tinha adiantado pra vocês, que realmente ele faz a pessoa perder a reação e também perder o equilíbrio. Então daí deriva que ele teria que tomar alguns desses tiros já no chão e as posições prováveis que a gente tem pelos agrupamentos dos projéteis que a gente conseguiu, que atingiram o corpo, a gente conseguiu alguns agrupamentos. Então a gente tem dois agrupamentos característicos, que é: um, que ele estaria em pé, e os outros restantes ele estaria deitado; sendo que a maioria deles foi quando ele estava deitado. É uma conclusão que a gente não tem como fugir, apesar de não ter a certeza absoluta. E, como ele tem essas duas outras lesões no membro superior esquerdo, a gente supõe que considerando que teve uma reentrada no corpo e isso seria um gesto de defesa dele; defesa dos projéteis. Uma forma de proteger o corpo para que os projéteis não atingissem ele. Ou da cabeça ou do tórax, das regiões que na verdade são mais vulneráveis nossas.

A gente parte agora para o Alex; então essa parte de metodologia a gente já pulou e então vamos já para o achado. Na verdade o que que a gente tem? A gente tem sete projéteis e a gente só tem, na verdade, o laudo médico, o laudo feito em 1972. E aí a gente começa realmente num terreno meio escorregadio. Se a gente for começar a pensar que a gente não tem nada pra confrontar, talvez só tenha algumas imagens, a gente passa para um terreno meio escorregadio. Mas tudo bem. A gente conseguiu com o laudo dele fazer algumas considerações mesmo sabendo que não são, assim, a gente

não pode confiar muito no laudo da época, mas a gente conseguiu extrair algumas coisas.

Bom, sete projéteis atingiram o corpo. Na verdade existe uma grande confusão quando é descrito que um mesmo projétil teria tido duas trajetórias no laudo médico e ele recebe alínea E; então pra gente ficou muito complicado. Quando a gente viu aquilo lá, falou: não, tem um erro aqui. Inclusive esse erro passa para o parecer do Massini, que ele considera como seis; na verdade são sete que atingiram o corpo. Tanto que na prancha está como seis, no gráfico está como sete, nas pranchas todas como sete. Mas ele acaba trazendo isso realmente porque ele é citado de A à F, então tem um erro muito... Assim, que acaba sendo... Induzindo a gente a erro também.

Ele não descreve, obviamente, isso em nenhum laudo dele, as características dessas entradas e nem se foram retirados projéteis do corpo. Isso aí pra gente dificulta por quê? Porque a gente não sabe exatamente, se tiver uma exumação ou numa exumação, a contagem que foi feita ali. Até porque isso matematicamente a gente poderia dizer: essa conta está errada, tem que ter mais disparos aqui contra o corpo, mais projéteis atingindo o corpo do que já tem. Isso daí é uma coisa que pra gente prejudica muito. Então, o que que acontece?

Pela nossa contagem, dois desses projéteis ainda estariam no corpo. Pela nossa contagem e pela descrição que ele faz na prancha. Só que na exumação não foram encontrados, né. Então tem alguma coisa estranha. Ou foram retirados e não estavam lá, ou perdeu nesse caminho aí; inclusive nessa exumação administrativa pode ter se perdido.

A coisa mais ruim para um perito criminal é quando a ferida não está descrita. Por exemplo, a gente não tem distância de disparo, não tem características que podem dizer pra gente: olha, esse disparo foi encostado, foi em curta distância, foi a distância... Então, quando a gente não tem essas informações, aí que a gente fica mais pisando em ovos mesmo. Mas a gente consegue se virar considerando que como não tem nada, tudo seria a distância, apesar de saber que não é uma verdade, como foi no caso do Arnaldo, que, inclusive, no exame da polícia federal conseguiu constatar fragmentos de parte da espoleta que caracteriza que foi a curta distância. Isso significa que depois de 40 anos o microscópio eletrônico de varredura a gente conseguiu fazer esse trabalho de recuperar a distância de disparo da cabeça; não conseguiu sair no relatório porque não foi entregue antes.

O Fondebrider diz que não consegue por causa de falha técnica nas exumações anteriores trazer conclusões a esse laudo dele, então a gente fica sem informação da exumação. A gente passa pra frente, vamos pra frente, vamos tentar trazer informações novas baseadas na casuística que a gente tem aí.

A gente traz a prancha, e aí pra vocês deve estar melhor do que pra mim aqui, dá pra ver claramente a contagem de projéteis aí na frente, são sete; só que quando ele descreve, descreve seis alíneas apenas, isso traz a confusão para o laudo do Massini e também é muito claro aí o sentido; pra vocês que estão vendo a televisão maior aí, o sentido desses projéteis. A gente tem três, praticamente ascendentes, que são o da mamária direita, o da lombar e outro aqui próximo ao omoplata e os restantes todos descendentes. Então pra gente já está claro também dois agrupamentos e não quer dizer duas posições, pode ser uma posição intermediária, mas próximo de duas posições, que seria pra gente também de pé, principalmente por causa daquele que atingiu a mamária e parte do tórax, aqueles dois; e o restante numa posição próxima de sentado, por isso que a gente coloca com o tronco ereto no documento; caído mas próximo de sentado, porque realmente pode ser uma posição próxima dele. Também tudo isso baseado num modelo... Então é isso aí que a gente tem.

*(Ajustes na apresentação)*

Mas dá pra ter uma ideia ali do que a gente falou aqui pra vocês.

*(Pergunta inaudível)*

**O SR. MAURO YARED** – Não, todos eles ele cita de frente. O mais pelas costas possível é esse que atinge o externo, que ele vem um pouco tangencial aqui no peito.

Eu gostaria de trazer mas a gente tem que trazer até pra mostrar que ele realmente tem outras lesões que não são lesões típicas de disparo de arma de fogo e nem características daquelas encontradas em tiroteio, em troca de tiro. Por quê? Porque você não tem contato corporal. Se você tem contato corporal físico aí você realmente encontra outro tipo de lesão, você pode encontrar feridas contusas, escoriação,

equimose... A partir daí você tem realmente uma série de contusões que não condizem com uma troca de tiros. No olho ali você tem uma equimose orbitária, que como o próprio médico não descreve um traumatismo na base do crânio, traumatismo cranioencefálico, você já começa a considerar aquilo como uma pancada, porque ele não traz a informação de que não é... Uma informação de que você teria uma fratura que poderia produzir isso aí. Então você tem já uma equimose ali na região orbitária esquerda.

Todas aquelas partes circundadas ali são feridas contusas e escoriações. Em especial, eu botei um retângulo ali que a gente não tem, não pode nem citar como certeza, por quê? Porque pode ser a falha de um negativo, uma falha da foto da época. Mas ele parece muito um pé, uma marca de solado de calçado. Só que o que acontece: a gente tem que considerar que pode ser uma falha do negativo, que ele manchava e inclusive pode ter manchado outras fotos. Mas os outros não; os outros aparecem claramente, são realmente de escoriações e equimoses; ali no queixo, próximo dos lábios; coisa assim que incomum numa troca de tiros. Incomum... Você não tem contato corporal para você ter esse tipo de lesão.

No olho direito ali a mesma coisa, uma equimose orbitária, que como você não tem menção de fratura de base de crânio, ela já não tem justificativa pra aparecer ali, então já passa a ser uma ferida contusa. Tem ali próximo do nariz e no nariz ali outras coisas e a gente repete só pra ter uma ideia da localização das feridas no corpo.

Bom, aí a gente chega para as conclusões. Apesar de o laudo não estar como a gente gostaria que estivesse, a gente ainda consegue trazer algumas coisas. Primeiro: que essas escoriações e equimoses que o corpo tem não são encontradas em troca de tiros. Então essa versão já não bate muito com a versão oficial, mesmo considerando que o senhor tenha visto dentro do carro, tal... Pra gente é uma situação... A gente até pode considerar um acidente de trânsito mas também não teria como lesionar tantas regiões do corpo porque o próprio carro não é pontudo dessa forma, entendeu?

**O SR. FRANCISCO CARLOS DE ANDRADE** – (Inaudível) chão, ou seja, ele nem chegou a levantar.

**O SR. MAURO YARED** – E não tem arestas suficientes para produzir esse tanto de lesões num acidente de trânsito. Então a gente considera que isso aí é meio que ilusório. Bom, a segunda: que foram sete projéteis que atingiram o corpo, diferentemente do que foi citado ali, e que aqueles agrupamentos mostram pra gente que ele estava em algum momento em pé mas que ele esteve também numa posição no chão, caído, próximo de sentado, com o tronco ereto, que a gente chama com o tronco ereto, próximo de sentado. Então são duas posições também, o que também não é muito comum numa troca de tiros e com os vestígios que a gente encontra no corpo, que alguns desses disparos que atingiram ele também foram paralisantes. Por quê? Eles não paralisam e matam na hora, mas eles fazem você perder sua reação. E está tendo uma hemorragia interna de um litro, citado de um litro, dentro das cavidades, da cavidade peritoneal, ele não cita nem a cavidade torácica, que também é diferente, é diverso e ele deveria citar até pra gente ter uma ideia do quanto que vazou da parte superior dos órgãos. Então ele não cita isso.

Ele também não individualiza qual projétil teria produzido a morte. Como ele não faz isso... E aí que a gente, quando a gente começa a ler já sabe que ele teve uma sobrevivida, a gente vai atrás de isso aí e vê realmente pela descrição do médico, que ele cita, ele realmente teve uma sobrevivida. Inclusive, a causa da morte que ele dá, que é anemia aguda traumática, já mostra isso, que ele morreu exatamente por hemorragia interna, que não é um termo muito comum mas é um termo que eles usavam na época que ele deveria dar uma outro formato da época. Mas é coisa também dele; “produzido por instrumento pérfuro-contundente”, que é projétil de arma de fogo.

E finalmente ali a gente a tem a separação dos agrupamentos acho que mais clara pra vocês, ali. O que que acontece? Tem os dois que atingiram a face, a lateral esquerda da face e aquele que atingiu o esterno, que eles não poderiam ter sido produzidos naquele mesmo grupamento dos outros. Por mais que a gente coloque o corpo sentadinho, bacaninha, bonitinho, a trajetória e o trajeto interno não batem com uma posição só. Então aqueles ali o atirador tem sim que estar num plano superior ao da vítima. Então ficou bem claro pra gente isso e agora vocês vendo aqui acho que fica mais claro pra vocês também o que a gente estava falando. É uma coisa que não é... Todas as informações extraídas do laudo da própria necropsia.

Bom, uma ferida que a gente cita aqui que é bem característica é essa do esterno, porque ela de certa forma é um pouco tangencial e se vocês olharem ali... Tentem fazer um alongamento naquela trajetória que a gente dá para aquela ferida no centro do peito

dele, vocês vão ver como é que é a posição que o atirador tem que estar. Ele tem que estar muito acima do corpo. O corpo tem que estar realmente caído ou num desnível acentuado terreno. Obviamente que a gente não acredita que aqui na República do Líbano, número mil, você vai ter um desnível desse tamanho numa pista. Mesmo não conhecendo a República do Líbano, mil, eu vou dizer que não tem um desnível desse tamanho aí e nem em cima de muro a pessoa ia conseguir um desnível desse tamanho.

Aí o que que acontece? Como a gente sabia de determinados eventos que foram conjuntos, no caso, o Iuri, a Ana Maria e o Marcos, a gente procurou buscar coisas comuns entre esses eventos e coincidentemente a gente encontrou coisas comuns. Por quê? Obviamente que o Iuri tem uma série de outras coisas que os outros não têm, mas todos eles tinham tiros na cabeça ou na cervical, que seriam paralisantes e impactantes. No caso do Marcos ele tinha um tiro que entra no pescoço e inclusive é citado que atravessa a cervical. Ana Maria com um tiro que ele cita ali na frontal que a gente não consegue ver na foto; provavelmente esse tiro também está invertido, deve ter entrado na parte posterior; e o Iuri que tem realmente tiros que são incapacitantes, que a gente consegue ver isso.

Aí a gente passa pra lesões, passa para uma série de outras características pra realmente mostrar que naquele evento que eles citaram eles não poderiam ter sido mortos daquela forma. Por quê? Porque a quantidade de coincidências tanto do laudo quanto das feridas quanto das operações são muito grandes. E quando acontece isso, quem trabalha com matemática, estatística, sabe que quando você tem uma série de coincidências assim já deixa de ser uma coincidência; então já deixa de ser uma coisa aleatória. Então só uma comparação que a gente fez exatamente por causa de audiência pública, porque audiência pública envolve todos eles mas a gente teve tempo de trabalhar muito bem com o Iuri e com os outros. Na verdade eles foram nascendo automaticamente quando a gente foi fazendo, entendeu?

Aí é o documento recuperado pela Iara, que ela me passou e eu vou pedir um esforço de vocês porque realmente ele não tem uma resolução muito boa. Vou até tentar levantar aqui pra mostrar pra vocês que tem um Fusca aqui na parte superior e na parte de cima, próximo àquela parede ali, olha... Aqui, olha, estaria o Fusca; aqui em cima estaria morto o Marcos; aqui, a Ana e aqui o Iuri. Vocês estão vendo uma linha de tiro aqui indo em direção ao Iuri, atingindo ele de costas e outras linhas de tiro direcionadas pra cá. Aqui estão dois agentes que teriam sido atingidos pelo Iuri e aqui seria a fuga do Lana, passando pelo posto.

Então o que que acontece? Não sei se vocês lembram do laudo do Iuri, ele tem um tiro só aqui na... Que entrou na nuca pela região occipital. Com esse tiro aí ele não poderia reagir a nada; e outros tiros que ele tem, todos eles são incapacitantes também e ele também não teria como ter essa reação toda. É coisa muito clara de ver, ele não teria como ter essa reação numa operação dessa, exatamente porque ele tem a maior parte dos tiros que ele toma, dos projéteis que atingem o corpo dele, são todos incapacitantes. Então essa versão pra gente não é muito a versão oficial, apesar de estar no relatório do Cenimar, apesar de estar contando como operação perfeita que foi feita pelas equipes de segurança, pra gente não parece muito claro isso aí.

Inclusive, se puder voltar ali, uma coisa que a gente cita também é a quantidade de linhas de tiro que são cruzadas ali. A linha de tiro onde os agentes foram feridos ali, se vocês observarem bem, tem agentes que estão próximos, ali no chão, próximos daquele prédio, do prédio mais embaixo aqui, que eles disparam exatamente para aquela posição. Então você tem, não vou dizer um erro de operação, porque eles têm a operação deles e a forma de atuar deles, mas uma operação de risco ali, porque aquela linha de tiro ali, as linhas de tiro travadas aqui são muito perigosas para os próprios agentes; e que a gente não tem como descartar um fogo amigo aí, um ferimento produzido por fogo amigo. Só que hoje em dia isso não tem nem como ser provado mais.

Bom, isso aí já foi dito, a impossibilidade do Iuri ter reagido daquela forma e também o risco do fogo amigo na forma como eles apresentaram esse relatório aí.

E fizemos esse mesmo trabalho para o Alex e para o Gelson. Se vocês olharem o Alex e o Gelson, eles são exatamente, em termos de lesão, exatamente iguais. Iguais eu não digo em número de projéteis que atingiram o corpo. Eles têm equimoses orbitárias, eles têm projéteis atingindo a cabeça, têm escoriações no tronco, têm escoriações na face... Então, pra gente isso é muito difícil num acidente de trânsito. Isso é muito difícil dentro de um veículo e isso é muito difícil ser numa reação a um tiroteio. Exatamente porque eles têm tiros também que incapacitam, também impossibilitam reação.

No parecer do próprio Celso, que ele fez pra Comissão Especial de Mortos, ele cita que todos os membros do Gelson foram atingidos por tiro. Imagine uma pessoa ter fratura em todas as partes do corpo, fraturas que são citadas, realmente, e você conseguir reagir apertando um gatilho, fazendo alguma coisa... Eu não teria condição de fazer isso, mas não sei se alguém conseguiria. Então todos os membros dele foram atingidos por projéteis.

Bom, era isso que a gente tinha pra trazer pra vocês. Estamos à disposição para qualquer pergunta, qualquer informação que a gente possa ajudar.

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Eu queria aqui fazer alguns esclarecimentos ao Mauro. Por exemplo: o Alex, o Isaac Abramovitch, com a exumação que nós fizemos, ele teve abertura craniana, que é praxe, ele sempre descreve. Então, só reforçando aquela questão dos projéteis e de ter um trauma na cabeça. Então realmente do Alex ele abriu. Do Iuri, consta no laudo que foi feito. Não foi. O crânio do Iuri não tinha sido aberto nas técnicas utilizadas pela necropsia. O Alex tinha; reforçando isso de ter ou não ter algum trauma, né.

E a questão da recuperação, o Iuri, quem conheceu, era um rapaz de 1,80m, com ossaturas largas e a preservação, em que pese, teve uma exumação administrativa, igual ao Alex, foram recuperados em melhor condições e houve os disparos; porque às vezes você recebe um disparo e que não pega osso. Então quando você faz uma exumação você não tem como localizar, né? Você só consegue ver o que atingiu quando fica característica ou não.

Naquela época, primeiro nós fizemos uma exumação enquanto família, enquanto comissão de familiares. Não tínhamos o apoio do Estado, não tivemos como nós tivemos no do Arnaldo e nem sei se existia o MEV naquela época, em 1996, pra ver a concentração de chumbo.

O Alex, à tarde nós vamos ter o administrador, quando nós chegamos em... Foi marcado quando foi identificado. Em 1980, quando nós fomos exumar, nós tivemos que abrir de três a quatro sepulturas. A primeira era uma mulher; a segunda não tinha uma exumação porque lá em Perus eles exumavam e, para enterrar o outro, eles colocavam num saco, por isso tem muitos ossos fraturados, e colocavam na base da sepultura e inumavam, como eles chamavam. Na terceira, como nós já estávamos assim... Eu praticamente já queria suspender tudo, nós chegamos numa onde tinha um resto de tecido vermelho e a indicação no laudo era a de que ele foi sepultado com uma cueca vermelha e, na foto não dá pra vocês verem, talvez naquela dele já morto. Ele era meio dentuço, tinha uma dentição muito característica, o sorriso dele era bem característico, protuso, e Suzana disse: “ai, é ele!”. Foi a primeira. Estava íntegro... E aí nós dissemos... Porque eu já não queria levar mais ninguém. Falei “ah, isso aqui está tudo errado”. Então realmente a identificação dele foi feita com base no resto de tecido

vermelho e na minha recordação e de Suzana do sorriso dele. E ele era um tipo mignon. Hoje eu já não sou assim... Eu já estou mais gordinha, mas vocês veem ali na foto, ele era muito magro. Ele tinha uma estatura aí de 1,60m, 1,65m, então os ossos são mais frágeis.

Então, realmente, quando o Fondebrider fez a montagem, o Mauro não pôs aí, que ele articula todo o esqueleto; faltavam muitas coisas mas nos que recuperaram não tinha nenhuma indicativa de entrada, saída; de ter sido atingido por projétil. E hoje em dia, por isso nós lutamos ainda pelo DNA, o do Iuri foi confirmado; nós tivemos que substituir; nós levamos para o Rio... E depois seu Antônio vai relatar aqui, nós dissemos: se o Alex é o Alex, o que nós trouxemos como o Iuri não é o Iuri, porque a contagem das sepulturas estava errada. E hoje em dia todos que foram retirados de Perus eu digo que tenho dúvidas, porque, no caso do da Suzana, depois, quando foi fazer estudo, também se comprovou que a primeira ossada entregue não era do Luiz Eurico. No caso da Sônia Maria também não era. Foram feitas novas exumações e então em três casos, pelo menos, a indicação do administrador não correspondia aos restos mortais dos nossos familiares. Então é só para esclarecer um pouco.

Ele cita muito o Arnaldo, nós vamos ver amanhã, e qual foi assim a nossa vantagem: Arnaldo ficou os 40 anos no seu caixão. O pai recolheu, levou de São Paulo para Belo Horizonte; pelas normas sanitárias, era um caixão revestido de metal. Ele não foi mexido, a família não precisou exumar, então nós recuperamos todos os ossos possíveis, que nós temos no corpo, foram recuperados com o Arnaldo. Então essa vai ser a diferença. É um laudo muito mais rico e também com avanços dessa estrutura de você até poder chegar numa caracterização de disparo de curta ou longa distância por esses exames feitos pela polícia federal de detectar o chumbo lá. Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Maria Rita Kehl.**

**A SRA. MARIA RITA KEHL –** Não, acho que é precipitado. Eu faço meu comentário depois.

**O SR. PEDRO CUNHA** – Só complementando: essas necropsias primeiramente foram feitas pelo Dr. Abramovitch, que faleceu. Então já não é a primeira inconsistência que a gente verifica de laudo relatado por ele, a gente já verificou outras e já temos até, mais ou menos, o modo de ele caracterizar, ou melhor, não caracterizar aquilo que deveria ser caracterizado. Havia um segundo perito, é o Abeylard, Dr. Abeylard, que em primeiro momento nós traríamos pra cá, pra fazer audiência, mas ele já está com 87 anos e ele tem problema de locomoção; e mesmo porque ele foi o segundo perito. E na medicina legal é costume o segundo perito muitas vezes apenas assinar. Então, muito embora apareça o nome dele, nós preferimos ouvi-lo reservadamente pra gente poder caracterizar o grau de participação e o grau de consciência que ele possa ter nessas descrições e nessas inconsistências que nós achamos nos laudos. É só isso.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Eu acho que agora já estamos indo para os finalmente. A senhora podia já fazer uso da palavra.

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – É algo que me ocorreu enquanto eu escutava você, Mauro, e talvez seja muito evidente que vocês estão fazendo isso já há muito tempo e pra mim seja uma conclusão ingênua, mas você sugere então que ele foi torturado e executado, pelos tipos de ferimentos?

**O SR. MAURO YARED** – A gente não tem como falar de tortura ali.

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – Ferimentos todos pelo corpo...

**O SR. MAURO YARED** – A gente tem como falar de diferentes tipos de lesões que não são características de troca de tiro. Aí eu acho que a gente não consegue ultrapassar esse caminho. A gente está trabalhando com foto, com imagem antiga, então

a gente tem que ter um certo cuidado também. Mas a gente tem lesões que não são características de troca de tiro.

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – Não dá pra dizer que são características de espancamento?

**O SR. MAURO YARED** – E outra coisa, uma coisa que é mais grave ainda: tiros paralisantes e de execução. Isso a gente consegue chegar por causa da casuística, de outras situações. Mas, infelizmente, a gente fica meio que amarrado, entendeu? A gente não pode também fazer uma coisa que vai ser inconsistente igual foi feito no passado.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Que horas são agora?

**O SR.** – São vinte pra uma.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Alguém gostaria de fazer algum comentário, alguma pergunta? Então nós vamos encerrando essa parte da manhã, são vinte pra uma agora; a gente pretende voltar duas horas. Tudo bem? Tá, muito obrigado. A sessão está suspensa.

\* \* \*

**A sessão está suspensa**

\* \* \*

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos retomar os trabalhos? Vamos recompor a mesa? Queria pedir para a Maria Rita Kehl vir para a mesa, para a Iara Xavier Pereira vir para a mesa.

Está reinstalada a sessão, a 108ª audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, 24 de fevereiro, Auditório Teotônio Vilela, para oitiva de depoimentos sobre os casos de assassinato de Alex de Paula Xavier Pereira, Gelson Reicher, Iuri Xavier Pereira, Ana Maria Nacinovic Correa, Marcos Nonato da Fonseca, Arnaldo Cardoso Rocha, Francisco Emmanuel Penteado e Francisco Seiko Okama. A mesa está composta por Dr. José Carlos Dias, Dra. Maria Rita Kehl, Iara Xavier Pereira e agora vamos ouvir e convidar para compor a mesa o senhor Antônio Pires Eustáquio, agente do Estado. Então, por favor, venham pra mesa. Senhor Antônio Pires Eustáquio.

Então queria passar novamente a palavra para a Iara para ela fazer a organização dos trabalhos da tarde pra que a gente possa... Boa tarde.

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Boa tarde. Essa parte da tarde é muito importante porque seu Antônio foi o administrador do Cemitério Dom Bosco de Perus por um longo período, né, seu Antônio? Depois ele vai falar. Então ele, pela função, tem muito a esclarecer, a nos dar sobre a forma como chegavam os nossos familiares, como eram sepultados.

Eu conheci o seu Antônio ainda um pouco antes da Anistia, em junho de 1979, quando em posse da informação de que Iuri e Alex estavam sepultados no cemitério Dom Bosco de Perus e o Alex, com nome falso, após uma reunião no Rio, no colégio Bennett, onde estava aqui o companheiro Ivan, nós, eu e Suzana, e Ivan, e o primo do Beto, do Carlos Alberto Soares, Sérgio Ferreira.

Terminado o encontro nós viemos a São Paulo. Aí a minha memória falha, tínhamos apoio de uns deputados, mas sinceramente, não gravei o nome. Foi muito importante ele nos receber, nos levar... Naquela época, então, pra gente, Perus era uma viagem, não sei hoje em dia. Hoje em dia talvez por causa do trânsito. Naquela época ainda era bem... Não estava tão povoado como deve estar hoje e nós, com uma

expectativa, deputado, muito grande porque com essa informação de que o Alex tinha sido sepultado com a identidade falsa e a Suzana sabia o nome da identidade que o Luiz Eurico estava portando, nós, enquanto familiares e militantes, fizemos a dedução de que era um dos modos de eles desaparecerem com a pessoa sepultando com essa identidade falsa que praticamente só o militante conhecia.

Então vocês podem imaginar a ansiedade que nós estávamos de chegar a este cemitério, onde encontramos seu Antônio, que aqui eu quero registrar, que sempre colaborou muito com os familiares no que foi possível. Eu sei que no início, acho muito importante, eu não estive na CPI de Perus e não ouvi o depoimento dele, das pressões que ele pode ter recebido ou não durante a nossa... Principalmente a fase inicial dos trabalhos que nós começamos, porque logo que chegamos lá achamos o Nelson Bueno, que era o nome falso do Luiz Eurico. O Alex já estava identificado como João Maria de Freitas. E percorrendo rapidamente o livro nós já vimos Hélcio, Gastone, José Júlio... Começamos a achar uma série de militantes que foram sepultados com nome legal pra ver que pelo menos a partir de final de 1971, início de 1972, começou a ser o cemitério preferencial do DOI-CODI pra sepultar os militantes, dado o volume. Então eu acho assim muito importante... Lógico, estávamos agora ali conversando, tentando lembrar um pouco, os anos já se passaram 34, vamos fazer 35 anos, a memória começa a falhar mas eu acho que as informações básicas seu Antônio não vai ter esquecido, né? Para que possa nos ajudar aqui, a Comissão Rubens Paiva e a CNV possam compreender com um pouco mais de detalhe como funcionou essa parte do aparato para o sepultamento e esconder inclusive a identidade dos militantes que ali eram sepultados.

Eu estava lembrando a ele que o primeiro retirado de forma, vamos dizer, oficial depois do Gelson, porque isso é uma coisa que eu quero ver se o senhor vai lembrar, que junto com o Alex morreu aquele rapaz, o Gelson, que foi retirado logo depois do sepultamento pela família e levado para o Cemitério Israelita. É uma coisa que ele pode às vezes esclarecer, se o Isaac Abramovitch estava junto, se não estava. Depois, pelo menos até agora apurado, foi o caso do Alex e do Iuri, que tivemos a dificuldade já, ele vai explicar aqui bem como era o terreno dos indigentes, a dificuldade de você localizar as sepulturas, as contagens. Então eu acho que nós podemos passar para o seu Antônio.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Dr. José Carlos Dias, pela Comissão Nacional da Verdade.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Acho que é importante nós ouvirmos, do senhor Antônio, algumas questões para esclarecer bem todos os presentes; pra ficar consignado em ata. Então eu pediria ao repórter que permitisse que eu formulasse a minha pergunta. Esperar ele acabar a entrevista.

Bem, seu Antônio, quando é que o senhor começou a trabalhar no Cemitério Dom Bosco?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Boa tarde a todos, boa tarde à mesa. É um prazer estar aqui neste momento, inclusive com familiares de desaparecidos que eu acredito que o que eu pude fazer, como a Iara disse aí, eu colaborei e estou aqui mais uma vez para tentar elucidar alguns casos que ainda permanecem obscuros.

Eu fui para administrar o Cemitério de Perus no ano de 1976.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Então quem era o prefeito, na ocasião?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – O prefeito, na época, se não me engano, acho que era o Reynaldo de Barros. Se não me engano o Reynaldo de Barros ou senão o Mário Covas. A memória, como a Iara falou...

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – É que eu tinha a informação de que o cemitério foi inaugurado em 1970.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – 1971, no dia três de março.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Mas na gestão do Paulo Maluf...

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Foi, inaugurado na gestão do Paulo Maluf.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – E desde o início ele foi usado para o sepultamento de indigentes?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Praticamente o Cemitério de Perus Dom Bosco, como é chamado, ele foi inaugurado com sepultamentos de indigentes e inclusive ficou muito conhecido pelo sepultamento daquele bandido muito famoso, que deu muito trabalho pra polícia militar e que foi enterrado como indigente no cemitério de Perus, que era o Assis, bandido Assis, nome, sobrenome Assis.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Qual é a função sua lá no cemitério?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eu fui para administrar o cemitério como... Administração, administrador do cemitério. E foi-me recomendado na época que eu tomasse muito cuidado com o sepultamento dos indigentes, porque me disseram que eu seria o responsável por eles, porque eles já chamavam indigentes porque não tinha ninguém que acompanhasse ou olhasse por eles e que eu tomasse muito cuidado nesse sentido. Isso na década de 1976.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Quantos funcionários o senhor tinha lá?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Na época eu tinha 26 funcionários.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Esses funcionários todos acompanhavam estes enterros dos indigentes?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Nos cemitérios municipais, de uma forma geral, é programado o serviço do dia por plantões. Então tem o plantão de

sepultamentos, que na minha época eram designados seis funcionários, que era exclusivamente pra sepultamentos. Tinham os outros plantões que eram pra limpeza, outros pra fazer exumações... Só que esses plantões revezavam. Um dia era sepultamento, no outro dia exumação, no outro dia limpeza, e de uma forma que todos participassem de todos os trabalhos, todos os serviços que fossem realizados na necrópole.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Além dos indigentes, havia sepultamentos normais?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Tinha sepultamentos normais de familiares da região também.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – E os indigentes, eles eram sepultados em covas individuais ou era em cova comum?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Não, como até hoje eles são sepultados em caixões de madeira bruta, não tem qualquer infraestrutura de um sepultamento digno, só que é cada um em uma sepultura, cova rasa, como é dito. E eles vinham em camburões, vários corpos nos caixões. Alguns, até, às vezes, sem tampa. Como eu vivenciei muitos casos em que até cheguei a devolver muitos corpos porque o desleixo era tão grande que eles mandavam muitos corpos que não eram daquele documento. E eu descia até a quadra de sepultamentos pra conferir aquele corpo que ali estava sendo sepultado. E eu acabava devolvendo porque não batia, pelo menos o

mínimo de dados que estava na declaração de óbito. Então não batia e eu acabava devolvendo alguns corpos.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Como é que era feito o registro dos sepultamentos?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eles iam com uma via branca, chamada declaração de óbito, com os dados mínimos. E, normalmente, eu me lembro que alguns vinham com uma letra T em vermelho, que está caracterizado hoje que seria de terrorista. E normalmente o número dele era desconhecido. O número vinha muito gravado em cima, vinha também ou na mão, ou na perna, corpo. E também aqueles dados eram registrados na declaração de óbito. Essa declaração ficava de minha posse e depois de averiguado o sepultamento, conferido e realizado, eu entregava na mão do meu funcionário de confiança, que era da administração, para que efetuasse o registro, conforme estava na declaração, nos livros competentes de registro de óbitos.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Seu Antônio, é importante isso que o senhor acabou de dizer, mas explicar bem, exatamente, como é que era essa questão. Terrorista: como é que o senhor sabia que aquela pessoa que estava sendo sepultada era tida como terrorista?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eu não sabia. Isso eu vim ficar sabendo depois, participando de reuniões com familiares e também na CPI é que eu vim ficar sabendo que aquela letra T, uma letra vermelha, era uma distinção...

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – A letra T era colocada aonde?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Era em cima, assim, na declaração de óbito. Era colocada em cima, mais na parte superior.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – O senhor que falou que no corpo também?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Não, no corpo não. No corpo era apenas uma tinta azul, aquelas que eles usam em açougue, pra colocar que foi vistoriado pelo *ininteligível*, aquela tinta normal que eles usavam pra colocar “desconhecido número tal”. Às vezes, na maioria das vezes, na perna.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Sei, mas os indigentes também tinham essa tinta azul?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** –Tinha também. O indigente comum, todos eles, né.

(Pergunta inaudível)

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Não, o indigente comum a maioria não tinha, eram poucos que tinham essa letra.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – O senhor tem ideia do número de militantes políticos que teriam sido sepultados lá?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Olha, eu passei a ter uma pequena ideia após a Anistia, com o aparecimento de familiares à procura de seus parentes. Eu notei que as visitas não eram normais naquele cemitério. Placas de carro do Rio de Janeiro, carros oficiais e pessoas de um porte bem diferenciado daqueles que visitavam o cemitério.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Sei. Agora, pelo exame dos corpos, o que que definia quando era um indigente ou quando era um militante político?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Praticamente nada. Na época que eu verificava, que eu acompanhava esses casos, praticamente eu não notava nada diferente.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Além da letra T...

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Além da letra T. Pra mim aquilo ali não tinha significado pra mim por, devido a falta de conhecimento.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – No cemitério o senhor poderia dizer que havia uma separação onde eram enterrados os militantes, onde eram enterrados os indigentes?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Não, eles foram sepultados nas quadras, principalmente na época que eles foram pra lá, 1971, na inauguração do cemitério, na quadra um, quadra dois da gleba um. Foram as primeiras quadras que foram usadas para sepultamentos de indigentes e as outras quadras eram separadas pra sepultamentos de familiares. Então não tinha assim uma diferença porque eles iam no meio do indigente comum. Agora, segundo, depois, por curiosidade minha mesmo, depois que eu já tive conhecimento de que ali estavam militantes políticos, alguns funcionários, que com muita perspicácia e uma certa paciência, eu consegui algumas declarações que eles diziam que quando chegava esse pessoal, que eles chamavam de terrorista, chegavam num camburão; às vezes um só, o que não era comum, porque o indigente ia de seis pra cima no camburão. E o militante ia um só. Ia um aparato político junto...

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Que aparato político?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Era um forte esquema policial.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Militares?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Militares com carros oficiais da polícia. Isso segundo depoimentos de funcionários da época, porque isso não foi da minha época, mas relatos que eles me passaram. Ficavam no portão do cemitério e não entrava e não saía ninguém até que sepultasse aquela pessoa.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – E era feito de dia ou de noite?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – De dia. Que do meu conhecimento e por relatos de outras pessoas eu nunca tive que houve algum sepultamento à noite.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Era comum a presença de policiais ou militares no local?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Não. Segundo depoimentos... Na minha época não era comum. Agora, na época em que eles foram sepultados, esses casos específicos, houve casos que chegava a própria polícia a ir sepultar esse corpo.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Seu Antônio, em determinado momento se começou a trabalhar com valas comuns?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Não, praticamente não. Essa vala nem eu tinha conhecimento dela.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Mas existia vala comum?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Não.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Senhor José, deixa eu ajudar nessa pergunta. Indigente ia pra vala comum?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Não, indigente era sepultado na quadra um, na época da inauguração do cemitério, na quadra um e na quadra dois da gleba um, cada um em uma sepultura.

(Conversa entre os participantes da reunião)

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Se quiser que fale sobre a vala, aí já é o outro capítulo, né?

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Sobre a vala comum?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Sobre a vala comum, porque eu descobri ela.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Ah, isso é importante.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Então...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Então fala.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Quando eu cheguei no Cemitério de Perus para administrá-lo, eu fiz um levantamento de todos os livros e registros para que eu pudesse tomar conhecimento do que eu estava administrando. Porque já que foram-me recomendados os indigentes eu passei a olhar muito aqueles registros e os livros e as declarações de óbito que ficavam ali, no armário lá do cemitério. E eu constatei que logo após... O Cemitério de Perus, segundo a legislação, ele é por três anos. Após três anos e 30 dias a família pode requerer a exumação dos restos mortais, ou colocar em ossário ou levar para outro cemitério, segundo os desejos da família. Como o indigente não tinha familiares... Eles...

Segundo relatos da CPI, foi constatado que tinha que sumir com aqueles... Dar um jeito naqueles restos mortais que estavam sepultados na quadra um e quadra dois onde foi constatado vários militantes, né? Só que vai pôr onde? Foi onde surgiu a ideia do crematório, que não foi avante; porque a ideia deles era cremar aqueles ossos.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Ideia de quem?

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – Era na Prefeitura do Maluf, já, não era?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – É, na gestão... Aí foi em 1976, né? Acho que não era mais. Mas havia essa preocupação, não sei por parte de quem, não posso afirmar porque não é do meu conhecimento, mas o Serviço Funerário tinha preocupação em dar um jeito naquelas ossadas. Eles tinham que colocar em algum lugar. Veio a ideia do crematório, que não foi avante. Aí surgiu então, não sei por parte de quem, se do superintendente ou da diretoria do departamento de cemitério ou de uma outra alçada, que se fizesse uma vala pra colocar aqueles ossos.

E é o que foi feito. Em 1976 exumaram uns corpos. E eles iam deixando esses ossos lá. Tinham umas salas pra velórios que não eram usadas, não tinha velório. Encheu-se aquelas salas lá de sacos de ossos até que surgiu a ideia de sair a vala. Ela foi aberta numa área fora da quadra de sepultamentos, dentro do cemitério mas numa área que era destinada ao cruzeiro, é uma área jardinada fora da área de sepultamentos, na beira de um barranco enorme. Foi aberta com uma retroescavadeira. A largura dela, se não me engano, é 80 cm acho que por 30m de comprimento e 3m de profundidade, que é o braço da retroescavadeira e a largura da mão boba da retroescavadeira. Foi calculado isso daí para que coubessem todas aquelas ossadas que nos registros de óbitos, segundo meu levantamento, foram colocadas ali 1500 ossadas. Mas junto com essas 1500 ossadas tinham as de crianças, que praticamente acabou se... o saco ficou vazio, não se achou mais ossadas ali porque era mais cartilagem, né. E apurou-se, segundo a catalogação da Unicamp, pelo comando do Dr. Badan Palhares, 1049 ossadas catalogadas da vala. E ali colocaram e gramaram por cima. Simplesmente as pessoas andavam lá, acendiam até vela ali na beira daquele barranco, que era ao lado do cruzeiro, mas ninguém sabia que existia uma vala ali. Eu descobri a vala porque...

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – O senhor sabe se foram colocados restos, ossadas de militantes políticos também nessa vala?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Foram. Foram provenientes das exumações da quadra um e da quadra dois da gleba um. Eles foram exumados em massa e foram junto com as ossadas dos indigentes também, de gente comum, né?

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – O senhor tem ideia do número de militantes que estavam enterrados lá e que foram colocados nessa vala comum?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Segundo a época, se não me engano, parece que foram seis que foram colocados na vala. Seis ou oito militantes foram colocados na vala.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – E outros permaneciam nas valas...

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – E outros permaneciam, é o caso do Iuri, do Xavier, da Sônia, a filha do professor Moraes. Foram em quadras já mas fora dessa quadra um e dessa quadra dois. O Nelson Bueno, o esposo da Suzana, eu localizei ele na quadra quatro da gleba um, que estava sendo destinada... Essa quadra ela foi preservada com sepultamento de indigentes por muitos anos porque ela foi reservada para quadra de vendas de concessões para familiares. Ela é depois da quadra dois que ainda até hoje é concessão para familiares. E lá permaneceram.

Segundo a Suzana me levou esse nome de Nelson Bueno, que ele poderia ter usado, como usou, e estava no registro de óbito, até hoje está lá, constando como Nelson Bueno. Ele estava fora dessa ossada que foi para a vala. E aí a vala, eu descobri

a vala porque segundo levantamento meu nos livros de registro de óbito... Os livros de familiares, eu olhando, pesquisando, eu via: “exumado em tanto de tanto e reinumado no mesmo local”, que é o procedimento pela legislação do Serviço Funerário. Os indigentes também o procedimento era esse. Só que lá tinha uma diferença, o que realmente me preocupou e me levou a pesquisar até encontrar. No registro dos livros dos indigentes constava: “exumado em tanto de tanto”, só. Mais nada. Cadê os ossos? Pra onde que foram? Aí eu comecei a perguntar. Ninguém, eu notei perfeitamente que ninguém queria falar daquilo lá, porque segundo eles tinham pavor, né, de comentar isso aí, né, porque diziam que eram terroristas, eram...

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Alguma vez o senhor já recebeu alguma orientação pra não falar, pra não revelar nada...?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eu fui, depois de descoberta a vala... Assim que houve a Anistia, familiares começaram a procurar o Cemitério de Perus. Eu tive uma reunião no Hotel Jaraguá, no Centro, inclusive o prefeito Mário Covas participou com o superintendente do Serviço Funerário, a diretoria, para que não desse muito alarde ou informações a respeito daquela vala e de pessoas que pudessem ser procuradas como indigentes sepultadas naquela época. Então eu comecei a perguntar para os funcionários antigos onde estariam aqueles ossos, porque não constava no registro de óbitos o paradeiro deles, o destino daqueles ossos. Foi depois de muito tempo, eu tive que ficar quieto, parei de mexer naquilo.

Depois de muito tempo fora do ambiente de trabalho, numa pescaria com um funcionário que era o operador da máquina retroescavadeira, eu conversando com ele, muito assim por longe, né... “Tem aquelas ossadas daqueles terroristas, tá lá numa vala lá beirando o barranco”. Depois que ele falou eu fiquei quieto para que ele não se preocupasse muito. Falei: “ah, então tem uma vala lá?”; “tem, eu que abri aquela vala lá”. E depois, num outro dia, eu peguei a sonda, é uma sonda que existe nos cemitérios,

pra fazer sondagem de terrenos pra saber se tem corpos sepultados, se tem alguma construção de carneira lá embaixo... Essa sonda é um ferro pontiagudo de três metros com a qual a gente faz a sondagem.

Eu peguei a sonda e fui no local que ele me mostrou depois, onde estava a vala. Eu finquei a sonda e ela foi até o fim. E eu não encontrei dificuldade. Ela foi atravessando os sacos de ossos. Eu falei: “aqui tem qualquer coisa”. Mas eu não mexi porque poderia ter sido uma violação ou qualquer coisa assim. Foi quando apareceu, eu não sei se foi a Iara ou se foi quem...? Um irmão de um desaparecido que eu localizei que eu constatei que estava na vala. Ele apareceu no cemitério.

Se eu não me engano foi irmã do Peralta? Gilberto Molina, exato! Ele me procurou pessoalmente, eu mostrei o registro pra ele, que o irmão dele estava na vala, tinha sido exumado e eu descobri por intermédio dessa investigação. Levei até a vala, mostrei pra ele. Mas ele falou: “mas é difícil da gente abrir?” Eu falei: “você vai ter que conseguir alguma autorização. Procura a Comissão dos Familiares, vai até a superintendência do Serviço Funerário e consegue uma autorização e a gente abre pra você ver, mas garanto pra você que isso aqui não tem identificação não”.

Mas ele conseguiu uma autorização. Mandaram um ofício pra mim, ele foi, levou o ofício para que eu abrisse parte da vala. Foi quando ela foi aberta pela primeira vez, com ele presente. E aí eu abri apenas um metro, mais ou menos. Daí eu percebi que “achei a ponta”, vamos dizer assim, a ponta da vala. E abrimos na primeira ponta quando você se aproxima dela. Abrimos um metro, tiramos aquela grama e já deparamos com os sacos de plástico destinados a ossos, que é do Serviço Funerário, e retiramos alguns. Não tinham identificação nenhuma. Eu falei pra ele: “você está vendo aqui? Pra localizar o seu irmão não sei como que vai ser o processo”. Aí ele tentou conseguir alguma coisa a mais, mas ele foi impedido. Não deram mais abertura nenhuma pra que ele prosseguisse a procura. Ele solicitou na época também uma lápide, uma identificação que ele pudesse pôr, do irmão dele, que era pedido dos pais dele também, naquele local da vala, o que lhe foi negado também.

E aí nessa reunião que eu tive lá me foi dito que ficasse quieto, não tocasse mais naquilo, mas os familiares continuaram procurando. Foi quando apareceu a Iara, o professor Moraes com a esposa dele, a Suzana, outras pessoas, a Amelinha, a Criméia, que estão aqui presentes. E aí na gestão da Luiza Erundina ela concedeu a abertura da

vala quando, bem antes, o Caco Barcellos apareceu no cemitério e eu notei a presença dele. Ele não me conhecia, eu o conhecia pela televisão. Falei: “ué, o que que ele está fazendo aqui?” Eu ficava atento, né? Principalmente nessa parte dos indigentes. Aí eu me aproximei dele e ele falou: “olha, eu estou procurando uma matéria, eu estou sem matéria. Eu estou procurando uma matéria que seja... Uma matéria que seja de cemitério, de morte, uma matéria mais para o meu programa”, que era aquele Globo Repórter, parece. Aí eu falei: “não, acho que você está procurando outra coisa”. Aí eu chamei ele do lado, mas ele realmente não estava sabendo dessa vala nem nada. Aí eu falei: “olha, aqui tem uma matéria muito boa para o seu programa, pra você, só que eu não vou adiantar nada pra você antes de você aparecer aqui com a Comissão dos Familiares”. Aí eu dei até o telefone, acho que da Criméia, da Amelinha, do Ivan e mandei: “você procura eles porque eles é que vão saber resolver essa questão pra que se possa estar fazendo essa matéria pra você.”

E ele se interessou muito, mas muito mesmo. E ele foi atrás. E aí aconteceu que foram reunindo, reunindo, até que a prefeita Luiza Erundina foi eleita e concedeu abertura da vala.

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – As fichas vinham com os nomes errados, mas vinham as fichas com as letras T. E o senhor tinha o número de quantas fichas...?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eram mínimas, eram mínimas porque eu não as recebi, porque elas sepultadas em 1976, 1977. Não, 1971, quando foi inaugurado o cemitério. Essa letra eu percebia no laudo médico, na declaração de óbito.

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – Esses laudos estavam lá guardados? Dava pra saber quantos eram?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Ainda estavam lá, eu procurei justamente pra fazer um levantamento mais lógico, perfeito e coerente, né?

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – E quantos eram?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eram mínimos, mínimos. Muito poucos. Mas inclusive não me despertou curiosidade nenhuma porque eu não sabia da história, né? Mas eu me lembro de ter visto algumas fichas com essa letra.

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – E outra coisa que eu queria saber, passou já; quando o senhor disse que recebeu uma instrução de cuidados muitos especiais com aqueles... O que que eram esses cuidados especiais?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eles alegaram que não tinha ninguém pra olhar por eles e eu que teria que olhar por eles. E parece que Deus pôs a mão em cima porque eu olhei tão bem que acabei ajudando muitas famílias. E eu tenho orgulho disso.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Senhor Antônio, quando que o senhor entrou lá no cemitério? Lembra mais ou menos o mês e o ano que o senhor entrou lá, quando o senhor começou?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Se eu não me engano foi 1976, no mês de junho, por aí.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Tá. E o Gilberto Molina, quando o senhor teve o primeiro contato com a vala, quando foi?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Se não me engano foi na década de 1980. Eu não me lembro bem porque ele apareceu lá assim do nada. Eu percebi que era algo diferente porque já tinha exposto à Anistia. Alguns familiares já haviam me procurado que existiam esses militantes.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Tá, mas contato com a vala mesmo, o senhor lembra quando o senhor abriu esse braço da vala?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Não, essa data a minha memória não fixou não.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Mas já era o Mário Covas?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eu creio que sim. Eu creio que era na gestão do Mário Covas.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Foi depois da reunião do hotel?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Foi, depois da reunião. Foi depois que ele apareceu lá. Foi depois dessa reunião que nós tivemos lá.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – E o contato com a Amelinha e com a Criméia foi depois?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Foi após a Anistia.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Mas antes da posse do Mário Covas?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Foi em 1980...

**A SRA. AMELINHA TELES** – 1979, 1980.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – 1979, isso.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – E essa recomendação que tinha pra não mexer lá em Perus, que veio do novo governo, logo depois que o Mário Covas assume, qual era a orientação direito? Pra gente entender.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – A orientação que eu tive foi essa, que não desse entrevista, que não falasse a respeito dos registros de óbitos, não mostrasse os livros; inclusive a Amelinha está aqui presente, que eu quando... Pra eu conseguir alguns dados eu teria que fazer isso, eu dizia que eu estava fazendo um levantamento da administração. Eu ia à noite no cemitério com alguns dados que eles me passavam, com alguns nomes, a Iara, a Suzana, e eu pesquisava nos livros. Aqueles livros não era pra dar na mão de ninguém, não era pra mostrar registro nenhum pra ninguém, porque não podia e etc., aquela história toda.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – O pessoal recuperou aqui, só pra ajudar o senhor no raciocínio. O Maluf foi de 8 e abril de 1969 até 7 de abril de 1971. Figueiredo Ferraz de 8 de abril de 1971 até 21 de agosto de 1973. Brasil Vita, apenas uma semana. E esse mandava pra chuchu nos cemitérios.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – É, realmente. Na época minha ele era o patrono dos cemitérios e ele que indicava, nomeava e exonerava.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Até o dia de morrer. Miguel Colasuonno: 28 de agosto de 1973 até 16 de agosto de 1975. Setúbal: agosto de 1975 até setembro de 1979. Reynaldão: julho de 1979 até maio de 1982. Salim Curiati: maio de 1982 até março de 1983 e o Covas, 11 de março de 1983 até primeiro de janeiro de 1986.

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Seu Antônio, chamou-me a atenção aqui que o senhor falou que começou a trabalhar em junho de 1976 no Cemitério Dom Bosco.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Isso.

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Na minha memória, no resgate, eu tinha registrado que minha tia teria chegado lá antes dessa data, quando ela foi sepultar o esposo. Quem precedeu o senhor na administração então de março, né, que o senhor falou, de 1971, até o senhor chegar, em 1976? O senhor sabe quem foi o administrador ou administradores, antes?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Olha, comigo, quando eu cheguei, na minha administração, eu fui o terceiro administrador. O primeiro foi o Dilermando, eu sei apenas o primeiro nome dele, foi o Dilermando; e depois, eu não me lembro bem, quando ele saiu entrou o Rubens. Ele tinha qualquer ligação com o Maluf.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Brasil Vita.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Brasil Vita e o Maluf, então. Aí eu não sei, me passaram que foram divergências políticas e ele saiu do cemitério. Foi quando me convocaram pra ir pra lá. Eu era solteiro, eu administrava o Cemitério da Consolação. Convocaram-me pra ir pra lá devido à saída do Rubens, que era genro do *ininteligível*, uma pessoa muito ligada ao Brasil Vita e ao Maluf em Pirituba. Parece que ele era o dono do único cinema que tinha em Pirituba. Esse Rubens era genro desse *ininteligível*. Isso são informações que eu obtive lá quando administrando o cemitério.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Seu Antônio, os familiares exigiram a transferência das ossadas para onde? O senhor tem conhecimento disso? Não houve uma exigência para que fossem transferidas as ossadas para a Unicamp?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – O senhor se refere às ossadas da vala?

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Da vala.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – É, as ossadas da vala, após a descoberta, foi feito o trabalho de catalogação, que por intermédio da prefeita Luiza Erundina, que eu gostaria de ressaltar o trabalho dela e o esforço dela e a dedicação dela para que esses trabalhos fossem realizados. Ela desempenhou de uma maneira que só quem conheceu mesmo e participou juntamente com ela lá no local, com chuva, sol... Qualquer hora ela chegava no cemitério. Eu tinha até um parzinho de botas lá que eu guardei separado pra ela usar quando estava chovendo, ela ia mesmo. Aí ela fez lá o que tinha de ser feito para que houvesse uma comissão para catalogar aquilo lá. E a Unicamp parece que foi a selecionada, junto com a equipe do Dr. Badan Palhares.

Essas ossadas foram retiradas uma a uma, já catalogadas; a primeira catalogação, a primeira identificação sai antes de sair da vala já tinha uma papeleta que fixava naquele saco e levava-se para a administração, nas salas dos velórios onde elas já... Tinha tido antes de ir pra vala, e lá foram colocadas. Mas, depois, numa sala ao lado da administração, que era uma sala de estar designada para velórios, mas não tinha velório, elas foram catalogadas. A Unicamp instalou-se numa sala, praticamente um laboratório, para que houvesse a identificação de toda a ossada saída da vala, inclusive a parte do crânio, a arcada dentária... Isso era filmado e todos os detalhes eram descritos pelos legistas, pela equipe, filmados, microfilmados, sei lá. Aí colocava-se num saco plástico, aliás, num saco de pano, que foi produzido especialmente pra isso, amarrado, e uma nova identificação, plastificada, era amarrada ali e voltava para a outra sala dos velórios.

Até que foram todas catalogadas e após o final, foram dirigidas até a Unicamp, quando eu e a prefeita Luiza Erundina acompanhamos as ossadas até um auditório, não sei, uma sala lá da Unicamp para que o Dr. Badan Palhares começasse a fazer as identificações. E toda vez que tinha uma identificação a prefeita Luiza Erundina passava em Perus, me apanhava e a gente ia até a Unicamp, lá no auditório, para que o Dr. Badan explanasse aquelas ossadas, todas aquelas características tinham que ser provadas para que constasse que aquela ossada realmente fosse daquela pessoa.

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – Seu Antônio? Recentemente, por um acaso que não tinha nada a ver com investigações da Comissão da Verdade, um jovem artista de São Paulo quis fazer uma performance no Columbário do Cemitério do Araçá. Ele conseguiu autorização do Cemitério, da Prefeitura, e quando ele chegou lá estava cheio de sacos de plástico. E ele perguntou para o administrador do Araçá: “o que que são esses ossos?”, e o administrador falou: “vieram de Campinas”. Eu não sei se vocês têm alguma... Se vieram de Campinas vieram lá da... Isso foi agora. Tem alguma relação? Eu estou perguntando isso pra saber se vocês estão a par...

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Tem. Até hoje eu não entendo também, o pouco que eu pude ler e informações que eu obtive que houve um retrocesso, eu não sei bem a palavra certa, com a equipe do Dr. Badan Palhares. Parece que ele andou se atrapalhando com os trabalhos. Então interromperam-se os trabalhos. Aí, nessas alturas, a Luíza Erundina já tinha saído da Prefeitura e a coisa estava rolando meio frouxa. E aí aquelas ossadas ficaram lá numa sala da Unicamp e parece que estava até tendo goteira lá, correndo o risco de danificar aquelas ossadas. Foi quando decidiram devolver para São Paulo.

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – E está no Araçá?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – E aí o Serviço Funerário tinha que... Onde colocar isso aí? Aí acharam esse Columbário lá no Araçá. E me parece, eu estava até conversando com a Iara, parece que está até hoje lá, né?

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – Está até hoje lá e quando nós fizemos a primeira homenagem, que esse rapaz fez, depois foi tudo pichado ali, teve uma espécie de vandalismo ali nesse Columbário.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eu soube desses detalhes também.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Seu Antônio, além do Cemitério de Perus, teve notícias de que também em outros cemitérios de São Paulo foram colocados ossos, ossadas de perseguidos políticos?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eu tive esse conhecimento no transcorrer da CPI por informações de familiares à procura de pessoas desaparecidas que... No Campo Grande, no Formosa... Poderia ter sido também sepultados alguns, porque no Campo Grande tinha quadra geral também como a quadra de Perus e poderiam também ter sido sepultados lá. E também sobre de um sítio para o lado de

Parelheiros, também já se comentou muito isso na CPI, da vala de Perus; porque eles poderiam, alguns poderiam ter sido sepultados lá nesse sítio lá, de Parelheiros, lá, que era usado pelo DOI-CODI na época.

**O SR. JOSÉ CARLOS DIAS** – Como é que o senhor soube disso?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eu soube pela Comissão dos Familiares, na época da CPI.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Você queria fazer mais alguma colocação específica, Iara?

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Eu queria. Seu Antônio, na época da CPI, alguns coveiros também prestaram depoimento, está aqui a Amelinha e a Criméia; que como o senhor não teve nesses enterros de 1971, 1972, 1973, nós tivemos... Antes da vala, nós fomos lá recuperar vários militantes. Teve Luís José da Cunha, um que a gente não achou a cabeça, estava sem o crânio... Foi antes da vala? Depois?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Acho que foi depois, eu já tinha...

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – José Milton... Que estavam ainda em sepulturas individuais, de outras quadras.

(Comentários inaudíveis de outros presentes)

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Sim, mas nós identificamos o local onde estava. Nós localizamos ele, localizamos com quadra, tudo direitinho, só que não pudemos mexer, exumar, por causa da família.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Tinha outro corpo em cima talvez, né?

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Não, a família... Ele não tinha mais pai nem mãe. Aí tinha um problema, tinha uma companheira que teve um filho, ela teria que se habilitar pra poder fazer a exumação. Mas o que eu queria ver é o seguinte: se o senhor podia fornecer aqui, se o senhor lembrar, o nome desses coveiros da época, principalmente até antes do senhor entrar e se por acaso o senhor sabe se algum está vivo ainda, se o senhor mantém contra ou não algumas dessas pessoas.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Os administradores do cemitério antes do senhor, ela está perguntando.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Os administradores eu nunca mais tive contato, a não ser da época da abertura da vala, o Dilermando esteve lá presente. Eu nem sei se ele ainda é vivo, o Rubens eu não vi mais. Agora, os sepultadores continuaram comigo na minha gestão até que eu fui exonerado. E no início, como eu relatei há pouco, eu tinha muita dificuldade, eles não queriam tocar nesse assunto. Quando se falava dos indigentes, especialmente dessas pessoas que eram tachadas de terroristas, eles simplesmente ignoravam, não me falavam nada. Foi quando eu consegui o conhecimento da vala por intermédio do Pedro Batista de Gasperi, que é ainda vivo, aposentado, que era um operador de máquina. Ele que abriu a vala.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Pedro? Por que ele viu fazer a vala?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Foi ele que abriu a vala e ele que me relatou a existência dessa vala. E os demais simplesmente ignoravam, né? Eles não falavam nada, como se diz naquele ditado: “não vi, não ouvi, não sei”.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Quem era o superintendente da funerária?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Na época era o Dr. Jayme Augusto Lopes e o diretor do departamento de cemitério, parece-me que ele se encontra ainda, não sei, aqui na Assembleia, que era o Dr. Hélyvio Magalhães Alcoba e também tinha o seu Nelson Moreira, já falecido; Dr. Jayme já faleceu. O seu Nelson Moreira hoje tem um quadro enorme que chama-se Fiscais de Cemitério. E o seu Nelson Moreira é que fazia todo o trabalho dos cemitérios, de fiscalização, tudo isso daí. Esse trabalho de verificação, de certo ou errado, era ele que fazia, mas ele era o braço direito do Dr. Jayme. E tinha também o Dr. Danilo Del Debbio, que era um dos diretores do departamento de cemitério, também já falecido, e o chefe de gabinete do Dr. Jayme, não sei se ele ainda é vivo, é o Rubens da Costa. Era o quadro. Já faleceu também.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Esse era o que sabia tudo?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eu não sei se ele ainda é vivo ou não.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Morreu? Infelizmente. Tá bom. Então, alguém quer fazer mais alguma pergunta? Miaki quer falar?

**A SRA. DARCI MIAKI** – Darci Miaki. Seu Antônio, eu gostaria... Logo no início, o senhor disse que começou a trabalhar em 1976 e chegavam alguns caixões que

inclusive o senhor olhava e mandava de volta. Isso significa que o senhor via os corpos...?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Sim.

**A SRA. DARCI MIAKI** – De muitos...?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Na minha gestão, de todos.

**A SRA. DARCI MIAKI** – O senhor chegou a ver os corpos.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Sim.

**A SRA. DARCI MIAKI** – A minha pergunta é o seguinte: o senhor notou traços de tortura nesses corpos?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Olha, na minha época já tinha praticamente... Depois, quando eu tive conhecimento, já não estava tendo mais torturas. Mas todos os indigentes, os traços... A legislação é que tem que ficar 72 horas nas geladeiras. Então o formato era horrível. Hematomas, obscuridade na pele, na cara.

**A SRA. DARCI MIAKI** – Mas o senhor sabe que determinados ferimentos...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Seu Antônio, seu Antônio, deixa eu ajudar. Ela quer saber se ainda chegava o pessoal dos carimbos Ts.

**A SRA. DARCI MIAKI** – Não, não é isso. Eu quero saber de torturas, porque depois de algum tempo as contusões aparecem no corpo. Logo após a morte não aparece, certo? Aparece depois de algumas horas ou muitas horas. O senhor chegou a notar traços de torturas?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Olha, eu, pra ser realista, eu nunca presenciei um corpo torturado após a morte, então eu desconheço um pouco esses traços. O único conhecimento que eu tive, que não foi bem uma tortura, foi um assassinato, foi daqueles 111 corpos que foram sepultados lá e eu tive que examinar um a um e inclusive contar quantos furos de bala tinha, que percebia as perfurações e maltrato, né? Mordidas de cão eu percebi... Agora, nos indigentes comuns, de 1976, na minha gestão, o que mais eu notava era atropelamento, quebraduras, hematomas em geral.

**A SRA. DARCI MIAKI** – Obrigada. Eu queria fazer só mais uma pergunta. O senhor disse que quando o senhor assumiu a administração do cemitério o senhor fez um levantamento geral.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Perfeito.

**A SRA. DARCI MIAKI** – As fichas dos chamados terroristas tinham um T. O senhor lembraria mais ou menos quantas fichas com esse T o senhor encontrou?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – O número exato eu não me lembro, mas eram mínimos, eram mínimos. Eu acho que naquela *vasculha*ção que eu... Eu concentrava mais na parte escrita do atestado, *a causa mortis*, o médico legista. Eu percebia aquela letra porque ela era maior e era vermelha, mas não me levava nada a configurar uma atenção em cima daquela letra porque me era totalmente desconhecido aquilo lá.

**A SRA. DARCI MIAKI** – Tá. Agora, o senhor acredita que sumiram com muitas fichas ou não?

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Dos militantes?

**A SRA. DARCI MIAKI** – Dos militantes.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Não, eles todos foram sepultados com as fichas. Lá no cemitério isso não sumiu, agora, depois disso foi enviado para o arquivo da central do Serviço Funerário, no Viaduto Dona Paulina. Agora, lá eu não posso responder.

**O SRA. DARCI MIAKI** – Tá, muito obrigada.

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Adriano e Dr. José Carlos, a CPI de Perus tem um farto material sobre a vala, foi uma CPI onde, inclusive, tem alguns sepultadores que também prestaram depoimentos. Eu deixo aqui a sugestão de tentar, com base nas informações que o seu Antônio deu hoje do período desde que começou a iniciar as operações em Perus até a época que ele passou, que foi junho de 1976, que se tentasse resgatar quem desse período está vivo porque eles é que vão poder dar mais detalhes sobre o *modus operandi* inclusive da ocultação de cadáver, já que seu Antônio entrou no período onde nós já estávamos sem esse volume de militantes assassinados.

Queria agradecer, seu Antônio, muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Então, seu Antônio, o senhor pode fazer as suas considerações finais e nós estamos agradecendo muito a sua contribuição, a sua honestidade, que ainda no período da ditadura o senhor foi tão corajoso, muito obrigado.

**O SR. ANTÔNIO PIRES EUSTÁQUIO** – Eu gostaria também de agradecer essa oportunidade que eu tive de rever os meus amigos daquela época, quando retornaram da Anistia, com seus lamentos e tristezas profundas de não ter conhecimento do paradeiro daqueles parentes e que por algum sinal poderiam estar no Cemitério de Perus. E foi quando eu me empenhei e eu fico muito orgulhoso disso, de estar tentando descobrir, como até hoje eu acredito ainda que essa Comissão da Verdade... Eu gostaria de participar, como eu estou participando hoje.

Então eu estou muito contente, muito feliz por estar aqui hoje e também como estive muito contente e muito feliz na época de estar ajudando e colaborando com os familiares e com o meu país por ter tido uma época tão negra, tão ruim, que foi a época desses militantes serem sacrificados, torturados e de terem tirado o direito deles até de viver e de ter um sepultamento digno. Então eu me sinto muito orgulhoso de tudo isso daí e de estar acompanhando vocês, que são autoridades, vocês que hoje se empenham em se agrupar e formar essa Comissão da Verdade que eu acho que vai esclarecer mais muitos pontos obscuros ainda da ditadura. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Muito obrigado e a sessão está suspensa.

\* \* \*

## A sessão está suspensa

\* \* \*

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – O Ivan trouxe seis exemplares do livro da vala. As pessoas mais especializadas... Olha, que beleza. Gilney Viana, Iara, vamos continuar? (Organização da mesa)

Essa sessão continuará amanhã, inclusive à tarde com a parte dos agentes do Estado. Então, aproveitando ainda a presença do Dr. José Carlos Dias e da Maria Rita Kehl, e com a folga de horário que nós temos um pouquinho, a Iara Xavier Pereira, irmã do Iuri e do Alex, e contemporânea e companheira de todas essas pessoas e de outras... Que o Bicalho Lana... A gente vai falar do Bicalho Lana amanhã? Amanhã é do Arnaldo. Então eu até queria pedir para o seu Antônio...

Seu Antônio? Queria pedir para o senhor ficar mais um pouquinho a mais, se o senhor puder, porque a Iara vai contar a história dela, porque ela só fala da história dos outros. Como a Iara é um personagem da história do Brasil, junto com o seu companheiro Gilney Viana. A gente vai aproveitar esse fim pra ela começar a falar do ambiente familiar, da mãe dela, dos três irmãos, da relação com Marighella, com Toledo... E aí, o Gilney também viveu esse período, e aí a gente fala um pouco da vida, porque praticamente nós só falamos da morte, hoje. Vamos tentar falar da vida desses meninos, desses jovens, de como eles se formaram... Uma verdadeira garotada. Então, não sei se o Gilney começa ou se a Iara, que está mais emotiva. Vamos lá: com a palavra, Iara Xavier Pereira, do seu período da Rádio Venceremos, do seu livro... Nós não temos o seu livro aqui em São Paulo ainda... Então queria que você pudesse usar da palavra. Iara.

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Uma coisa importante, Adriano, você sabe que é uma trajetória de 40 anos em busca, mais precisamente a partir de maio de

1979, quando retorno do exílio e eu já... Criméia está ali na ponta. Perdi as contas, não sei; Criméia que é mais nova que eu pode saber, quantos dossiês, processos, nós montamos ao longo desse tempo. Está a Amelinha aqui, Ivan está por ali, pessoal do Rio... E nós concentramos muito na Lei 9140 a sistematização dos dossiês individuais por exigência da lei, que deixou a prova com os familiares. Nós é que tínhamos que provar que eles morreram sob a guarda do Estado. A partir daí nós começamos a sistematizar o produto, trabalho das meninas aqui em São Paulo. Criméia se transferiu um tempo lá pra Brasília para que a gente pudesse sistematizar, dar contas.

Nós fizemos, salvo engano, uma vez que eu contabilizei, são 467 processos protocolados lá na Comissão com 114 indeferidos. Se a gente tivesse tirado os indeferidos, aqueles que nós não conseguimos localizar familiares, são muito poucos, dos 362 aprovados nós fizemos aproximadamente 234. Nós, digo, a Comissão de Familiares, fomos responsáveis.

E aí, Adriano, naquela época, você diz que a gente aqui foca muito na morte; dizem que quem fuma cachimbo tem a boca torta... Nós realmente temos a nossa boca torta em cima das circunstâncias e a localização. Mas naquela época eu tive uma preocupação de que a gente resgatasse e assim, como era o primeiro documento oficial sobre aquele período e assim, eu sempre vislumbrei “daqui a 50 anos” vai aparecer um professor, um menino desses, eu não sei se aqui tem, fazendo uma tese, um mestrado, uma tranqueira dessas, e quem é que vai ser referência, onde vai ser? Como pra nós os arquivos do extinto DOPS, STM, foram nossa referência, a Comissão Especial de Mortos, os processos, seriam uma referência. Então tivemos a preocupação, não sei se você teve oportunidade de já ver algum dossiê, eu realmente não trouxe porque meus dossiês eu cedi para os peritos montarem o estudo dos casos, de que a gente fizesse, além das circunstâncias da morte, né, Criméia, nós tivéssemos as biografias. Nós tivéssemos as fotos deles vivos. Mortos nós recuperamos algumas no IML daqui, já tinham sido produto de um dossiê da Comissão.

E aí quando nós começamos a tentar resgatar essa história encontramos uma dificuldade enorme. Muitos militantes saíram, viveram clandestinos e quando morreram, já tinha dois, três, alguns até quatro anos que não tinha contato com sua família. Naquela época, não era de hoje, não tinha tantos registros fotográficos. Eu lembro bem, não é o do Hiroaki, tem algum outro Nissei que a mãe diz assim: “mas eu

só tenho da primeira comunhão dele”. Aí eu falei: “serve”. E ela manda a fotinho dele ajoelhado lá, devia estar recebendo a hóstia, não sei como é que é essa cerimônia. Era a foto que ela tinha dele. Então, nesse arquivo da Comissão Especial onde nós trabalhamos, nós tivemos essa preocupação de dizer “o que que é que seu filho gostava?”... O Bergson, que é um desaparecido do Araguaia: “gostava de jogar basquete”; “ah, tem a foto do dele com o time”; “ah, manda aqui pra gente reproduzir”. “O Ciro escreveu uma carta assim...”, “mandem”. Então esse aspecto, até naquele período, nós tivemos uma preocupação muito grande.

Mas eu vou dizer sinceramente pra você: a partir daí, Gilney critica muito, a minha boca entortou de vez e eu fiquei obsessiva de saber como, quando e onde. Sabe, porque o que angustia a gente... Eu acho que vocês vão ver amanhã, quem vier, a questão do Arnaldo, nossa... Foi extremamente doloroso o tanto que nós conseguimos recuperar de crueldade. Imagine o que nós não conseguimos, porque não estava nos ossos. Mas você conhecer é pior do que você ficar imaginando o “se”. E quando eu fui fazer esse breve relato aqui, eu montei os requerimentos no caso dos meus familiares, não tenho a competência de fazer o de todos, eu desde o início, quando eu fiz as primeiras reunião em Brasília, com a CNV, era o Dr. Dipp, Fonteles... A Maria Rita Kehl estava numa das reuniões, a Dra. Rosa em outras, e eu sempre disse assim: “olha, o senhor se prepare, porque o meu dossiê vai ter umas 500 páginas”. E ele falou: “não, papel não precisa papel”. E eu falei “ah, o senhor vai receber papel sim”, porque eu faço questão de deixar documentado. Porque de 1995 para agora, nós conseguimos avançar nessa busca. E eu protocolei. Um tem 365, o outro está lá, entregue. O que que a Comissão vai fazer com isso? Não sei.

E eu fui fazer as biografias. Vocês podem ver, aqui nós resumimos, cortamos, por causa do tempo e, dos meus irmãos mesmo... Quando já chega no meu companheiro, no Arnaldo, já tem um problema: eu não convivi com ele vida legal, nós já nos conhecemos na clandestinidade. E quando eu me sentei pra fazer aqui a do Gelson, da Aninha, do Marcos, a coisa te foge. Você não tem elementos. E por mais, por exemplo, da Ana nós já não temos mais referência, porque a tia e a mãe já faleceram. O ex-marido era um capitão do exército, não quer nem ouvir falar e nem na época. Queria que o mais rápido possível encontrassem e ela fosse eliminada.

Então eu falei: puxa vida, eu me dediquei tanto a procurar, a esclarecer e eu não procurei aprofundar quem era ela no seu dia a dia, do que ela gostava, que livros ela lia, que música. E nós éramos assim, sempre que nos encontrávamos, tínhamos uma identificação, eu era bem mais nova, a Aninha já tinha 25. Eu mal tinha 20. Naquela época era uma diferença... O garotinho que está ali... O Ivan sabe disso, muito grande. Hoje em dia já não faria diferença a nossa diferença de idade. E eu digo pra você: eu fiquei travada e me doía, porque eu olhava e o Gelson tinha 10 linhas. Eu falei: isso não exprime o que ele era. Como eu vou deixar aqui registrado quem era aquele menino? Seu sonhos... Você falando isso, nossa, isso me deu... Ainda estou assim, angustiada... Aí vai atrás de um amigo, vai atrás de outro. As pessoas têm muita dificuldade. Não é todo mundo que conseguiu superar e fazer o trabalho que nós fazemos. Não é aqui dizendo vantagem nenhuma, mas só nós, só quem mesmo vive sabe o quanto é difícil.

Então fui atrás de Lídia e convidei para ela vir aqui, acho que o depoimento dela era muito importante, porque ela foi colega na faculdade de Medicina, foram juntos para a organização. Mas ela disse assim: “eu não consigo”. E eu digo “não, eu te entendo, desculpa, a gente ainda tem...”, porque não é fácil. Eu sei o quanto é difícil. Aí falei: “mas pelo menos você escreve alguma coisa dele, por favor, porque...?” Eu falei: “mas você também conviveu com ele”. Aí eu não disse, né, mas vou dizer aqui: é, nós convivemos entre o período que ele foi no exterior e aqui, 90 dias. Pra quem conviveu com ele três anos, faz muita diferença. Eu sei que ele era um menino meigo, preocupado... E depois, nós estávamos em tempos de guerra, nós estávamos em tempo, por exemplo, como eu relatei aqui, o dia que íamos pra casa, nesses breves momentos em que a gente ficava trancado, porque era um feriado ou sábado, domingo, é que a gente começava a falar. E aí você tem que levar em conta que, em tese, eu não sabia que ele era o Gelson. Pra mim ele era o Marcos. Eu não sabia que ele era daqui ou isso. Então você tinha que ter cuidado até com suas memórias, com seus relatos, para que você não ficasse identificado.

Então, a questão da vida, eu acho assim, Amelinha não está aqui, né... Ivan... Eu sei que a gente está em busca, e eu cobro muito, cobro duro. Maria Rita, que já está um pouco mais acostumada de me ver nas reuniões do que o Dr. José Carlos, das investigações da CNV. Então eu acho, Adriano, que aqui vocês têm também tarefas enormes. Mas eu acho que a busca do resgate da vida deles seria uma tarefa muito

importante, já que nós também estamos morrendo, de recuperar. Os pais já não existem mais. De tentar a gente aprofundar o resgate de como eles eram.

A minha vida não era um palco iluminado não, viu, gente? Eu sou uma carioca, desde os três anos, nascida e criada na zona sul do Rio, filha de uma classe média que hoje nem sei qual é a qualificação, o teórico aqui depois me retifica, seria classe média-média. Meu pai não tinha nível superior, nem minha mãe, muito menos. Éramos três. E aquela classe média... Ele era um profissional autônomo que vivia, como hoje, equilibrando-se na corda bamba. Mas era um militante. Tanto minha mãe quanto meu pai entraram já pós-Segunda Guerra. Conheceram-se no Partido Comunista e se casaram. Então a minha casa nos períodos não repressivos, nós sempre recebemos... Como era uma classe média, média, era um apartamento, quando vinha alguém, “ah, vai vir um membro do Partido Comunista do Uruguai. Onde vai hospedar? Lá na casa da Zilda”. “Vai vir...”, “olha, teve o golpe lá na Guatemala, o secretário-geral tem que ficar”, viveu um ano na nossa casa, Manoel. Então nossa casa era sempre muito requisitada, seja por reuniões... Então, essas figuras lendárias, Luís Carlos Prestes, Gregório Bezerra, Mário Alves... Eu conheci de criança, frequentando a reunião, enquanto teve aquela pseudo-legalidade ou isso, sem entender o que que aquele monte de homem estava fazendo lá na sala atrapalhando a minha televisão, diga-se de passagem. E, lógico que os hóspedes sempre ficavam no meu quarto. Também eu era deslocada do meu território para receber o hóspede e tinha que ir para o quarto então dos meninos. Mas era um espírito muito solidário. E isso nós aprendemos, coisas assim: você não ensina, você vê com o exemplo.

Então de repente veio o golpe, eu fico muito frustrada... A família de repente, você vê, imagine uma criança de 12 anos, de repente é posta numa casa e aí você diz assim: “vai ser por alguns dias”. E vira um ano. A fase que você está entrando na adolescência e tudo. E poucas vezes eu vi os meus pais nesse período de ano. O Alex, você pode ver ali, era bem danado, mas era o mais carinhoso. E ele praticamente todo final de semana ele ficou em Botafogo e eu Copacabana, ele ia me visitar. Arrumou um cachorrinho, queria me dar um cachorrinho. Na casa em que eu estava a mulher quase me botou pra correr porque ela já tinha três. E ele chega lá com um filhotinho que era pra me fazer companhia.

A gente volta em 1965 e o Iuri, os perfis; o Iuri sempre foi introvertido, vocês olhem a foto, tem uma outra que não foi projetada, mas não muda. A Darci aqui participou do treinamento com ele, eu acho que ela pode contar nos dedos as vezes que viu ele sorrindo. Já o Alex vivia com o sorriso escancarado.

Ele era uma pessoa introvertida, gostava muito de ler, tinha uma capacidade de escrita muito boa e com o golpe, que pega ele com 16, ele interioriza, eu acho, de todos nós, muito mais a militância política. E como era o filho mais velho, a cobrança, e se destacava aonde foi, eu acho que ele assumiu muito esse perfil até pra fazer jus a minha mãe, que foi uma militante que se dedicou... Era liga feminina, ao partido, depois foi para a fundação ALN...

E nessa passagem, naquela abertura que durou até o Ato 5, vem o movimento estudantil e se aprofunda essa discussão, a crítica... Marighella eu conheço desde os meus três anos de idade. Ele morava no Catete. A Clara hoje estava aqui pela manhã e devido à idade e tudo ela não voltou à tarde. Eles não tinham telefone. E toda tarde, quase, a Clara batia ponto lá em casa pra fazer os telefonemas. Era quase toda tarde. Se não tinha reunião lá na Liga ela estava lá em casa e víamos Marighella também muito.

E Marighella, vocês sabem, era muito alto, e nessa época ele tinha mania de raspar a cabeça. Naquela foto do "Jornal do Brasil", logo após ele ser ferido, preso, e ele deixava uma faixa aqui, feito moicano, você imagina, uma loucura para a década de 1960. E quando ele vai para a China, Marighella sempre viveu, tem até uma história de que ele amarrava, em vez de um cinto ele tinha um cordão. Isso lá em Fernando de Noronha, não sei aonde. Ele nunca ligou a mínima para roupa, sapato, bens materiais. Ele não tinha nem mala. Minha família tinha. E meu pai gostava muito de viajar. E ele vai lá em casa, depois eu fui saber que era pra China, imagina. Eu devia ter o quê? Uns quatro anos. Apanhou uma mala. Até hoje eu me lembro. Era uma mala azul, grande. E o corredor era muito grande, assim. E eu vou levando ele. E meu pai voltou para fazer alguma coisa e ele era muito terrível. Aí ele abriu a mala, me pôs assim e disse assim: "não, você vai comigo". Pensa numa menina desesperada de ser enfiada dentro de uma mala e ser levada embora com aquele homem imenso... E muitos anos eu ficava lembrando e dizendo: "você me aterrorizava". A sorte foi que ele demorou muito nessa viagem, como eram todas as viagens para o campo socialista. Porque eu acho que senão eu iria estar correndo dele até hoje. É uma imagem que eu lembro assim nitidamente.

Ele gostava, nessa época, de usar muito roupa branca, por causa de baiano, não sei, porque ele não tinha ainda saído da Bahia. Tinha até um paletó de linho branco, coisa mais cafona desse mundo. E eu lembro que ele estava com a camisa branca. Vejo ele querendo me pôr nessa bendita mala e me levar embora.

Então são períodos assim que a gente... Às vezes quando eu relato, o Gilney fica me cobrando: “mas você não fala das coisas boas”. Lógico que nem tudo foi triste. Agora, vocês têm que entender, e eu acho que aí Criméia, Ivan e Amelinha vão entender muito bem, assim como a Darci, sobreviver não é fácil. Não que morrer tenha sido, não. Mas eu digo: a carga é nossa, que sobrevivemos, é muito pesada. Eu levei mais de 10 anos pra sentar num bar. Isso eu era carioca. Alex e Iuri não gostavam. E ele cobrava. A gente ia para as sessões no Paissandu e saíamos para o Oklahoma, eu não bebia, como até hoje, bebo muito pouco. Eu tomava suco de laranja, coca-cola. Alex sim e ele ficava: “você está parecendo essa esquerda festiva”. Porque a gente gostava de ir e reunir. O Iuri não, saía dali, se tinha um debate bem, se não, amém. Ele e Alex gostávamos. Eu levei mais de 10 anos para superar e achar que eu podia ter direito de sentar num bar. Então, a sobrevivência é muito difícil, muito difícil.

Eu não tive a experiência delas também, eu nunca fui presa. Nem do Ivan, nem do Gilney, que ficou quase 10 anos, não posso imaginar o que foi, porque depois fui para o exílio no local que eu escolhi, com quem eu quis. Mas a sobrevivência te cobra muito. E ali nós temos oito. Tem, pelo menos, da ALN, mais de 15 companheiros, ou foram companheiros meus no Pedro II, ou dessa militância estudantil de 1967, 1968... Quer dizer, uma vivência que eu tive, que vieram conosco, ou que se formou ali, muito grande. Então você tem, além dos laços de militância, você tem laços afetivos. E todos eles, todos nós, tínhamos sonhos. Todos tínhamos. Agora, todos tínhamos muita consciência de que a nossa perspectiva de vida era muito curta.

A Ana era uma pessoa muito alegre, muito sorridente. Aqui não tem ninguém que conviveu com ela. Você? Ah. Mas quando entrava nessa questão, você ficava “ah, e quando ganharmos a revolução você quer que cargo?”, “eu quero ministro de não sei o quê, não sei, não sei o quê”. O Alex, muito irônico, sempre dizia assim: “não, eu vou ser embaixador lá em Paris”. Vocês fiquem com o *ininteligível*, porque ganhar a revolução vai ser fácil. Agora, construir um Brasil justo...”. “Então vocês me mandem notícias”. Muitos, sempre se pensa, “ah, eu quero cuidar da cultura, quero cuidar...”. E a Ana

sempre... Eu lembro de uma noite, trancada, e ela dizendo assim: “e você?”. E ela era da Belas Artes. Ela dizia: “meu lugar está a sete palmos”. Então era um balde de água fria, porque a gente estava num clima de brincadeira e alguma coisa despertou nela, porque não era usual dela. Aí o Alex, que era muito assim, “ah, é?”, e o Lana, que era o Antônio Carlos Bicalho Lana, dizendo: “ah, mas eu não. Eu vou ficar é para semente”. E o Alex, que era muito irônico, dizia: “bem feito, semente é debaixo da terra”. Eu que não quero virar semente de nada. Mas ela não se descontraiu. Alguma coisa nas nossas brincadeiras ativou que ela falou: “meu lugar é...”. É uma coisa que sempre, muitas vezes, olhando a foto, eu lembro dela dizer que o dela era a sete palmos, não teria o amanhã.

A ida para a organização, minha mãe e meu pai engajaram-se desde o início, o Iuri... Eu nunca, eu brinco muito que essa mácula eu não tenho no meu currículo, eu nunca participei do Partido Comunista Brasileiro não. Eu já entrei direto na ALN. Então não tenho que fazer autocrítica, crítica, porque por lá eu não passei. Quando o Iuri veio querer convencer e discutir, eu falei: “hum, vai falar lá com o Alex porque comigo, eu ainda não tenho muito clara essa coisa não”. E esses velhos aí pra mim eu acho que não estão é com nada. Você imagina que eu tinha 15 pra 16 anos, então eu não entrei.

Então eu já desembarquei na ALN, até de uma forma... Eu estava pensando assim: “quem recrutou o Gelson?”. É uma coisa que eu queria perguntar para a Lídia. Quem recrutou o Gelson? Se você me perguntar: "Iara, quem recrutou o Morano?" A coisa assim que a gente vai puxando, né? Eles estavam ali, o grupo todo de Medicina. Se você disser assim, Amelinha: "Iara, quem te recrutou? Como que você entrou?". Foi sabe como diz assim: “ah, é uma coisa natural”? As pessoas podem estranhar, mas realmente. A família inteira foi, meus irmãos saem para esse treinamento e cada vez vai indo mais. E aí a minha mãe me pede: “olha, não sei o quê o Preto está aí, você faz tal coisa”. Aí eu comecei a prestar uma solidariedade, ajudar a minha mãe... Nós dávamos muita infraestrutura a Marighella no início, cuidava. Ela tinha a responsabilidade de onde ele se hospedava, de levar as pessoas pra falar. Então eu comecei a desempenhar pequenas tarefas de apoio, de logística, até que veio o Ato 5. Aí nós estávamos legal ainda, morávamos em casa.

Eles invadem a casa. Eu tinha saído com o meu pai para ir para a cidade chamada Óbitos, no Amazonas, porque minha avó estava morando lá e já estava muito

idosa, não podia mais viajar. E nesse trajeto Rio até Belém o meu pai foi deixando, fazendo contato, deixando medicação nesse eixo...

(Um dos presentes se dirige à Iara – inaudível)

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Se você esperar eu explico.

Nesse eixo que era de suporte à guerrilha rural e quando o Ato 5 vem, chega a ordem. Ele viu que invadiram a casa de Marighella dizendo: “não, você vai sair pela Guiana”. Chega o recado lá em Óbitos de que você vai estudar fora. Aí eu digo assim: “ah, não vou mesmo. Não vou sair daqui, não me despedi dos meus amigos”. Até então eu estudava, tinha as amizades, frequentava o Fluminense... “Não, não vou”. E foi uma guerra uns 15 dias, entendeu, que eu disse: “tudo bem, eu vou”. E aí a minha tia desesperada, porque eu dizia que não ia, que eu ia pegar o barco e ia... Porque nós tínhamos que ir para Santarém, pra Santarém-Belém ou para Manaus. Até que ele se convenceu e deve ter tido assim: “essa menina não bate muito bem, deixa eu trazer essa menina para o Rio”. E aí eu volto ao Rio, já sem condições de voltar para a escola, de forma clandestina. E a partir daí eu passo a ter uma convivência muito cotidiana com o Marighella, porque aí eu já não estudava, não tinha obrigações, ainda estava numa fase em que nós não estávamos em ações diretas, pelo menos na então Guanabara. E ele não queria eu participando desses grupos.

Continuo nesse apoio. É quando eu conheço esse rapaz aqui, que veio fugir de Minas com o outro companheiro, Chico, e ele me manda lá passar recado e ver, e é onde a gente desenvolve o projeto que o deputado se referiu, que era a Rádio Libertadora. Marighella se sentia muito acuado, você imagina ficar preso, ele só saía à noite, para os encontros. E a dificuldade, a censura em tudo, como é que você divulgava? E ele... Há duas versões: ou ele lembrou do que ele viu quando da OLAS lá em Cuba, da rádio de libertação que Fidel botou na Sierra Maestra ou, lá em Fernando de Noronha, eles também tinham, na época da ANL, era das prisões de Vargas, ele tinha uma rádio

também lá, inclusive no... Como é que era o presídio do Rio, ali? Onde esteve Graciliano...?

**O SR.** – Ilha Grande.

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Não, mas antes.

**O SR.** – É o “PP”, Presidente (inaudível), Frei Caneca.

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Ali onde prenderam, onde esteve a Elza, todo o pessoal preso, inclusive a Olga Prestes, antes de sair. Eles tinham também uma rádio. Eu não sei dizer a origem, porque ele não conversou isso. E ele um dia me diz assim: “tenho uma nova tarefa pra você”. Já que nós estamos rememorando, eu era uma menina, como falei, da zona sul, então eu usava, aquela época era o auge da minissaia. E ele ficava possesso com o tamanho da minha roupa, de minissaia. Então toda vez que ele mandava alguma coisa pra ir para a Tijuca, que era um bairro conservador, ou ir para o centro, ele dizia: “olha, veste roupa decente...”. E eu dizia: “mas eu estou vestida”. Se eu botar outra roupa eu vou ser presa porque vão estranhar. E ele disse assim: “olha, você põe uma roupa, vai lá na Rua do Ouvidor, não sei o quê”, e eu não conhecia muito o centro da cidade não, porque eu não passava pra lá; “e você vai me comprar, você pede, diz que você quer gravar seus discos, o melhor gravador que você tiver. Nós vamos fazer umas gravações para uma rádio”. Aí lá fui eu, com 17 anos e parecendo ter 15, e pego o vendedor, “mas como é que é? É de rolo?”, tinha fita cassete já; “qual é o melhor?”, “ah, esse de rolo”. Então compro eu um trombone, apesar de ser portátil,

chego eu com o de rolo lá. “Ôh Preto, o cara disse que esse aqui é o melhor, viu? Aqui você regula grave, aqui regula agudo e não sei o quê”. E aí nós começamos as tentativas e erros, nós dois, imagina, de gravar. E o rolo, quem é antigo aqui pegou, na hora que você dá pausa, pra você reiniciar, pra você cronometrar, no cassete é ruim, ficava “cloc, cloc”, mas no rolo era muito pior. Aí, quando eu volto no outro dia ele diz: “não presta. Não dá porque ficam aqui os espaços... Traz outro”. E aí...

Eu relembro que nós gravamos algumas coisas no gravador de rolo, mas era difícil de você reproduzir, de você distribuir, por quê? Ele mandava as fitas, foi para o Ceará, chegou no exterior... E pra você reproduzir a do rolo necessitavam outros tipos de acabamentos que na cassete você fazia mais fácil. E aí nós fizemos. Iniciamos o projeto da Rádio Libertadora Nacional, que muitos anos depois, o Del Roio, que não está presente aqui, conseguiu recuperar, lá na Itália, uma das fitas dessas gravações onde tem... Ele escrevia pequenos textos, ele escreveu: “Esse é o ano da guerrilha, ano rural”, “Papel da mulher na revolução”, “Carta aos brasileiros”, inclusive a que foi lida aqui na Rádio Nacional, que não foi gravada por ele, muitos anos ficaram de que seria uma gravação dele e foi o companheiro Berloque, que era um locutor, que gravou o texto, mas ele gravou. Então nesse CD tem.

E o Mário Magalhães, que escreveu a biografia dele, do Marighella, localizou essa fita aqui no Cedem e fez uma cópia. Recuperou essa, Adriano, e uma que foi posta numa Kombi aqui na USP, que inclusive, se eu não me engano, é a voz do Alex, onde tinha uma propaganda e dizia: “olha, não se aproxime, não abra, aqui tem uma bomba. Se você se aproximar, vai explodir”. Foi a outra continuação que teve que não foi muito adiante. Inclusive o companheiro Balboni morre numa emboscada de carro exatamente tentando comprar gravador pra gente colocar em mais veículos. Só que ele estava com um cheque, produto de ação e que estava relacionado e ele acabou sendo capturado e morto.

Com o projeto "Marcas da Memória" da Anistia, nós fizemos um livro, que é um belo livro, onde estão as transcrições e acompanha o CD com as gravações originais. Nós tiramos apenas... Marighella iniciava as falas e terminava com música. Aí entrava o problema de direitos autorais. Nós discutíamos muito se íamos enfrentá-los ou não. Mas além de direito autoral, direito autoral de herdeiro, que é mais complicado do que o que você lida com o próprio proprietário, o autor. E aí era uma questão com o Ministério da

Justiça. Nós achamos por bem retirar as músicas, que foram relacionadas, depois me disseram, “você devia ter só escrito”, na época não apareceu, que demonstrava muito o espírito dele e a ironia de Marighella. Quando ele anuncia o ano da guerrilha rural, a música era aquela: “ai, ai, ai, ai, está chegando a hora...”, ele botava, escolhia os refrãos condizentes mais ou menos com o estado de espírito.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – A gravação da tomada da... Que foi colocada na...

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Não, nós não temos.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Mas ela era de vocês?

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Não, essa foi feita especificamente para a tomada da rádio com o companheiro Berloque, que era um locutor. E até hoje nós não conseguimos recuperar essa fita que foi da tomada que não se tomou a rádio, tomou-se a torre de transmissão. Quando começou a transmissão a polícia cercou a rádio e invadiu achando que estava lá. Então ela tocou mais de 20 minutos até eles irem lá na torre, na repetição, e interromperem, porque a gravação era sucessiva. Eles correram aqui na rádio e não estava na rádio. Foi uma ação muito inteligente. Poucos recursos, poucos homens e num horário nobre. Então saiu, naquela época...

Outro dia eu fui falar isso num debate, Adriano, “porque hoje o povo não escuta rádio, eu não escuto rádio”. Aí todo mundo: “hã? A gente escuta rádio sim”. Eu

imaginei que hoje em dia nem se ouvia mais tanto rádio. Mas naquela época, então, mesmo sendo ano de 1969, eu acho que o rádio era bem ouvido, né? Não sei. Garotada, que era o que estava na plateia, chiou de que continuavam ouvindo rádio. Pra mim não ouvia não. Eu, pelo menos, não escuto. Faço logo *mea culpa*. Uma audiência fantástica.

Essa ação, Adriano, não sei se você sabe, se você leu no livro, eu faço uma menção. Tinha um jornalista, o filho dele é vivo, Vladimir Sacchetta, o Hermínio Sacchetta, ele era o diretor dos "Diários Associados". Ele era um velho anarquista. Na época das cisões, dessas brigas de partido, ele tinha sido expulso. Marighella escreveu um artigo veemente criticando o companheiro. E o Toledo, o que tinha o Marighella do cara explosivo, tinha o Toledo do gentleman inglês, né? Quem conheceu e conviveu. E o Toledo se aproximou do Sacchetta e quando da ação, ele levou o texto, informou e ele disse assim: “não dá um jeito de você publicar? De você dizer que captou e publicar?”. Um risco terrível. O Sacchetta era um velho militantes. Sabia, vamos dizer assim, não entrou... E ele realmente fez isso. Quando “ah, vamos ouvir, ligar a rádio, ficou lá”. E no Diário da Tarde, o "Jornal da Tarde"... eu não sou paulista, troco os nomes... Ele publicou na íntegra, em edição especial, a transcrição, que ele já tinha em mãos, da “Chamada ao povo brasileiro”. Isso custou quatro anos de prisão pra ele, ele ficou – aí é o depoimento do filho, está registrado – mais de sete anos sem conseguir emprego, na lista negra. O Hermínio Sacchetta, que já é falecido. Mas ele honrou um compromisso assumido. São coisas assim que às vezes passam, não se registram. Quando eu fui recuperar... E eu queria muito essa publicação e o Vladimir dizia: “Iara, eles recolheram, foram nas bancas”. E eu pejejei, pejejei e arrumei uma cópia. Não do jornal, mas uma xerox onde está a transcrição. Então, aqui, fazendo justiça ao companheiro Hermínio Sacchetta.

Esse era um velho militante, mas ao longo da nossa vida nós encontramos a solidariedade de muitas pessoas que arriscaram as suas vidas e das suas famílias para nos amparar. Isso aí eu acho que todos aqui teriam uma história expressiva pra contar.

E nós gravamos essas fitas, que deram como produto esse livro, que aí quando o Adriano me convidar eu posso fazer o lançamento aqui, porque em São Paulo ainda não teve; já lançamos em várias cidades. Estou brincando, viu, Adriano?

E eu em seguida sou também convencida... Qual era a visão que Marighella tinha? Você precisava de militantes com treinamento. Mas você precisaria também de

formar militantes, desde médicos, engenheiros, que foi uma estratégia que o Movimento Popular de Libertação da Angola fez. Só que eles faziam assim: os quadros que já tinham dois, três anos na guerrilha lá e sobreviviam e eram jovens, ele mandava pra Itália, pra Paris, pra Moscou, pra estudar, dizendo: “quando a gente ganhar, vamos precisar de pessoas qualificadas”. E Marighella tentou botar, “você precisa estudar e não sei o quê” e eu dizia assim: “mas quanto tempo, você acha?”. Eu era muito irreverente e também a idade, né... E eu dizia assim: “para estudar o quê?! Eu vou ficar lá esperando vocês? Eu não sou trem parador da Central do Brasil pra ficar parada em canto nenhum. Eu só vou se for pra treinamento”. Isso a gente levou uns três, quatro meses batendo boca. Aí, ele era muito esperto, não é à toa. Ele disse assim: “não, Iara, vamos fazer um acordo”.

Eu tinha uma escoliose desde os 13 anos, que é um desvio da coluna que pode ser progressivo e eu fiz um tratamento muito prolongado na ABBR, que era o que se tinha de mais avançado no Rio de Janeiro. E ele um dia, aí não sei se conversando com a minha mãe, quando eu chego lá ele disse assim: “você vai levar a sua documentação da escoliose, lá em Cuba tem muitos bons médicos, e você vai passar por uma perícia. Se eles te liberarem, você faz o treinamento. Se eles não te liberarem, você vai estudar”. Eu também não sou boba, né? Eu disse: “estou lá! Quero ver!”. Não conhecia o que era aquilo ali. Falei: “topo”. “Então tá bom, fica combinado assim”. Lógico que ele botou cartinha, né, e aí isso já fugia... E quando chego lá o oficial que nos recebia disse: “não, escolhe um nome”, aquela história, e eu escolhi o nome de Tânia em homenagem à companheira que tombou na Bolívia. “Tem que levar a companheira Tânia lá no Frank País”, que era um hospital ortopédico famoso. Falei: “o que que eu vou fazer lá?” “Veio aqui do Brasil que você tem que ir fazer uma revisão na sua coluna”. Eu falei: “mas não é que o danado mandou mesmo?”

Eu enrolei esse cubano acho que um mês pra ir no hospital. Falei: “o que que esses caras vão dizer, né?” Total fui vetada do treinamento rural. Infelizmente Marighella foi assassinado logo em seguida. Eu chego lá era setembro e novembro.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Quando ele morreu você estava lá?

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Eu estava em Cuba com o terceiro grupo em treinamento. E logo em seguida chega o Toledo. Minha mãe também tinha ido lá pra preparar a volta do grupo da Darci, do Iuri, do Alex... Daquele grupo ali só o Iuri e o Alex, do Lana, que eram o chamado Segundo Exército, quando ele é assassinado. O Toledo estava fora, estava ainda em Paris, e vai para Cuba, e decidem retornar para reorganizar a organização aqui. E minha mãe decide que vem junto.

Minha mãe tinha muitos contatos, principalmente os da Guanabara e tudo, porque ela era coordenadora da Ação Libertadora na Guanabara. Então eu sempre digo assim: ela estava com os três filhos no exterior. E ela decide retornar após a morte do Toledo, numa situação, do Marighella, numa situação muito difícil.

Então assim, pra gente, eu gosto sempre de frisar, e eu não tive ainda oportunidade de fazer o dossiê para a Comissão Nacional da Verdade, nem a Nacional nem a do Rio, porque é uma história muito importante de recuperar. Quando muitos aqui estavam pedindo pra sair, ela e Toledo voltam. Podia ficar ali, né? Podia dar um jeito. Ela volta e deixa a volta dos filhos programada, de outros companheiros. E ela é presa logo em seguida, 20 dias que estava no Brasil, muito torturada. Só acho que ela escapa porque era janeiro de 1970, eles ainda não tinham noção do papel que ela desempenhava e dos contatos que ela tinha. Por exemplo, ela tinha o Toledo na mão. Entre outras coisas. E mesmo assim ela foi muito torturada. Ela é levada para o batalhão de cavalaria do Leblon, que inclusive não está na lista da CNV ainda, dos centros de tortura, e sabe essas mulheres, dizem, do povo...? Uma natureza, uma inteligência assim, né... E ela vê que dali ela não ia conseguir fugir. E ela simula, ela teve muita pancada nos rins, ela teve uma hemorragia, uma infecção grande e entra um enfermeiro pra medicá-la e ela mete a mão na seringa e simula uma loucura. E eles ficam todos preocupados.

Nesse meio tempo minha mãe trouxe para a organização várias senhoras. No Rio de Janeiro nós tivemos um grupo de mulheres, a gente diz "senhora" – hoje em dia eu

nem vou dizer sua idade, viu, Celinha? – eram todas pessoas que ainda não tinham 50 anos. Tinha uma, que era a Antonieta Campos da Paz, que tinha. A maioria tinha 44, 45, e a gente dizia: “essas velhas...” E ela trouxe para a organização, foi a única base da ALN onde você encontra várias mulheres, não vou dizer idosas, adultas, porque Aninha tinha 20 e pouco, eu tinha tal, Gastone... Tudo tinha menos de 30. Não confio em ninguém com mais de 30 anos. E ela trouxe essas militantes, inclusive a *Nieta* Campos da Paz, que era nora de um velho combatente do Partido Comunista que participou do socorro vermelho, que dava assistência aos presos políticos. A Nieta, a Maria Siqueira, que era uma professora, a Edmeia, que era do Partido Socialista e minha mãe capta ela para a ALN, que era uma enfermeira. Então era pra montar o esquema médico. E a Mariazinha e a Carminha. Eram cinco pessoas com mais de 40 anos. Mas menos, tirando a Nieta, todas com menos de 50. E eram mulheres que foram fazer o transbordo de dinheiro de assaltos, que tiveram envolvimento.

A Nieta, em questão de ceder o local para treinamento, hospedou o amigo dele, o Hércio com a mulher, e ela trouxe. E esse pessoal é preso, essas mulheres. Inclusive a esposa do... Onde o Alex esteve durante o golpe, que era um velho anarquista espanhol que veio para o Brasil, Ricardo Prieto. E a esposa dele, que infelizmente o nome foge, também é presa; e ela convencendo: “essas mulheres são nada”. A professora ela disse que era professora de piano logo do Alex... Em vez de dizer que era professora de piano minha, não. “Não, dava aula de piano para o Alex, por isso que eu conheço ela”. E ela simula essa loucura, que era um pouco a sua área, e o Exército sai com ela e o que acontece? Os hospitais militares não têm enfermagem de mulher. Naquela época só tinha homem. E eles vão num canto, noutro... Então tem os memorandos dizendo: “não, não pode. Não pode ficar não sei aonde”, eu não gravo os lugares, apesar de carioca, porque é tudo para o subúrbio, lá, os hospitais. E eles chegam em um, quem conhece um pouco o Rio conhece o Canecão. Do lado do Canecão tem o Pinel. E eles, no final, dizem: “o único lugar que podemos interná-la vai ser aí”. Isso era fevereiro. Ela foi presa 29 de janeiro. E ela é internada nesse hospital psiquiátrico ali e ela, de imediato, os médicos começam a atender e percebem que de louca ela não tinha nada. E um dos médicos desse hospital, que eu não vou lembrar o nome agora, era ligado ao Partidão, Partido Comunista Brasileiro, e avisa ao David Capistrano Filho – ela foi internada com o nome dela – que ele conhecia, porque quando eles vieram do golpe fugidos lá do Nordeste, estiveram lá em casa, o Davizinho estudou com o Iuri e diz: “olha, está presa uma presa

política assim”. E o Davizinho entra uma noite no hospital, chega e diz assim: “Zilda, nós vamos tirar você”. E ela diz assim: “quem você é?” E ele ali insiste...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Zilda?**

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA – É,** Zilda. Mas ele fala pra ela: “nós vamos tirar você”. E ela diz: “quem é você?”, e ele achando que ela podia não estar reconhecendo. “Não, porque nós vamos...” Aí ele diz assim: “você sabe quem eu sou”. Vou transcrever um pouco. E ele disse: “Zilda?” E disse assim: “Você sabe que eu tenho uma organização e que o comandante era Carlos Marighella? Então você sai pra fora que eu só saio daqui pela minha organização”. Só pode ser louca. Aí eu tinha internado mesmo, né, porque recusar uma fuga porque a pessoa que ia fazer e a organização que ia fazer era o Partido Comunista? Mas você vê aonde ia o ponto da coerência. A gente pode hoje em dia dizer: “não, isso eles vão usar pra querer desmoralizar que a organização dela não conseguiu resgatar e nós conseguimos”. Esse foi o raciocínio que ela fez. Então ela preferiu continuar sob o risco de voltar para a tortura, a aceitar uma fuga que não fosse pela organização. Você vê que são coisas assim... Por isso que eu digo que é muito importante, espero, passada essa fase, conseguir resgatar e pôr os documentos dela na CNV para que fique contado.

A organização tenta duas vezes e não consegue. Ela articula, até aí ela já tinha os médicos que sabiam, que mandavam ela simular, que apoiavam, e ela consegue fugir sozinha, sem organização, com o apoio de uma enfermeira; não sei se é viva. Ela sai e ela sempre diz: “eu dedico minha vida, minha fuga, aos trabalhadores”. Ela aproveita o feriado Primeiro de Maio e sai segurando a roupa, ela tinha perdido aproximadamente 42 quilos, e sai pela portinha, com a saia segurada, dobra a esquina, quem conhece, ela vem para o lado que era o Canecão, consegue achar um orelhão e liga para essa Edmeia, que era médica, que vai resgatá-la de carro.

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – Ela fica na esquina esperando?

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Ela marca um local com ela, sai de perto do... Porque ela não tinha dinheiro, ela não podia pegar um ônibus, ela não pode pegar um táxi, ele teve que sair caminhando para Botafogo pra esperar que essa companheira, que também não dirigia e não tinha carro conseguisse alguém com carro e fosse recuperar e tirar ela da rua.

Isso é um pouco a história. Adriano pediu para resgatar a história dela. O Toledo... Uma das torturas, quando ela estava... Eles entravam de repente na cela e diziam: “prendemos seu filho. Estamos trazendo o Iuri aqui pra você”. E ela dizia: “duvido, ele está lá em *ininteligível* fazendo engenharia eletrônica”, ela dizendo, e eu com o coração apertado porque ele estava voltando, era a data dele estar entrando no Brasil”. E eles: “ah, é? Então você vai ver!” Aí na segunda vez, na terceira ela já ria, né? E toma tabefe na cara. Quando dizia eles tiveram que parar porque não tinha Iuri, não tinha Alex, muito menos Iara também, que eles aterro... A Iara que ela tinha certeza então de que não estava entrando. O Iuri era o primeiro que deveria estar.

Ela é enviada para o exterior para estruturar a organização fora e de lá ela organiza a volta de todo o pessoal. Então assim, emocionalmente, porque eu digo que é duro sobreviver, pra ela deve ser muito mais, porque ela passa os pontos para o filho, depois para o Alex, Darci, todas as pessoas. Ou àqueles que conviveram na casa dela antes do Ato 5...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – E quando vocês vêm para São Paulo?

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA – Eu?**

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu?**

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Não, veja bem. Eu estou voltando para o Brasil, a primeira vez que eu conheço o Gelson era agosto de 1970, a minha mãe já estava fora e eu ia voltar para ficar na parte de documentação, essa documentação fria dos militantes, acho que era um dos cursos que eu tinha feito; e chega o Gelson em tarefa e nesse meio tempo dá outubro, eu estou acabando de fazer os contatos em Roma, na Itália, e o Toledo é assassinado e aí cancelam a minha volta. Aí eu volto para Cuba, pra esperar. Aí a organização, quem está, diz “não, tem que reestruturar”. Então eu só volto, Adriano, eu chego em outubro de 1971, fico perdida quase um mês, porque o ponto que me dão tinha uma feira no dia e quem vai me buscar é o Iuri e o Criolo. O Criolo é o Luiz José da Cunha, que me conhecia desde 1965. E a gente assim mudou cabelo, colocou óculos, e o Iuri ficava dizendo: “também, fantasiada desse jeito, quem é que vai conhecer?”.

Mas a feira atrapalhou um pouco ou eles não me reconheceram. E eu permaneço aqui, porque eu falei: “ai, a gente depois que saía sabia como era duro pra voltar”, né? E fico atrás de antigos contatos e o Alex vai num desses, que diz assim: “Ela vai procurar essa família”. Então ele fica indo lá, sem contar nada. Depois a menina disse: “bem que eu achava estranho, ele aparecia aqui muito raramente”. E ele ia dia sim, dia não. E eu com medo, porque não sabia o que tinha acontecido com a família, ficava zanzando esperando: “o que que eu ia fazer?”, “como é que eu faço?”, só encontrava alguém, só que eu não fazia ideia de por onde eles andavam. Até que o dinheiro vai acabando e eu só tinha duas alternativas: ou eu saio do Brasil ou eu fico perdida, vou trabalhar e tal. Aí eu resolvo arriscar e ir nessa casa. Quando eu entro, essa família a gente conhece desde antes do golpe, ela diz: “ah, agora está explicado! Menina, seu irmão acho que vai

surtar, porque ele chega aqui com o olho pra ver... Ele esteve aqui ontem, deve estar amanhã”. Aí lógico que ele não voltou, levou uma semana pra ele voltar e eu então me reencontrar com a organização. Então eu já chego próximo da morte do Alex. Nós tivemos um período curto de convivência.

Eu volto e uma das tarefas que eu recebo seria para montar junto com a Darci um esquema de inteligência e informação da ALN. Então, Darci, além de eu ter conhecido ela um pouco em Cuba, ficou muito marcada porque nós vamos... Nos encontramos, marcamos um encontro, se não me falha a memória era Santo Amaro, aonde ela ia me levar para o aparelho, só que eu estava pouco tempo aqui. Desço na avenida, era uma ruazinha lá pra dentro. Só que a ruazinha era muito longe e ela, como toda oriental, muito disciplinada, não me esperou. Deu lá seus cinco, 10 minutos, sebo na canela. Quando eu chego no lugar do encontro, já devia ter passado 15 minutos, hoje em dia eu não me lembro, cadê a japonesa? Falei: “O Iuri vai me matar!”. Foi a primeira coisa que eu pensei, “perdi a porra do ponto!”. E, diz ela, também foi o que me salvou, não ter encontrado ela porque ela ia para o Rio, como foi, lá ela foi presa. E aí acaba o esquema de inteligência e eu me incorporo então aos grupos táticos armados e ao sonho do Iuri, que era a ALN ter sua gráfica. Tinha caído aquela gráfica dos meninos.

Eu e Gastone, digo assim porque eu e Gastone, quando o Iuri vai à Cuba antes da nossa volta e a gente dizendo: “Puxa, a gente fica sem fazer nada?” Ele falou: “não”, chama o *ininteligível* e diz: “bota essas meninas para uma gráfica, mas gráfica pequena, gráfica de offset, tal, porque elas podem ser úteis nisso”. Então eu e Gastone ficamos trabalhando, fizemos ali numa gráfica, perto da praça lá da revolução, numa daquelas ruazinhas e quando eu volto, inicialmente eu ia ser deslocada para o Nordeste com o Arnaldo. Aí dá a ação de *ininteligível*, dá o problema que vão queimar os cartórios; o Iuri resolve, fura, a japonesa não me esperou, fura a questão da inteligência, caem os meninos, fevereiro, lá, a gráfica, quando íamos buscar. E então eu fico com a tarefa de achar o local adequado pra gente montar a gráfica, porque era muita dificuldade de imprimir o material. E ele queria fazer não era um, dois jornais, era muito, panfletos e tudo. Então eu começo a fazer esse trabalho junto com um colega do Gilney, o José Júlio de Araújo, JJ, e estava nesse processo de estruturação para a gráfica, já tínhamos achado o local, era um sobrado, tinha uma pedra, frio feito cão, mas que pra não sair barulho, além de isolamento, quando o Iuri, Ana e Marcos são assassinados. Você falou

pra não falar de morte, mas estamos voltando para o tema, pra você ver como é que a coisa é complicada.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Aí você fica sozinha, né?

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Não, estava o Arnaldo já aqui. Aí também, já que nós estamos contando causos, como diriam lá nas Minas, do Gilney, e eu vou encerrar, senão o Gilney não fala, quando eu chego, o Alex diz assim: “Olha, achei o seu marido”. Eu vou fazer só um porém: eu tinha tido um namorado em Cuba que eles não aprovaram. Eu digo “eles” é ele, Ricardo, o outro companheiro, que vetaram. Era paulista, tinha o grave defeito de ser paulista. Minas eles ainda concordavam, mas paulista nem fiado, nem à vista, entendeu? E não era da origem da ALN, então não tinha “pedigree”, sabe? E eles todos vetaram. Eu levei toda contente, fui apresentar... Levei um corridão e o menino outro, porque ele não estava à altura.

Então, quando eu cheguei no Brasil ele disse assim: “olha, tem um cara que é...” Eu falei: “e sabe lá do meu gosto?”, “Não, você vai gostar, você vai ver”. E por incrível que pareça a pessoa escolhida foi o Arnaldo. É mineiro, né? Era mineiro. Ele tinha um jeito todo peculiar de ser e eu não sei o que que o Alex se encantou com ele, não, mas se encantou. E quando ele falou: “tenho que te apresentar”. O encontro foi ele ficava “assim”, querendo o veredicto e eu quieta. E o Arnaldo sem entender nada da conversa. Depois dizendo: “eu não entendia tanta careta que o Miguel estava fazendo”. Eu falei: “ele estava querendo saber se eu tinha batido o carimbo de aprovado”. Então o Arnaldo, nós já estávamos juntos. Com a morte do Iuri, da Ana e do Marcos, o José Júlio iria sair, nós iríamos não usar mais como gráfica e nunca mais conseguimos gráfica porque o Gelson já tinha morrido, que era o outro incentivador de jornal; o Iuri também. Sobrava o Luís José da Cunha, que era também o nosso podemos dizer, um *ininteligível*, era um velho, tinha 33 anos, imagina. Os meninos todos com 23 e ele com 33, tinha feito curso

de formação em Moscou pelo Partido Comunista, mas não tivemos mais sonhos de gráfica. E então eu e Arnaldo vamos morar juntos, como casal.

Inicia uma fase muito difícil da organização, a gente num cerco muito grande, a gente suspeitando de infiltração, a gente achando que alguns companheiros podiam estar sendo monitorados e seguidos. Inclusive, você falou do Papa, do Ronaldo Mouth, eu não o conheci. Quinze dias antes do Arnaldo ser morto, ele saindo do encontro, que amanhã vai ser relatado, ele... Eu estava grávida, sofri uma ameaça de aborto, então eu estava de repouso. Nós morávamos, ali no Jabaquara, num sobrado; então não podia ficar descendo e subindo escada. E nós tínhamos um luxo, porque o sobrado tinha um telefone. Então ele sempre ligava: “olha, tudo bem”. Porque eu dizia: “você liga, vai que os homens chegam aqui antes, você não precisa entrar. E você me dá notícia”. Porque naquela época não tinha celular, não tinha nada. A gente saía cedo e voltava tarde. E ele me liga e eu disse assim: “ai, eu não descii não”. Ele falou: “então deixa, eu vou comprar uma galinha”.

Bem perto de casa tinha uma padaria. Mas ele era mineiro, sabe? Então muito descansado. Então ele vem, ele vinha de longe, não sei se da Mooca, do Brás, e ele cochila no ônibus, passa da quadra da padaria, passa da nossa quadra. Quando o ônibus faz uma curva ali no Itaim Bibi, na rua que me foge o nome, ele abre assim o olho e viu que passou e tinha uma padaria na esquina e os ônibus abrem a porta quando chega no cruzamento, não sei se hoje em dia ainda é assim, se os ônibus são mais modernos, e ele levanta e solta. “Nossa, passei”. Quando ele solta do ônibus aqui, que o ônibus acaba de passar, que ele fica desprotegido, ele leva a primeira rajada de metralhadora. Não entende nada, né. Porque quando você está entrando num ponto, saindo do ponto, você está alerta. Ali ele diz que ficou assim... Corre para a rua, é contramão, e os tiros, é atingido na perna, pega um Fusca e foge. Isso foi 15 dias antes.

No primeiro dia que ele sai, Adriano, por isso a primeira vez que eu escuto falar do Ronaldo, ele estava com o Criolo em casa, com o Luiz José, que tinha vindo do Rio, e durante esses 15 dias que ele ficou de repouso, a gente cobriu essas alternativas, encontros; aquele menino, Francisco Emmanuel, o Seiko Okama, pra segurar, por isso o Luiz José veio do Rio, pra reestruturar o que que tinha acontecido. Ele não deveria ter saído naquele dia, porque a orientação do médico, apesar de que a bala entrou e saiu, mas era de ele ficar 30 dias. Mas ele falou: “não, já está bom, já posso correr”. Ele saiu,

entre um dos encontros, para recontatar o Ronaldo Mouth Queiroz. Eles dizem que estão chegando, o Arnaldo dirigia, o Criolo não; eles percebem que tem um esquema, que a repressão está no local. Eles não entram, mesmo na rua. Estão se retirando quando encontram o Ronaldo caminhando, também saindo da área. E ele diz assim: “pô, cara, o que que houve?”. Aquela conversa assim: “eu não abri, você não abriu... Quem foi?”. Era uma situação que ele diz assim, muito difícil, né? E o menino branco, né? Não, ninguém percebeu ou depois...

Foi assim: ele tinha encontrado mais alguém da onde o Ronaldo tinha saído ou da onde o Arnaldo e o Luís José tinham vindo...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Isso aí é mais ou menos que mês?

**A SRA. IARA XAVIER PEREIRA** – Março de 1973, foi dia 12, dia 13 de março. E aí ficou aquela... Ninguém teve assim, não estou dizendo ... Aí qual foi a decisão? Desliga-se o Ronaldo Mouth Queiroz. Então a partir dessa data, com a direção da organização, o Ronaldo não teve, até a morte dele, em abril, ele não teve mais contato direto nem... Não sei se ele encontrava o Seiko Okama, eu sei que a mim não, mas o Arnaldo determinou com o Luís José da Cunha de que, por segurança... O local estava com a polícia, ele seria descontatado. Foi a medida que a gente começou a adotar quando você tinha algum tipo de suspeita. Ou a pessoa vinha para a clandestinidade, se era legal, ou então era descontatada. O Ronaldo foi.

Um pouco antes tem um outro menino, agora me fugiu o nome, Adriano, você vai conhecer, ele dirigiu um negócio de transportes na época da Erundina. "Soalheiro", uma coisa assim. A Suzana que é boa com a memória. A gente chamava ele de barbudinho, ele fazia os documentos. Esse rapaz aprendeu com o Rui, com o Luís Almeida, o irmão da Amparo. E esse rapaz, num dos encontros, o Arnaldo achou que estava sendo seguido, ele era legal. E aí me mandou encontrar e disse assim: “vai e

percebe se está sendo”. A sensação que eu tive, de um Fusca lá, e os caras olhavam pra gente e riam, ele dizia assim: “não, mas o Jiboia fez sua cabeça”, porque a gente conversava muito. “Não são, não estão”. Eu falei: “olha, a ordem é essa: ou você vem comigo, estaciona o carro e vamos ver se a gente sai ou então você vai ser descontatado”. Aí ele falou: “não, não vou”. Eu afirmo, ele diz que nunca foi preso. Ele foi o primeiro a ser descontatado dessa etapa. Mas Soalheiro mesmo o sobrenome. Ele foi diretor aqui na época da... Só nessa época que nós fomos, a gente procurava, eu e Suzana, onde está, nas fotos dos mortos, como a gente não sabia o nome, se era ele, e olhava umas fotos e dizia: “não é, não é”; “que fim teve esse cara? Que fim teve esse cara?”. Um belo dia a Suzana aqui descobre o cara aí. Ele foi descontatado.

Então o Ronaldo foi descontatado exatamente 12, 13 de março, porque o Arnaldo é morto dia 15 por estar no local onde eles iam se encontrar com os agentes do Estado. E até a morte dele, aí não sabemos que caminhos o Ronaldo foi, aonde que ele foi, até ele ser localizado e assassinado naquela avenida.

Então, como eu falei, eu estava grávida, nós tínhamos confirmado tinha pouco tempo. Arnaldo é de uma família, amanhã eu vou falar mais, de 10 filhos, mineiros. Tinha loucura por ter criança. Eu tinha uma resistência muito grande, porque uma coisa é você, outra coisa é você estar numa vida que a gente estava, e tinha um companheiro que era operário, tinha cinco filhos, que é onde Arnaldo foi para o médico atender quando foi ferido na perna, Genésio. E ele dizia assim: “Mas Iara...” Eu falava: “não, não quero, imagina a gente ser preso com um filho?”; e ele falou assim: “mas então nós não podemos recrutar e ter militantes com filho. Quer dizer, os filhos deles podem e os nossos não? E depois, nós vamos deixar que eles ditem nossa vida? Quer dizer, nós não podemos ter filho?” E com muito custo ele conseguiu, posso dizer, eu com muito medo de a gente então ter um filho.

Era assim, eu acho hoje, eu vejo muita afirmação da vida. Ele tinha um jeito muito diferente de encarar a vida, eu acho que por causa das montanhas lá de Minas... Eu digo mesmo, eu não tinha esse desejo mesmo, não tinha mesmo. Então ele muito feliz, já comprando roupinha e discutindo os nomes... Quando ele é assassinado é uma situação que foi muito dura. E eu brincava muito porque teve a filha desse companheiro, Luís Almeida, ele teve uma filha aqui; e ela ficou um mês lá no aparelho do Iuri e eu e Arnaldo também. Arnaldo dava mamadeira, trocava fralda... “Troca, Bia!”. Eu falei:

“hãhã, eu hein!” E aí quando eu fiquei ele dizia: “eu vou levantar de madrugada pra dar mamadeira?”, e dizia: “não, pode deixar que eu faço”, porque ele foi o terceiro filho, vieram mais sete irmãos, então... E ele dizia, qualquer coisa que eu dizia, ele dizia: “não, pode deixar que eu cuido, pode deixar que eu faço”. Ele tinha um jeito muito doce com as crianças. Infelizmente ele faleceu sem poder...

Então finalizando pra Gilney poder falar um pouco, eu insisto em permanecer no Brasil, a organização decide que não tem condições, eu saio em junho de 1973, em tese, pra ter a criança lá fora e regressar. E aí a organização veio sendo exterminada, fico cinco anos no exílio e em abril de 1979 meu sogro, junto com o advogado, que era Eny Moreira, transita em julgado o meu último processo. Ele informa que então eu posso voltar. Eu tenho um pouco de receio de voltar, era maio então, mas tem muita pressão, o menino já fazendo seis anos... E aí eu volto, que era aquele pedaço que eu contei, do meu reencontro com a Suzana em Perus, uns meses antes da Anistia, em maio de 1979. Aí vou buscar esse cidadão lá na Lemos Brito, que estava lá acabando de curtir quase 10 anos de cadeia, retomo a luta da Comissão de Familiares e de apoio à greve que eles fizeram, de 32 dias, por uma anistia ampla, geral e irrestrita e aí vem a segunda parte do capítulo.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Obrigado, Iara. Obrigado mesmo. Antes do Gilney falar, a Maria Rita Kehl vai fazer uma fala, aí ela precisa sair e o Gilney continua. Maria Rita Kehl.

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – Em primeiro lugar muito obrigada, gostei muito de ouvir essa história da parte com mortes, com trajetos e tudo mas uma história de um momento de muita esperança. Desculpa, eu não vou poder te ouvir, Gilney, eu tenho agora um paciente e depois eu quero convidar as pessoas que ainda estão aqui, vai ser o lançamento do livro do Bernardo Kucinski na Livraria da Vila da Fradique: “Você ainda vai voltar pra mim e outras histórias”. É hoje às sete horas. Aguenta, *ininteligível*.

Marcelo também, se puder ir até lá ou cobrir alguma coisa. Como vai ter a mesa redonda eu vou participar, então não posso atrasar, então tenho que chegar na hora. Lançamento cada um chega...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – *Ininteligível* livro?**

**A SRA. MARIA RITA KEHL** – É um livro de contos no mesmo sentido do “K”, mas um pouco mais... Tem momentos alegres, chama "Você ainda vai voltar pra mim". Vocês vão pensar que é um conto romântico mas é a frase de um torturador, evidentemente dizendo para uma pessoa que está saindo cadeia. E aí tem outros contos, todos do período, todos no estilo daquilo que o Bernardo também escreve. Se vocês puderem ir, é um convite pra todos. E obrigada por tudo que eu ouvi hoje aqui.

**O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIGO – PT** – Obrigado, Maria Rita. Então vamos continuar: o Gilney Viana.

**O SR. GILNEY VIANA** – Bem, primeiro obrigado pela oportunidade, Deputado Diogo e também os companheiros e companheiras que estão aqui por essa oportunidade de falar um pouquinho o que eu vivi.

Eu queria dizer que o pouquinho é já meio longo e então eu vou fazer um resumo mesmo porque as pessoas estão cansadas já.

Primeiro queria dizer que eu sou da geração de 1961. Então aqui, exatamente aqui nessa sala, tem um pessoal que militou comigo no PCB, depois... A Amelinha, a

Criméia, também o companheiro da Amelinha, o César. A Amelinha estudava no Instituto de Educação, ensino estadual. Então nós somos parte da organização de base do PCB lá no estadual que muita gente participou. E aqui tem velhos militantes da ALN, de outros partidos com os quais nós já partilhamos outras labutas. Até queria registrar dessa geração alguns conhecidos: Fernando *ininteligível*, que foi companheiro nosso e que faleceu recentemente em Paris. Valeria até uma história só sobre Fernando *ininteligível*, com todas as suas controvérsias mas simplesmente sempre com a posição revolucionária. Pelo menos daquele que eu conheci e do qual eu soube.

Eu também, Diogo, queria falar que desses oito companheiros que essa audiência pública trata, das suas respectivas mortes, eu conheci dois. O Iuri, num evento que era de estudante, mas nós já éramos da... Já estávamos fazendo a cisão, a dissidência do PCB em 1967, lá em Belo Horizonte. E o Arnaldo, que eu conheço desde criancinha, como diz em Minas, porque nós fomos militantes do PCB e o senhor seu pai, que é o companheiro Rocha, era dirigente estadual do PCB lá em Minas, que eu já o conhecia de longos anos.

O Arnaldo então foi meu amigo, companheiro. Até quando nós fomos para a Corrente, depois ALN, e quando nos separamos. Depois nós não nos vimos mais porque a luta não possibilitou. Eu vou falar um pouquinho sobre isso também.

Eu convivi com a geração antes do golpe mesmo porque nós lutamos contra o golpe, lutamos no ascenso da disputa política e ideológica que se fez em 1961 a 1964, foi muito bonita, muito acirrada. Foi um período de luta de classes muito conturbado. E nós que morávamos lá em Belo Horizonte, a direita estava se organizando por todo o lado, mas Belo Horizonte tinha uma característica: tinha uma direita muito agressiva e muito aberta. Então é uma direita o seguinte: que ela se armava contra nós antes do golpe. Então tem episódios clássicos lá que a direita literalmente foi pra cima da gente, mas nós fomos pra cima dela também em várias oportunidades. Não sei se a Amelinha se lembra quando aquela direita, travestida de TFP ficava...

**A SRA. AMELINHA TELES – *Inaudível.***

**O SR. GILNEY VIANA** – Então, às vezes a gente passava lá também e dava um susto neles, você entendeu? Ali na Praça Sete ou na Avenida Afonso Pena. Mas tem episódios como esse da Secretaria, antiga Secretaria de Saúde, que tinha um grande auditório e quando, naquela história de ter um comício... Tem dois episódios, um do episódio da Cutal, que a direita não deixou que o congresso dos trabalhadores se estabelecesse e tem um quebra pau lá. O pessoal deu uma recuada ali, o Partidão, principalmente, deu uma recuada. Mas quando o Brizola foi fazer um comício lá, isso final de 1963, 1964, no início de 1964. Também ali teve uma batalha campal. Literalmente a polícia deixou entrar a direita lá no auditório e nós da esquerda eles foram deixando mitigadamente, de tal forma que nós chegamos lá, a direita ocupou o palco. Então estava a direita de um lado e a polícia do outro. Obviamente que teve um quebra pau lá muito forte. E nós pra nos defender quebramos as cadeiras e pegamos paus, senão nós íamos apanhar sem bater. Mas apanhamos. Confesso que nós saímos corridos de lá porque eles fizeram um movimento de pinça pra nos massacrar lá.

Eu fui um daqueles, junto com outras dezenas e centenas, que conseguiu entrar. E quem entrou apanhou mais, porque você tinha que sair de lá de dentro e na rua também teve um...

Então a direita lá era organizada. Lá em Minas teve um fenômeno que eu não sei se teve aqui em São Paulo, é o fenômeno dos chamados amarelinhos. Esses amarelinhos... Tinha um general, General Bragança, que ele é um cara da direita, e tinha outros, tinha padre também no meio, lá em Minas tinha uma forma bem variada da direita. E ele organizou uma juventude e pra caçar comunista. Aqui teve CCC, essas coisas. Lá tinha essa coisa. Quando deu o golpe, isso em 31 de março, eles andavam com a braçadeira amarela, caçando comunista. Eu conheço bem isso porque o quartel general deles era perto da minha casa. Eles ocuparam um grupo escolar, uma escola, você entendeu? Que hoje é perto ali da Assembleia Legislativa, da nova sede da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, ali perto do campo do Atlético, que por sinal, o comando do exército era também ali, na Rua Curitiba. Então tudo ali convergia ali para eles se articularem.

E nós, eu era estudante secundarista, cursava o terceiro ano do científico no colégio estadual. E nessa época eu tinha 18 anos, completei 18 anos. Eu fui preso, como

outros, companheiros e companheiras nessa ocasião, no dia 30 de abril de 1964. Naquela ocasião quem me prendeu já foi o agente do Cenimar, que era um cara muito conhecido lá, junto com um S2 do Exército, não foi o DOPS que prendeu. Quem prendeu foi o Cenimar com o S2. E naquela ocasião eu não fui carregado para o DOPS, olhe bem. Fui carregado, assim como outros companheiros, para o quartel, o comando do exército. E lá foi minha primeira experiência, tinha 18 anos, de interrogatório. E eu diria o seguinte: que eu era neófito, mas aquele pessoal do exército, ainda era neófito, em tortura e interrogatório. Depois, seis anos depois, eu fui preso pelo Exército do DOI-CODI. Aí eles eram profissionais, certo? Da tortura e dos interrogatórios. Eu não reproduzi toda essa história porque aí demoraria muito tempo. Mas só pra você ter uma noção de como o exército tinha uma... O Serviço de Informação do Exército, diferente do Serviço de Informação da Marinha, é bom que se diga, a Marinha tinha um serviço, o Cenimar, que era especializado. Do exército era mais um tipo S2. O CIE só vai ser constituído depois, você entendeu? Então há uma diferenciação no aparelho repressivo ao longo do tempo que eu vivi e convivi com os dois. Aliás eu sofri com eles.

Depois da prisão, quando eu saí, é uma prisão de curto tempo, poucos ficaram muito tempo naquela ocasião. E era uma prisão massiva. Praticamente quem não fugiu foi preso. Então do exército foi para o DOPS, do DOPS foi para a penitenciária. E ali eu convivi com muita gente do mundo sindical, político e tudo.

Queria contar um episódio que eu já contei em outra oportunidade.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Gilney, deixa só eu te interromper um momento. Pessoal, dá pra controlar um pouquinho a temperatura da sala? O ar condicionado está muito frio... Desculpa, Gilney.

**O SR. GILNEY VIANA** – Eu queria contar um episódio porque ele é simbólico do caráter de classe do golpe e da ditadura. Esse episódio eu já contei em outra oportunidade, inclusive num livreto que eu editei eu refiro-me a ele.

Quando eu fui preso em 1964 eu encontrei no DOPS Clodesmidt Riani, deputado estadual pelo PTB. Clodesmidt Riani não era outra pessoa senão o comandante, o chefe, o dirigente maior do CGT, que era a central única que existia antes do golpe, CGT. O CGT era, na verdade, uma composição de comunistas com PTbistas e alguns cristãos também; é assim: da AP somente, certo? Mas o centro era PTB e PCB. E o Clodesmidt Riani, ainda é vivo; quando eu fui preso então, em 1964, eu encontro o cara que era a liderança maior da classe trabalhadora brasileira. Ele era, num sentido assim, ele tinha representatividade, ele não era pouco representativo não, mesmo porque ele tinha sido presidente da CNTI, que era a confederação mais poderosa de trabalhadores que existia naquela época.

Então, quando eu fui preso, em 18 de março de 1970, pelo DOI-CODI, lá do Rio de Janeiro, eu fiquei 38 dias no DOI-CODI, fui para o DOPS, aquele negócio de fazer aqueles inquéritos e depois descemos um grupo de uns 20 presos políticos para Ilha Grande. E quando nós entramos no prédio da Ilha Grande, tinha um hall de entrada onde fazíamos ali uma identificação e você recebia o kit prisioneiro: uma colher, lá naquela época eles davam um uniforme, e tipo um cobertor, uma coisa desse tipo, e uma toalha. E eu estava ali, demoramos, porque eram 20 prisioneiros, então demorava-se um pouco de tempo para que pusesse aquele procedimento de entrada. E eu observei no jardim, eu vi uma pessoa fazendo um trabalho de jardinagem, uniformizado como prisioneiro. E eu observei, eu falei assim: “aquele ali é o Clodesmidt Riani, presidente do CGT, Comando Geral dos Trabalhadores”. E aquilo me caiu a ficha e eu falei assim: poxa vida, porque que o Clodesmidt Riani está preso até hoje? Bem, muito tempo depois é que eu fui saber: primeiro, porque Clodesmidt Riani não era um comunista, um subversivo. Ele era um cara da legalidade, ele era janguista, nem brizolista ele era. Mas tinha um problema para a ditadura: ele era um símbolo da classe trabalhadora que se opunha ao golpe, e é por isso que ele ficou preso e respondeu aos inquéritos todos.

Recentemente, com essa onda de que eu trabalhei e ainda trabalho com a Constituição, apoio a Comissões da Verdade locais e Comitê da Verdade, foi criado um comitê lá em Juiz de Fora, onde mora o Clodesmidt Riani. E ele, aos 90 e tantos anos está lúcido e ele conta a história com aquela generosidade e também com sua visão de mundo, que não é a minha, talvez não seja a de vocês, mas com muita honestidade. Então eu queria dizer que quando eu era do Partido Comunista, naquela época antes do golpe, a gente tinha uma rixa muito grande com o pessoal do PTB e, não vou aqui dizer

os epítetos que a gente falava, mas era uma coisa assim que... Era uma diferença de gente de classe, de uma classe, diferente da classe que tomou o poder assaltando o palácio de arma na mão, que fazia necessariamente destruir os símbolos que eram da classe trabalhadora.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Pergunta inaudível)**

**O SR. GILNEY VIANA** – Ele estava preso sabe por quê? Não era coisa incomum isso lá na Ilha Grande não. Ele não fez isso porque estava, como a gente chamava na época, desbundado. Simplesmente ele não tinha nenhuma razão de não fazer. Ele era um sindicalista, ele não entendia. Aquela luta que nós estávamos fazendo ele não conseguia assimilar, não tinha essa visão que a gente tinha. Mas ele, Diogo, assim como eles precisaram queimar o prédio da UNE, eles precisaram destruir todo aquele pessoal do CGT. Era esse o simbolismo. E você sabe por que eles pressionaram ele? Pra confessar que ele era comunista. Falou: “Ah, isso eu não faço”. Pressionado pela *ininteligível*, ele conta a história, que o Jango e o Brizola eram comunistas. Ele falou assim: “Não, aí pelo amor de Deus”. Ele falou: “Ô coronel, você quer que eu fale a verdade ou quer que eu conte a mentira?” Ele era muito singelo. Aí ele falou: “A verdade!”. “Pois eu digo para o senhor: João Goulart é fazendeiro e não tem nada a ver de comunista. Então essa é a verdade”. Olha, cara, era uma coisa impressionante, porque é muito comum hoje a gente às vezes não ter uma perspectiva de classe e essas coisas precisam ser contadas hoje, certo? E existem outras. Só estou falando umas assim que o tempo não permitiria.

Eu só sei que quando eu saí da cadeia, em 1964, tinha saído em maio, fiquei ainda um tempo ali. O exército me enchendo a paciência, vamos assim dizer, chamando pra levar lá para o 12 RI pra você prestar depoimento, aquela coisa assim de inquérito. Porque naquela época os próprios oficiais faziam seus inquéritos, eles não mandavam para o DOPS. Isso é uma outra geração de repressão. Isso só muda, não muda nem com

a primeira fornada de repressão de 1969. Só muda com a OBAN e com o DOI-CODI, o padrão. Só muda o padrão de comportamento deles aí.

Então eu voltei, eu era militante do PCB mas eu era o que eles consideravam da linha chinesa, porque eles supunham que eu tinha saído do PCB para o PCdoB, porque meus amigos tinham ido. Mas eu não saí, porque eu achava que nós teríamos que ir ao quinto congresso, não é isso? Sexto congresso. E aí, eu não cheguei a ir até o sexto congresso, mesmo porque nós fundamos a dissidência. Era a Corrente Revolucionária contra Corrente Oportunista e Reformista, onde as lideranças maiores, tinham várias lideranças, mas as que eu conheci e lidei, o Mário, Mário Alves, o Marighella, o Toledo... O pessoal do PCB já tinha, já estava refundando o PCdoB, então não se inclui nesses; mais o *ininteligível* também e outros, e o Apolônio de Carvalho. Mas tinha outros companheiros que estavam nessa liderança. A divisão do PCB, ela não chega, praticamente em 1967 que há divisão generalizada. Alguns no final de 1966, outros no início de 1967, como é o nosso caso lá em Minas Gerais. Então nós nos autonomizamos até antes da ALN, do grupamento comunista do Marighella. E o nosso processo tinha a ver com esse debate interno, mas não com a ligação orgânica. E nós fundamos a Corrente Revolucionária de Minas Gerais, da qual eu sou um dos cofundadores e também dirigentes. Eu era da Corrente.

Quando nós fundamos a Corrente, nós tínhamos uma ligação muito profunda com o Mário Alves, porque o Mário Alves era da executiva nacional do PCB, ele era do comitê central e da executiva. E como ele já era divergente eles tiraram ele do Rio também, porque ele tinha sido preso e estava solto, e mandaram pra Minas Gerais. E o Mário acompanhou toda a nossa luta interna lá e nós estabelecemos uma relação. Então eu convivi com o Mário assim, vamos dizer assim, uns dois anos. 1965, 1966, 1967, quase três anos convivi com o Mário e aprendi muito com o Mário. E tinha uma ligação muito forte com ele. Mas nós tínhamos uma diferença porque nós já tínhamos uma visão que era semelhante a do Marighella de que nós não queríamos fundar outro partido. Nós achávamos que nós tínhamos que passar para a guerrilha e aí que a organização vinha depois. Já estávamos assim com uma concepção Marighelista. Mas diferente das organizações que o Marighella... Do agrupamento e, depois, da ALN, nós herdamos do PCB e construímos uma relação com o movimento de massa que nós não abandonamos, nós não abandonamos. Então a Corrente, ele foi protagonista.

Nós tínhamos um comitê operário e tinha uns quadros liberados para o comitê operário e disputamos junto com a AP a direção do sindicato dos metalúrgicos, ganhamos do pelego. Disputamos o sindicato dos bancários e ganhamos do pelego e nós trabalhávamos tanto o sindicato quanto a atuação, que era das comissões de fábrica, já. E somos protagonistas na greve tanto dos bancários, em três greves, lá em Belo Horizonte. Às vezes as pessoas conhecem só as de Contagem, né? As duas de Contagem. Mas teve mais. Primeiro nós fizemos a de Contagem. Nós participamos da greve dos bancários e da greve da Prefeitura, que a associação, nós tínhamos uma ligação muito forte, eles tinham com a gente.

Acontece que quando a ditadura resolve sair de um enfrentamento policial para um enfrentamento militar, nós já estávamos na visão de que nós tínhamos de nos preparar para o enfrentamento militar. Então, nós, da Corrente, nós somos daqueles primeiros grupos que fizeram as ações da guerrilha urbana, lá em 1968, lá em Minas Gerais. É bom que se diga: com um certo amadorismo, mas não podia ser diferente. Eu nunca tinha visto arma na minha vida. De repente você passa a ser guerrilheiro, andar armado, treinar tiro e andar correndo... Isso é uma coisa brutal. Alguns que passam pelo serviço militar ainda aprendem alguma coisa, mas eu não tive nem essa infelicidade ou felicidade, porque eles não me aceitaram, porque eu já tinha sido preso em 1964, então eles desconfiaram da coisa. Então eu vou acelerar porque eu estou vendo que temos limites de tempo aqui.

A Corrente, quando nós nos autonomizamos, eu queria deixar claro assim que nós tínhamos um grupo dirigente de seis pessoas. Eu, tem pessoas aí que ainda estão vivas e estão, vamos dizer assim, têm seu modo de vida, que eu respeito, então não vou nominá-las, certo? Só por respeito. Mas esses estão nos livros já. Mas vou dominar dois que são mortos: um é o Hércio Pereira Fortes, e o outro é José Júlio de Araújo, sendo que o Hércio, nós deslocamos ele de Ouro Preto pra ser clandestino no comitê operário de Contagem e na cidade industrial. E tem uma experiência muito interessante da vida dele. E eu com ele porque nós optamos porque nós não íamos abandonar a luta de massa. Então eu, Hércio e um terceiro companheiro, não porque ele não assuma suas responsabilidades, porque... Eu estou evitando porque... As pessoas que quiserem que assumam as suas responsabilidades, eu não vou assumir por ninguém aqui, certo? Vou respeitar os mortos porque... E alguns que eu tenho confiança de falar. Você vê o seguinte: os dois que eu estou nomeando, depois o Hércio foi do comando nacional da

ALN e morreu no comando nacional da ALN. E o Jota é o que retornou de Cuba, depois Chile, depois pra cá, e não teve muito tempo e ele foi assassinado aqui pelo... Todos os dois foram assassinados aqui pelo DOI-CODI de São Paulo, sendo que o Jota tem uma particularidade que é verdadeira até onde nós conseguimos identificar. É a de que, na verdade, ele entregou um ponto falso e ele tentou a fuga. Obviamente ele foi pra ser fuzilado porque ele sabia que... É muito difícil você abrir um ponto falso e depois fugir nele porque eles também não... Eles tinham seus mecanismos também de cerco. Mas essa é a versão que me chegou quando eu estava preso. Eu até escrevi um conto sobre isso, uma crônica, que é de um livro que saiu quando eu ainda estava preso.

Sim, mas, é bom que se diga, Adriano, que nós da Corrente, nós nos reunimos com Marighella e nós fizemos um pacto com Marighella. O Marighella, quem conheceu ele, ele não era um dirigente, ele não se comportava como um dirigente comunista às antigas, porque ele já tinha deixado pra trás, ele não estava nem aí. Então ele falava assim: “nós queremos ser um grupo autônomo mas nós temos que ter um esquema estratégico”. “Pra mim tá bom”. Foi isso. Acho até que foi um prejuízo um tanto pra nós porque alguns erros nós poderíamos não ter cometido com um apoio maior do Marighella. Mas ele tentou nos ajudar até na guerrilha urbana lá enviando o Marquito. O Marquito é o primeiro comandante do GTA.

Então eu conheci Marquito, nós... Bem, circulamos lá em Minas para fazer algumas coisas, na verdade, umas ações guerrilheiras lá. Mas ele estava sob muita pressão, porque ele era comandante aqui do GTA, então ele retornou. Então nós não fizemos. Então depois tivemos que fazer por conta e risco nosso. E uma das primeiras ações que nós fizemos eu comandeí. É aquela história, né: se assumir quando é necessário. Eu estou falando isso porque nessa linha que hoje a Iara relatou tem um companheiro que ele conseguiu furar o cerco aqui da Mooca, que é Antônio Carlos Bicalho Lana, que lá em Minas a gente chamava de Cal, Calzinho, isso era um nome carinhoso porque ele já veio de Ouro Preto com essa denominação. E o Antônio Carlos Bicalho Lana, o Calzinho, ele era um jovem que ele era alto, assim, em relação a mim, pelo menos. E ele tinha uma mão muito grande, assim, e eu tenho uma mão pequena. Então o cara que tem uma mão muito grande leva vantagem pra manejar uma metralhadora, fuzil e pistola. Principalmente pistola grande, tipo 45, Luger, que são mais pesadas e são mais difíceis. Eu sempre gostei de uma pistola 765, porque é muito fácil de manejar e menos pesada. Mas ele não. Ele era um cara...

Então eu estou falando aqui, Iara, que a primeira ação que nós fizemos... Então estava eu, Antônio Carlos Bicalho Lana, Hércio Pereira Fortes e mais um outro companheiro. E está vivo. Bem, os dois estão mortos. Eu estou vivo, o outro está vivo mas os outros dois nós curtimos a tortura e os anos de cadeia. Pagamos caro pela audácia.

Nesse entremeio, o fato de ter uma autonomia organizacional e tática, mas nós tínhamos uma ligação estratégica com Marighella. Então nós enviamos nossos quadros pra treinar em Cuba. Nós da Corrente. Enviamos seis quadros. Desses seis quadros, um virou um traidor. Que anátema. E os outros, pelo menos, honraram. É difícil esse negócio de traição, que a gente às vezes fica com suspeição, achando se o cara era infiltrado. Todas as informações que nós já investigamos durante 30 anos, 40 anos, indicam que na verdade o cara tremeu nas bases quando Fleury pôs a pistola na cabeça dele e falou: “É a vida ou Toledo”. Ele entregou o Toledo. Você entendeu? É duro.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Qual o nome dele?**

**O SR. GILNEY VIANA** – José Tavares da Silva. Depois ele virou tipo um cachorro da burguesia, não digo do DOI-CODI, cachorro da burguesia, porque ele chegou a diretor da Fiat, lá em Belo Horizonte, Turim, coisa desse tipo. Bem, era uma conta aí a ser acertada, já que naquela época nós não conseguimos acertar as contas com ele. Deveria ter feito.

Então, quando houve a grande queda da Corrente, em Minas, isso foi em abril, nós reformulamos o comando e no dia nove para o dia 10 de abril, nós fizemos uma reunião do comando da Corrente, que era eu, o Hércio e mais dois companheiros. Um era muito conhecido, que ele era o Zanconato, que ele saiu nos 15 do Elbrick. E outro é um cidadão muito conhecido porque ele ocupava um cargo público relevante. E nós, naquela ocasião, nós já tínhamos tido uma queda, porque, desgraçadamente, lá em Minas, não sei aqui, São Paulo é uma cidade muito grande, já era muito grande na

década de 1960, mas lá em Minas os ônibus todos passavam pelo centro. Eles não tinham um ônibus que passava assim fora do centro. Então, um dos companheiros, que já estava clandestino, ele deslocando-se de um lado para o outro, ele saiu, desceu no centro e veja-se, um banco que nós fizemos, expropriamos, o bancário sacou o cara na rua. Chamou a polícia, seguiram e foram até o aparelho lá e caíram três companheiros. Foi uma coisa fortuita. Claro que sempre tem um grau de, a gente chamava liberalismo, nessa coisa aí que facilitou também, mas foram inteiramente fortuitas. Então nós nos reunimos e tomamos uma série de decisões. Uma delas, como nós tínhamos uma área rural, que era no norte de Minas, nós enviamos alguns companheiros pra lá, inclusive o Nelson José de Almeida. Nelson José de Almeida, no dia 11 de abril foi fuzilado em Teófilo Otoni, depois de algemado e preso. Disse que tentou uma fuga, é possível, a gente não tem... Mas aqui pra nós: você sair de um jipe militar algemado e correr... É difícil essa história. O Nilmário já andou investigando isso e a história, literalmente eles atiraram com fuzil e assassinaram ele.

Nós já tínhamos mortes de outros companheiros, de outros estados, mas é sempre muito doloroso morrer aquele que está militando contigo. Depois você socializa essa dor para todos que morrem, mas aquele com quem você viveu, conviveu, fizemos ação junto, eu, inclusive, com o... E eu comandando com o Nelson, você entendeu? Nós sabemos que a morte se aproximou da gente. Nós tínhamos uma percepção de morte que nós sabíamos que nós deveríamos ou poderíamos morrer. Mas quando ela chega, ela chega de uma forma assim objetiva, não é uma coisa de percepção subjetiva de que vai acontecer, ela acontece.

Nessa época eu já era clandestino porque eu já tinha sido identificado numa ação e os jornais, revistas, todo mundo falava de mim no caso lá. Então quando cai, nós fizemos uma retirada para o Rio e para São Paulo dos quadros da Corrente que estavam queimados e que já estavam procurados. E eu vim para o Rio, depois para São Paulo.

Mas eu vou contar um pouquinho disso de uma forma bem acelerada. Foi aí que nós resolvemos definitivamente acabar com a Corrente e nos integrar organicamente na Ação Libertadora Nacional.

Reunimo-nos com Marighella lá no Rio de Janeiro e eu queria contar apenas um detalhe da minha primeira conversa com Marighella nessa fase da pós queda, porque já tinha outras conversas antes. Eu falava assim: “Ô Marighella”, não era o Marighella, era

Menezes; “Ô Menezes”... Ele pediu um relatório, daí ele falou assim, eu falei: “olha, nós temos que tirar os quadros de lá”. E ele falou assim... E eu estava muito chateado com a morte do Nelson, estava chateado também com as prisões. Sinceramente eu não estava abatido no sentido assim de não enfrentar a luta, mas eu estava muito angustiado com isso tudo e principalmente porque tinham companheiros sob o cerco lá e eles poderiam ser assassinados ou então presos, inclusive o Hércio, que conseguiu furar um cerco, conseguiu atirar sobre um tenente e o tenente ficou baleado mas o tenente ainda atirou nele. Por sorte dele eram aquelas balas que entram e saem. Esse é o melhor tiro que existe, porque vai sofrer né, se existe tiro bom pra sofrer. Pra dar no inimigo você pode escolher o tiro bom, mas pra sofrer não é o caso. E ele sobreviveu ao tiro num ato muito combativo.

Então nos integramos. Integramos gente aqui em São Paulo e lá no Rio de Janeiro e os demais que ficaram em Minas. E o Marighella me deu duas tarefas quando nós estávamos: “olha você fica pra re..., primeiro pra ajudar a tirar o pessoal de lá”, que ele não conhecia, obviamente. Ali ele não conhecia. “E segundo para reconstituir já dentro da ALN”, não só quem restasse e quem ainda sobrevivesse lá em Minas como também no Rio e... Principalmente no Rio. Depois, alguns deslocaram pra São Paulo.

E foi uma tarefa que eu comprei durante maio, foi o tempo, até a morte do Marighella. Nesse período eu tive uma convivência maior com o Marighella por duas razões: primeiro porque ele se interessava por...porque Marighella tinha um raciocínio estratégico. Ele falou: “O triângulo estratégico é Minas, São Paulo e Rio”. Então ele falou assim: “não podemos perder Minas Gerais”. Então ele tinha essa visão política, estratégica. Segundo porque era uma série de quadros que está em Cuba, está em São Paulo, está ... Então tínhamos de reintegrar esse pessoal.

Então ele era muito objetivo nas decisões. Falei da morte do Nelson, falei das prisões e tudo e ele falava assim: “O Augusto”, meu nome naquela época era Augusto, muito conhecido, mas depois Marcos; “você tem que pensar que você e outros companheiros furaram o cerco militar. Isso é muito importante numa guerra. E agora nós temos que pensar em reconstituir nossa base lá e nós avançarmos daqui para diante. Os companheiros terão solidariedade, mas não é o momento de você...” Ele pensava pra frente, era um cara muito audacioso, muito estratégico. Então aquilo foi muito importante também pra mim. Mas também convivi muito com ele porque eu vivi num

aparelho da ALN, que era lá na Tenente Vilas Boas, porque a Iara conhece bem, que a Zilda estruturou. E esse aparelho, o Marighella às vezes marcava de encontrar com pessoas lá nesse aparelho onde eu ficava. Então às vezes ele foi lá pra conversar comigo outras às vezes não foi pra conversar comigo mas foi pra conversar com outras pessoas que já me viram lá, era *ininteligível*, coisas desse tipo. Mas toda vez que ele ia lá a gente conversava. A gente discutia política e sobre a guerra, esse troço todo.

No livro do Mário, inclusive, eu tenho uma passagem. Como, não obstante estar integrado... O Mário Alves. Não, o livro do Mário Magalhães. Tem uma passagem lá que ele relata, que é verdadeira e infelizmente não muito, assim, discursiva, é que, não obstante eu ser da ALN, eu sempre conservei minha amizade e meu companheirismo com o Mário Alves. Você vê que o Mário Alves, de verdade, era o principal dirigente do PCBR. Eles tinham um instrutor de partido, então ele era um tipo de secretário-geral. E era uma pessoa de uma formação comunista mesmo, antiga.

O Mário foi pra Cuba, Mário Alves; quando ele retornou nós fizemos um encontro, eu, ele e outra companheira. E depois disso o Marighella passou no aparelho e nós conversamos sobre o que o Mário nos relatou de Cuba, porque eu tinha muita intimidade com o Mário e ele tinha confiança demais em mim. Obviamente não na questão da organização dele, que não tinha muito sentido. Apesar de que até isso nós discutíamos, sobre o futuro PCBR, sobre ALN, coisa desse tipo. E tivemos uma conversa política muito boa, eu tive com o Marighella, sobre essa visão do Mário e essa questão de Cuba.

Cuba já tinha alguns problemas lá com o pessoal da ALN, já tinha algumas... E particularmente com os cubanos, que essa é uma história que um dos jornalistas relata mas eu não vou reproduzir aqui.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quem relata?**

**O SR. GILNEY VIANA** – O Mário Magalhães relatou um pouco dessa história. É um pouco mais complexo do que ele fala ali, mas ele dá uma noção do problema.

Pois bem. Depois que eu executo essas tarefas, aí eu já tinha combinado com o Marighella, falei assim: “olha, Marighella, depois disso eu quero ir para o treinamento e já quero voltar para a guerrilha rural”. Ele falou assim: “então é exatamente isso que eu quero que você faça”. Então quando deu em outubro, que já tínhamos recontatado, já tínhamos reintegrado e tudo, aí eu mesmo cobrei dele, porque eu falei: “olha, pra mim já... Já não tenho mais o que fazer nessa parte aqui. Ou eu passo à outra tarefa ou não”. Aí ele falou: “então você vai para Cuba e quando você vier você já vem para a guerrilha rural”.

Então, no dia 31 de outubro, se não me falha a memória, mas eu acho que estou certo, foi a última vez que eu vi o Marighella no Rio. Ele foi lá no aparelho, quando ele falou: “olha, você vai”, foi ele que me comunicou, ele não mandou terceiros. Aí eu peguei e ainda falei com ele : “ah, tudo bem”, me despedi. Ele falou assim: “mas você fique tranquilo que eu ainda vou te ver, eu ainda vou...”, ele falou assim: “não fique despedindo não porque eu ainda, nós podemos ainda nos rever”. E realmente naquele dia, isso era, se não me engano, uma sexta-feira, num sábado, eu não me lembro o dia certo que cai 31, acho que na sexta.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Quatro de novembro era uma quarta-feira.

**O SR. GILNEY VIANA** – Quarta-feira? Pois é, mas naquela época, salvo engano, era terça. Mas isso pode averiguar aí. E eu só sei que no domingo, que foi dia dois, minha data está assim, pode ser que eu esteja enganado; eu me despeço dos companheiros do Rio e aí estavam lá pra eu me despedir o Hércio Pereira Fortes e o Arnaldo Cardoso Rocha. E tinham duas companheiras que estavam conosco e nos

despedimos. E também foi a última... Não, do Jiboia... Não, ainda vi depois que eu retornei.

Aí eu fui pra São Paulo, levaram-me num Fusquinha da ALN, que era legal, e nós fomos para São Paulo. Aí, quando eu chego a São Paulo, aí o pessoal me entrega ao Tião, o Otávio Ângelo. Aí o Otávio Ângelo me leva para o Marighella. Aí nos encontramos ali perto, onde ele foi assassinado. E quando nos encontramos foi no dia dois à noite. Aí o Marighella falou assim para mim falou assim: “olha, nós estamos com alguns problemas no nosso esquema de saída e então talvez você vá ter que demorar um pouco aqui mais do que nós pensávamos, aqui em São Paulo”. E aí ele me deu uma tarefa. Ele falou assim: “olha, já que nós estamos pensando no campo, eu queria que você... Aproveita seu tempo e lê tudo sobre os conflitos no campo aqui que geraram um tipo de guerrilha”. E eu fui, obviamente que, não sabia quanto tempo, né, aí eu falei: “vou fazer isso, não tem problema nenhum”. Na verdade eu achei bom.

Acontece que no dia quatro à noite o Marighella foi assassinado. E eu estava numa, não sei dizer nem se era um aparelho, eu acredito que nesse sentido não era, era uma família de operários que morava aqui na zona leste, que eram ligados à ALN e particularmente eram contato do Otávio Ângelo. E eram operários, uma família modesta, decente, mas de renda baixa. Mas ele era militante. E nós estávamos escutando futebol quando parou o futebol. Parou o futebol, não, abriram a janela e eles deram a notícia do assassinato do Marighella. Rapaz, aquilo foi uma coisa terrível, porque eu não falei nada. Estávamos numa salinha que era pequenininha eu, ele e a filha dele, que era uma mocinha, uma moça, que já tinha percepção de política, ela sacava. E a mulher estava cuidando de serviços domésticos, cuidando na cozinha, que era tudo muito próximo de televisão. Só sei que nós ficamos assim em silêncio, não falamos nada, não conseguimos... (*emocionado*). Aí esse companheiro, quando ele passou o choque ele começou a chorar. Aí eu fiquei... Eu não sei, entalado, sabe como é que é? Ainda saí, porque essas casas de operário antigamente tinha um jardimzinho, uma coisa desse tipo, que a mulher cuidava, coisa assim. Isso é na década de 1960, ainda, ali naquela zona ali que era depois do cemitério da Vila Formosa, andando assim, que eu não conheço muito São Paulo. Descambando assim lá pra baixo.

Eu sempre fui muito duro, agora estou muito mole, estou chorando demais, mas naquela época eu não chorava fácil não, mas aquilo foi uma coisa muito terrível na vida

da gente. (*emocionado*). Aí eu falei assim: “puxa vida”. E o pior não é isso, que o Tião foi preso assim uns 10, 15 dias depois.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O operário?**

**O SR. GILNEY VIANA** – Não, o Otávio Ângelo. E eu saí do aparelho, eu falei assim: “vou vazar daqui”. Aí eu falei com ele: “ô Tião, me arranja uma grana aí que eu vou alugar um quarto”. Porque eu também via a situação que ficou a família lá do operário, e a mulher transtornada e ele... E você com arma... Cria uma situação meio difícil de administrar e eu falei: “não”. E pior que você não conhecia nada, não conhecia São Paulo. Aí eu e um outro companheiro que tinha vindo pra cá comigo, aí nós alugamos um quarto numa pensão e mudamos. Aí nós ficamos descontentados com a queda do Otávio Ângelo e demoramos. Aí para sobreviver um mês, dois meses descontentados, foi uma coisa meio brutal, num grau de dificuldade que todo mundo que passa por isso sabe.

E quando *ininteligível* eu já tinha decidido ir ao Rio. Então eu volto no carnaval. Falei: “vou no carnaval, porque é mais fácil. É provável que sejam mais liberal nas entradas, saída, no ônibus”, né. Nós pegamos um ônibus, fui para o Rio. Recontatei lá e foi nessa ocasião que, eu tinha uma companheira, que era Efigênia Maria de Oliveira, e nós passamos a morar juntos e ela tinha um trabalho, porque mulher era mais fácil arranjar trabalho na clandestinidade porque não exigia o documento militar. Então você tirava o título, certidão e a carteira profissional. Então qualquer serviço aceitava ou qualquer que estivesse precisando, obviamente. Então ela tinha um emprego estável. Então eu achei que eu estava muito seguro. Eu falei: “não caí em São Paulo, eu volto para o Rio”. Aqui estava “brabo”, a coisa não estava bem, do ponto de vista de segurança.

Quando voltei para o Rio, bem, não demorei um mês e eu fui preso. Acho que um mês, por aí, porque o carnaval naquela época ocorreu em fevereiro, não ocorreu em

março, se não me engano, certo? Acho que um mês, um pouco mais. Sinceramente não me lembro direitinho. Eu fui preso quando eu estava num aparelho nosso.

Bem, eu queria falar de duas coisas sobre essa coisa da prisão aqui que eu tenho falado isso quando eu tenho oportunidade. É muito comum as comissões da verdade se preocuparem, e não é incorreto, é correto, com a prisão e tortura e os assassinatos. E há uma preocupação muito pequena de quem ficou na cadeia. Eu passei por isso, eu fiquei no DOI-CODI, fui torturado, como os outros, não mais nem menos. Eu acho que teve gente que foi mais, e quem foi para as casas clandestinas provavelmente, e pelo relato da Inês, que é sobrevivente, muito mais. Mas o conceito que eu tenho, o Deputado Diogo, é o seguinte: tortura é o método rápido de destruição. Essa é a via rápida. Cadeia, prolongada, cadeia pequena não; cadeia prolongada é o método longo de destruição. E particularmente, quando eles acirraram o enfrentamento, em 1971, eles passaram a querer me destruir ideológica, psicológica e fisicamente dentro da cadeia. Então você vai ver o efeito aqui, no Presídio Tiradentes, que vai gerar a greve, isso em 1972; você vai ver isso no final de 1971 no presídio de Linhares, onde eles põem um agente do DOI-CODI pra ser o diretor, um assassino da PE, que o diabo do cara era uma coisa...

Eles tinham um oficial, o exército controlava a cadeia lá; antes era um oficial de inteligência. Pessoal da inteligência é aquela história, né, como dizem: não vai ser na conversa que ele vai tirar a coisa da gente, principalmente um militante mais experiente. E principalmente na conversa onde o cara não estava torturando. Na tortura você não entregou, vai entregar no “lero-lero” de um cara desse? Era um capitão da inteligência. Eles tiraram e puseram um tenente bate-pau da PE. E foram anos de controle, de punição, sente ameaça de tortura... E quando eles fizeram ofensiva para destruir o coletivo, a mesma coisa que eles fizeram logo depois aqui no Tiradentes. E distinguir aqueles que eles achavam que era irrecuperáveis daqueles que eles achavam que eram mais ou menos e aqueles que eram recuperáveis. E aí, como dizem: você dissocia, segrega, tanto é que eu fiquei seis anos segregado do convívio dos outros companheiros. Eu e outros, eu sozinho, não. Depois, no final, tinha uma galeria só pra nós. Então isso é um elemento que precisava ser melhor trabalhado.

Eu acelero pra dizer que seria importante a Comissão aqui, a Rubens Paiva, mas também a Comissão Nacional da Verdade, averiguarem as condições de sobrevivência

dos presos políticos nas cadeias, porque no Carandiru, na Ilha Grande, em Linhares e Itamaracá, passamos... Bem, sem contar aqueles períodos que alguns passaram na Ilha das Cobras, na Ilha... Que ali foi na mesma época que eles passaram isso para dar sufoco em quem era mais, aparentemente, ao ver deles, eu não estou julgando os outros, não é meu papel aqui nem o local... Nós já julgamos muitas pessoas. Na ALN já julgamos as pessoas e lá na cadeia nós julgamos muitas pessoas. E ao estilo da ALN, que era meio barra pesada. Julgo eu que cometemos erros também nessa linha. E sobreviver numa condição dessa, sendo sobreviver com dignidade, com sobrevivência ideológica e com enfrentamento político, sabendo quem era o inimigo do outro lado, exigiu muito daqueles companheiros e companheiras dos quais eu faço parte. Então eu diria assim que...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Você ficou preso 10 anos?

**O SR. GILNEY VIANA** – Eu fiquei preso do dia... Nessa segunda prisão, né. Eu fui preso do dia 18 de março de 1970 ao dia 21... 21 ou 22? Eu acho que é 21, mas a Iara está falando que é 22, de dezembro de 1979. Observe que a Anistia foi em 28, foi quando foi publicado, 28, 29 de agosto de 1979. Naquela ocasião eu já tinha cumprido nove anos e meio e não fui solto.

Eu não fui solto, na verdade, por Anistia, por nada, como todos os presos daquela época, quase todos, que estavam carregados de sentenças. Eu fui solto sob legalidade constitucional, que é um elemento do Código Penal, Código Civil. Hoje andaram mudando isso porque tem outras variedades de situações penais. E eu ainda fiquei quatro anos e meio cumprindo pena sob liberdade condicional, com a polícia federal ali de “busu” em cima de você. Mas eu não ligava muito pra isso porque nós já estávamos em outro clima também e estávamos na militância política do mesmo jeito, com eles ou sem eles.

Então eu diria o seguinte, pra concluir: destruição lenta. As cadeias, eu tenho reclamado pra poder fazer uma coisa... Sabe por quê, Adriano? Tem companheiros que resistiram à tortura e não resistiram à cadeia. Resistiram à tortura e não resistiram à cadeia. Tem companheiros que foram valorosos, não cederam um milímetro, por assim dizer, e na cadeia, como é uma coisa longa e as conjunturas variam, e a repressão jogava de uma forma diferente, às vezes foram derrotados política, ideologicamente. É claro que nós fomos derrotados militarmente. E foram derrotados politicamente, até uma certa altura. E isso foi um baque violento na companheirada na cadeia. E a resistência que foi feita na cadeia eu diria que é uma página muito bonita, sem nenhuma "frescurite" aqui de achar que eu participei ou não participei. Eu participei. É porque ela foi um gesto coletivo, não é gesto heroico de indivíduos não. Um gesto coletivo que ele é comparável ao dos velhos comunistas, do Marighella e dos companheiros de 1935 que foram levados para Noronha, Fernando de Noronha; os companheiros que foram lá para Ilha Grande, os companheiros que viveram no PP, ali. Lá no PP, onde a Olga Benário foi tirada lá, do PP. Que antigamente a gente chamava de Presídio Provisório, na época de Vargas. Depois eu passei pelo PP também, nós passávamos para ir para Ilha Grande. Então são histórias assim que merecem ser contadas.

Finalmente, a última coisinha que eu queria dizer é que durante todo esse tempo na cadeia, como a cadeia vive várias conjunturas e várias situações, obviamente que eu tive tempo para poder refletir e escrever. E eu ficava muito indignado porque os companheiros de 1945, 1947, você vê que tem poucos documentos sobre o cárcere político da época da ditadura de Vargas. Poucos. Só tem o livro clássico, que é de Graciliano Ramos, que é "Memórias do Cárcere". E já tem alguma tese aqui ou outra, muito parcial, sobre coisa.

Então eu sempre, desde o início, quando eu era um militante que já tinha sido preso, já tinha alguma experiência maior do que alguns mais novos, eu sempre tive a preocupação de memória. Sempre tive na cadeia. Então eu sempre fui daqueles o seguinte, que era fundamental a gente preservar o arquivo do coletivo. E só pra você preservar o arquivo do coletivo era uma luta, companheiro, num lugar onde a polícia dava batida, te ameaçava levar para o pau e a PE fazia aquele escarcéu dentro da sua cela. Era uma luta. Muita coisa nós aprendemos com os comuns, os presos comuns, dos cafofos. Mas depois nós começamos a exercitar nossa imaginação criativa e

conseguimos sobreviver. Isso é uma coisa que vale a pena também, depois, ser explorado.

E finalmente, mais uma vez, é a terceira vez que eu falo finalmente, dizer que desde o início, tanto é que eu tenho um livro escrito, tenho três, que eu escrevi dentro da cadeia, sendo que um, o Movimento de Anistia, o Comitê Brasileiro de Anistia e o Movimento Feminino de Anistia editou quando eu estava preso, que chama-se "131 D", que é o número de uma cela em que eu estive, lá em Linhares, "Memorial da Prisão Política". Tudo ali que está relatado são fatos verdadeiros, mas literalizados porque, afinal de contas, eu estava também na mão da repressão e um pouquinho de cuidado não faz mal a nenhum comunista ou nenhum revolucionário. Então eu tinha um certo grau de preservação também, mas é tudo verdadeiro, tudo é verdadeiro.

Também escrevi um outro, juntamente com Perly Cipriano, já sobre a greve de fome contra o projeto de lei da Anistia parcial, do Figueiredo, que acabou sendo aprovada e que nós nos rebelamos contra ela. Chama-se "Fome de liberdade". Tem um registro daquela luta, que foi nacional, não foi local, foi nacional. Companheiros aqui do Barro Branco também fizeram. Bom que se diga que o coletivo daqui era muito dividido e tinha visões diferentes sobre o momento histórico, "pá, pá, pá", mas não nos interessa aqui. Mas quem quiser ver as diferenças pode ler no livro porque eu guardei também os documentos entre, aqueles que eram relevantes, entre as cadeias, os coletivos. O debate entre os coletivos, nacional.

E algumas pessoas eram os pombos-correio. Algum deles faleceu recentemente, é objeto de um livro e de um filme, que é o Padre Renzo, que foi uma pessoa belíssima, adorável, muito respeitável.

Então desde então, e o fato também de ter casado com a Iara, depois do retorno dela, então nós somos uma família que vive isso 24 horas por dia, mesmo quando a gente não quer. Porque às vezes a gente não quer, pelo menos espriar a cabeça, tirar férias. Mas às vezes você encontra com outras pessoas e as pessoas te identificam como esse seu passado. Então passado é presente. Termino assim: por que que nós nos emocionamos, por que que nos afeta assim emocionalmente? Porque não temos jeito de fugir disso e nem queremos fugir. Mas nós esperamos que se a gente socializar nossa dor, nosso conhecimento, nossa expectativa de que essa Comissão da Verdade cumpra, eu não diria 50%, 100% de sua tarefa, não. Se ela cumprir 50%, eu sou pessimista, ela já

terá dado uma contribuição importante. Mas aqui pra nós: vão ficar os outros 50% pra nós continuarmos a luta? E os desaparecidos, não consegue aparecer ninguém? E os torturadores que nós não conseguimos botar no banco dos réus, nós não conseguimos colocar no banco da Comissão Nacional da Verdade, o banco da comissão da verdade. Não conseguimos apreender os documentos secretos do DOI-CODI. Nem a escala de trabalho deles nós não conseguimos; que foi isso que levou os torturadores lá na Argentina a quebrar o monopólio e a opressão da corte suprema, lá. Foi a escala, a escala de trabalho, que foi capturada. Que foi capturada ou cedida, sei lá como é que foi.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Agora vai haver a abertura total dos arquivos.

**O SR. GILNEY VIANA** – Espero. Então, agora sim, lá na Argentina. Porque até hoje não abriu o arquivo da Argentina. É bom que se diga que arquivo da Argentina, Chile, nenhum abriu. Sendo que no Chile, que às vezes a gente cita como exemplo, a Comissão da Verdade lá ainda falou que tem 50 anos de segredo. Não podemos aceitar isso. Ainda bem que a nossa, pelo menos isso, não caiu nesse ridículo. Só que lá tem um problema: por outros mecanismos levaram os caras, quebraram a situação de impunidade.

Então é nessa expectativa, Diogo, de que toda essa luta nossa, todo esse sacrifício, toda essa dor, todo esse modo de a gente operar, que não existia comissão e os familiares de mortos e desaparecidos são exemplo disso, mais os ex presos, que começaram essa luta. Porque é dali que parte a denúncia dos mortos, desaparecidos, da tortura e tudo. Nós queríamos pelo menos que esses fatos ganhassem uma dimensão política que aqueles que o fizeram não sejam capazes de determinar os rumos do Brasil politicamente.

Esses dias um general da ativa assinou um artigo aqui no "Estado de São Paulo". Quer dizer, isso é intolerável. Isso é um absurdo.

Então, se nós tivermos um ambiente político como esse que vocês estão construindo aqui na Comissão da Verdade Rubens Paiva, nós provavelmente vamos ter um ambiente político que evita que esses golpistas, com os seus descendentes, corporativamente, voltem a falar "revolução democrática, em inimigo interno, em justificar os excessos da repressão, que a tortura, o mártir, assassinatos, depoimentos forçados", tudo isso que eles são responsáveis e que um dia, um dia, eles pagarão não apenas moralmente, como certamente, nós estamos impondo esse ônus moral para cima deles, e político também. Mas quem sabe um dia, que nós possamos penalizá-los, por um tribunal independente, por um tribunal decente, não aqueles que nos condenaram, como igual àqueles. Um tribunal decente capaz de julgar com independência, com autonomia, com as provas e colocá-los, vamos dizer assim, pra pagar seus crimes de lesa humanidade. Muito obrigado. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Eu agradeço e amanhã continuaremos. Obrigado. A sessão está suspensa.

\* \* \*